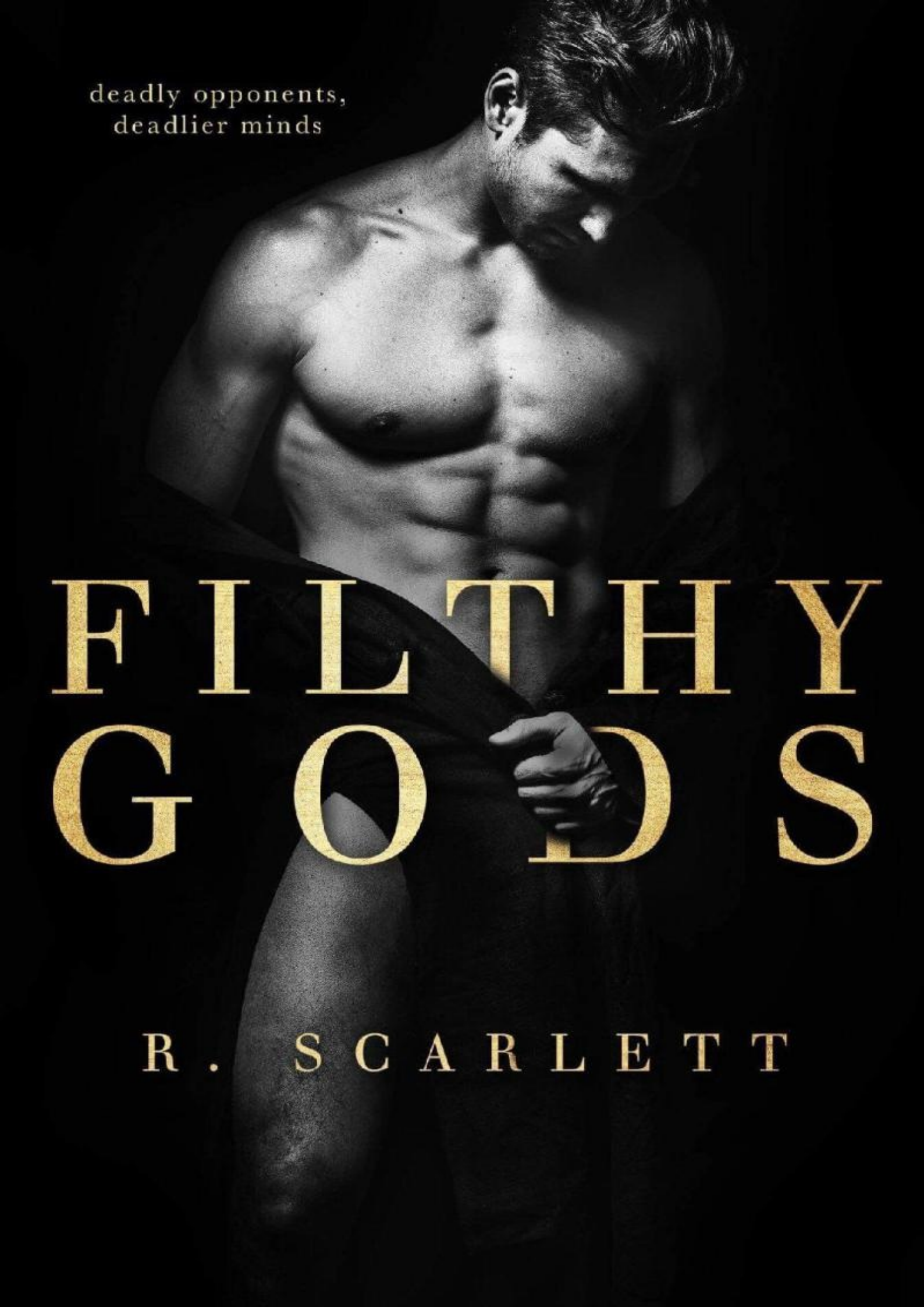

deadly opponents,
deadlier minds
FILTHY
GODS
R. SCARLETT



TRADUÇÃO E REVISÃO: LUANNA E BIANCA

OUTROS LIVROS DE R. SCARLETT

BLACKEST GOLD SERIES

Vein of Love

Body of the Crime

A Vow of Thorns

To Crown A Beast

BLACKEST GOLD WORLD SERIES

When Sinners Kneel (Livro Único)

INDICE

CAPITULO 1
CAPITULO 2
CAPITULO 3
CAPITULO 4
CAPITULO 5
CAPITULO 6
CAPITULO 7
CAPITULO 8
CAPITULO 9
CAPITULO 10
CAPITULO 11
CAPITULO 12
CAPITULO 13
CAPITULO 14
CAPITULO 15
CAPITULO 16
CAPITULO 17
CAPITULO 18
EPILOGO

CAPÍTULO 1

Meu coração quase saiu pela minha boca com a visão do meu inimigo na minha frente. Vestido com um terno azul marinho que se encaixava no seu corpo, como se tivesse nascido vestindo um, seus ombros largos e seus quadris estreitos marcavam o homem perfeito. O homem que eu odiava e em um terno que teria custado um ano do meu aluguel em New Haven.

E aqui estava eu, na pior posição possível.

De joelhos, limpando os cacos de vidro em seus pés.

Por três anos, eu competi contra Nathaniel Radcliffe. Sempre tentando ser melhor, mais inteligente, mais rápida – qualquer coisa a *mais* que ele. E em questão de segundos, tudo isso tinha desmoronado em volta dos meus joelhos doloridos.

Diferente dele, eu não vim de uma família rica, nadando em poder e sucesso. Duas coisas que tinham se cimentado em seu DNA.

Eu vim de um bairro em New Haven onde ter que usar todas suas roupas de inverno na cama, durante os meses mais frios, era normal.

E agora, o homem que eu desprezei pelos últimos três anos em Yale, sabia que eu não era privilegiada igual a ele.

Não quando eu estava trabalhando como camareira no mais prestigiado clube de campo da costa leste.

Os cacos de vidro estão espalhados em volta das minhas sandálias

brancas, brilhando como diamante sob o brilhante lustre a cima de nós.

- Não era minha intenção te assustar, - ele diz com sua voz grossa e devagar, como se as palavras fossem calculadas e medidas antes de sair de sua boca. Tinha um toque de presunção nelas também.

Eu imediatamente quis arrumar os fios pretos do meu cabelo que se soltaram ao redor do meu rosto, mas cerrei minhas mãos para me impedir. Ele em seu terno perfeito, com sua pele perfeita e seu cabelo perfeito.

Pressiono minha mandíbula, implorando a mim mesma para não dizer uma palavra, não lançar um insulto. Sempre que estava perto dele, parecia que era uma segunda natureza para mim. Passar anos debatendo com ele em frente a elite de Yale tinha me deixado preparada para sua presença. Como se uma armadura feita de aço e ferro me protegessem dos canalhas ricos da universidade.

Se ele não tivesse ficado parado em silencio me olhando e então decidido se anunciar limpando sua garganta, eu não teria pulado e derrubado copos de champanhe na suíte Dior que eu estava limpando. Minhas mãos foram na direção do meu coração enquanto eu olhava para Nathaniel Radcliffe III.

E então eu me ajoelhei, olhando fixamente para o vidro quebrado.

– Eu pensei que você estava passando o verão no sul da França. – Ele falou novamente, e meus olhos foram para seus sapatos de couro Italiano. Cada centímetro dele estava coberto por roupas de marca e relíquias de família, mas ele vestia com a confiança de um homem bem estabilizado na sua carreira. Ele tinha apenas vinte e um anos e com todas as vantagens: riqueza, nome, beleza, e notas boas, ele tinha tudo na palma de sua mão.

Eu não o respondi e estendi minha mão sobre o pristino chão de mármore, tentando pegar os cacos pequenos.

Eu recuei quando um caco perfurou minha pele, mas isso não me parou. Seria necessário muito mais do que um pequeno caco.

Então meu inimigo fez o inesperado. Ele se abaixou, a sua calça se ajustando em volta das suas coxas, e seus longos dedos pegaram um dos cacos. Meus olhos seguiram o movimento elegante, assistindo enquanto ele examinava o vidro entre seu indicador e seu polegar.

Devagar, ele apertou e o caco cortou seu polegar, o suficiente para o sangue escorrer, mas não o suficiente para fazer uma bagunça. Um vermelho que contrastava com sua pele bronzeada.

Então o Deus sangra.

Um homem alto, robusto, de beleza impressionante, suas características fortes, perfeitamente esculpidas, sua boca grande. Seu cabelo castanho pairava sobre sua testa, enquanto aqueles olhos turquesa eram acompanhados de cílios negros.

E eu odiava cada átomo do seu ser.

Ele levantou, me olhando e então levou seu polegar até a boca e chupou uma vez. O estalo causado pelo seu dedo deixando sua boca, fez um tremor inesperado correr pela minha espinha.

Eu engoli seco.

– O que você está fazendo aqui, Nathaniel?

Eu gostei do jeito que seus braços e um músculo na sua mandíbula se contraíram ao som do seu nome inteiro. A maioria das pessoas o chamam de Nathan, mas eu preferia me dirigir a ele o mais formalmente possível.

Mantinha a tão necessária distância entre nós dois.

Pelo jeito que seus olhos escureceram, como uma tempestade se preparando, eu imaginei que ele tinha odiado.

Que bom.

Mas apesar da desaprovação em seu olhar, um sorriso malicioso tomou conta de seus lábios. – Minha família é dona desse clube de campo, Juliette.

Eu congelei, minha coluna se endireitando e eu não pude conter meus olhos de se arregalarem enquanto eu o encarava.

Sua família era dona do Clube de Campo Hawthorne.

Esse clube.

Como eu não sabia disso? Eu pesquisei sobre a dona.

– É herança da família da minha mãe. Ela que o administra. – Ele adicionou, com um encolher de ombros. – Hawthorne era o seu nome de solteira. Era um clube de cavalheiros até 1997, quando minha mãe assumiu e reinventou como um resort familiar.

As famílias dos ricos e famosos se juntavam na grande propriedade. Uma casa de pedras brancas com trepadeiras frescas subindo até o telhado preto. Era gigante com quarenta e dois quartos e cinco grandes suítes, sem mencionar os alojamentos particulares espalhados nos acres de terra verde.

Todas as pessoas capazes de pagar a adesão generosa requisitada para ficar na propriedade Hawthorne estava aqui. Qualquer um com poder, dinheiro, um nome de família importante.

Nenhum dos quais eu possuía.

Mas um dia eu teria.

Um dia eu serei poderosa e temida, e não estarei esfregando os pisos sujos do clube de campo.

Conforme eu me sentei no chão sob seu olhar vigilante, eu tentei repetir isso em minha cabeça.

Eu serei melhor que ele.

Eu serei mais forte do que ele.

Mas eu me senti nua, exposta a ele. Meu cabelo escuro estava amarrado em um coque apertado, mas por conta da humidade lá fora, alguns fios de cabelo soltos cercavam meu rosto. Minha saia havia levantado em minhas coxas e eu tentei puxá-la para baixo, mas seus olhos acompanharam o movimento e eu parei. Eu estava uma bagunça – ele estava perfeito. Como sempre.

Por anos eu tive que manter tudo para mim mesma. Eu estudei muito e ganhei meu sustento. Nenhuma das pessoas ricas da faculdade sabia que eu não era rica. Nenhuma delas sabia que eu estava lá com uma bolsa de estudos graças a assistência social, uma em que eu estava perto de perder pois não estava mantendo a média de 3.8 em todas as matérias. Eu tinha que aumentar minhas notas para manter a bolsa de estudos.

E havia apenas um estudante que sempre tinha notas maiores que as minhas.

Nathaniel Radcliffe.

Eu queria sufocar ele com gasolina. Com nos dois cursando Pré Lei, e no top 3 da nossa classe, eu precisava desesperadamente ser notada pelas escolas de Direito em que eu planejava me candidatar com esperança de me oferecerem 100% da bolsa de estudos. Porque eu

seria aceita, não tinha duvidas sobre isso. Eu só precisava de algo que me diferenciasse de todo mundo. Eu precisava estar no topo da minha classe. E precisava do dinheiro mais do que ele, para pagar pelas aulas.

Ele era apenas um homem, eu sabia disso, mas ele e seus amigos eram tratados como Deuses. Não ajudava que eles pareciam como tais, intimidadores, perfeitos e letais.

Nathaniel andava pelo campus com seus suéteres Ralph Lauren e eu andava rezando para ninguém notar as olheiras debaixo dos meus olhos.

Muitas noites passadas em claro estudando Latim depois de trabalhar até meia noite tendem a fazer isso com você.

Enquanto a maioria dos estudantes aproveitavam suas vidas sociais, eu não tinha uma e eu estava de acordo com isso. Eu precisava focar no meu sonho de me tornar uma advogada e um dia trabalhar como senadora.

Eu não me importava de fazer sacrifícios se isso significasse que eu alcançaria minhas metas.

Por eu ser uma mulher determinada e confiante, os homens preferem se manter o mais longe possível de mim. Eles tendem a ter medo dessas coisas em uma mulher pois é intimidador – como se estar com uma mulher confiante fizesse deles menos homem.

Mas Nathaniel Radcliffe? Ele não tinha medo de tal coisa. Em fato, ele tinha um prazer doentio em me irritar o tanto quanto possível, por essas razões.

E eu sempre retrucava seus insultos bem elaborados.

Eu tinha trabalhado duro para esconder meus múltiplos empregos,

entre trabalhar na biblioteca do campus e trabalhar como garçonete para me manter. Uma vez a faculdade descobriu sobre meu segundo emprego, e eu tive que escolher entre os dois e escolhi a biblioteca. O emprego na biblioteca era somente durante o semestre. Eu não estava recebendo o suficiente e não estava mantendo a media de 3.8, eles tiveram que cortar minha bolsa para quase a metade do que eu tinha nos primeiros três anos. Eu não podia perder agora. Não quando eu estava tão perto de terminar. Somente mais um ano. Mais um ano letal em Yale competindo contra Nathaniel, e estaria livre.

Mas agora, ajoelhada diante dele, eu estava tremendo.

De raiva, de medo, de horror.

Se ele contar para os outros o que eu estava escondendo, que eu não era bem de vida, as pessoas irão me tratar diferente. Eles terão dó de mim ou me ridicularizar. Eu seria rotulada como a *garota pobre de Yale*.

Ele tinha conexões ao redor do campus. Para a equipe política de Yale, até o jornal de Yale onde eu era voluntaria.

Nathaniel tinha se sucedido em se inserir em todos os aspectos da minha vida – ele estava em todo lugar. O tempo todo.

Como o Professor Adams se ofereceu para ser minha referência para o clube Hawthorne, eu agarrei a chance. Eu precisava do dinheiro e pelo o que ele me contou, eu poderia fazer o suficiente aqui para o resto do meu último ano.

Eu nunca pensei que *ele* estaria aqui.

- Eu tenho que admitir, eu não esperava ver você aqui. – Nathaniel sussurrou, os cantos da sua boca se contraindo enquanto ele olhava para o meu uniforme branco.

Era dolorosamente obvio que eu trabalhava aqui.

Um rubor vermelho subiu pelo meu pescoço, mas eu respirei fundo e exalei pelo meu nariz.

- Essa será a última vez que você me verá de joelhos na sua frente. – Eu disse entre os dentes cerrados e consegui me levantar, arrumando a saia branca. Todas as camareiras eram obrigadas a usar uma blusa branca com uma saia branca que terminava no meio das coxas, e seus cabelos amarrados em um rabo de cavalo baixo ou em um coque. Sem joias, sem batons chamativos. Tínhamos que ser invisíveis, quanto menos invasivas possíveis.

Eu me encolhi. Eu não gostava de ser silenciada, de sentir que eu não tinha uma voz.

O canto da boca do Nathaniel se curvou. – Como seu chefe, eu duvido que essa será a última vez, Juliette.

Eu levantei minha cabeça, com os olhos arregalados.

Ele apenas sorriu. – Termine de limpar meu quarto e então você está dispensada.

Eu cerrei minhas mãos, mordendo o canto da minha bochecha enquanto olhava ele se virar e deixar a suíte.

O quarto dele, ele disse.

Claro, eu gemi interiormente. *Claro que esse é o quarto dele.*

Eu não podia perder esse emprego, mesmo que me matasse ter que servir Nathaniel Radcliffe.

CAPÍTULO 2

Toda manhã era a mesma coisa. Nós levantávamos as 5 horas da manhã e nos preparávamos para nos encontrar na entrada, todas vestidas nas nossas roupas de trabalho. A Senhora Edwards nos passou um resumo dos novos hóspedes e se havia algum evento importante hoje.

Enquanto eu olhava para a fila de jovens mulheres bonitas, eu lembrei do meu professor me dizendo como cada garota era escolhida a dedo. A maioria delas também eram de faculdades importantes, e elas sabiam que os contatos que conseguissem no clube de campo Hawthorne iria ajudá-las a estar em uma posição de poder.

Eu apertei minhas unhas na palma da minha mão. Eu precisava disso: contatos.

Eu me ergui sobre o grupo de garotas e ergui meu queixo. Levou anos para que eu aceitasse o meu 1 metro e 70 centímetros e agora uso isso como vantagem.

Os dias eram longos e desconfortáveis nesses uniformes brancos e apertados, mas nenhuma das garotas abaixaram a cabeça. Em quatro dias eu realizei que essas garotas eram tão determinadas e dedicadas a seus futuros quanto eu.

E há rumores se espalhando que apenas uma garota irá receber o bônus e a referência da própria Senhora Hawthorne.

A mãe de Nathaniel.

Eu pesquisei sobre ela depois do meu encontro desagradável com seu filho. Ela manteve seu nome de solteira, focando em reconstruir o império da sua família e renovando para algo mais vibrante, um ambiente mais amigável. Mas apenas para os ricos e famosos, é

claro.

Eu achei algumas notícias mostrando fotos dela apertando as mãos do ex-presidente quando ele ficou aqui com sua família no último verão. Havia também várias entrevistas em que ela falava sobre seu envolvimento com diversas caridades. Alguns artigos falaram sobre os boatos de como ela é fria e obcecada com seus projetos. Uma mulher de negócios cruel, ela foi nomeada por cinco anos seguidos como a mulher mais influente dos Estados Unidos.

Meu coração apertou com essa informação.

Uma referência dela no meu currículo iria fazer com que eu me destacasse.

Eu precisava ser a melhor das melhores. Eu precisava me focar.

Enquanto eu juntava as toalhas usadas na área da piscina, eu vi duas das garotas que trabalhavam comigo olhando para a praia com desejo. O sol batia nas minhas costas, suor se acumulava nas minhas sobrancelhas. Eu me aproximei delas, colocando as toalhas molhadas em uma bolsa, e em seguida peguei uma que estava no pé de uma das meninas e coloquei a bolsa dentro de um carrinho atrás delas.

- Eu ouvi que o juiz ia reabrir o caso. – Mandy disse.

- Que caso? – Danielle perguntou, erguendo uma sobrancelha.

Mandy olhou para ela incrédula. – Sobre os garotos. Você sabe?

Danielle balançou a cabeça, sua pele clara corando, parecendo mais uma alergia.

Mandy gemeu. – Você não ouviu sobre os “Deuses Americanos”? – Eu congelei e Mandy percebeu, sorrindo amplamente. – Viu! A Juliette já ouviu!

Eu foquei em reorganizar os produtos de limpeza, irritada que paramos de nos mover. Ainda tínhamos dez quartos para limpar antes do anoitecer.

- Ok. Está vendo aqueles rapazes ali? – Mandy apontou para a praia e eu não pude evitar e dei uma olhada.

E claro, os três homens conhecidos como os Deuses Americanos estavam na areia. James e Gabe estavam jogando uma bola de futebol americano um para o outro, os seus sorrisos muito brancos, muito perfeitos, os seus corpos bronzeados e brilhando com o suor.

Arsen estava relaxando em uma cadeira, seu corpo tatuado brilhando, com um olhar bravo, como se o sol estivesse irritando ele. Um pequeno colar de ouro estava pendurado ao redor do seu pescoço – uma cruz.

Eu tentei engolir o caroço na minha garganta.

Havia algo intocável, algo santo e diabólico sobre eles. Sagrado e pecaminoso tudo de uma vez. Bastardos da graça. Fama, riqueza e poder transbordavam deles. Eles eram as coisas de lendas e mitos.

Esses três homens, junto de Nathaniel, eram a realeza de Yale, eles governavam o campus com sua sociedade secreta.

Revirando meus olhos, eu lembrei de quando um panfleto estúpido tinha sido liberado logo após o semestre de inverno do ano passado. Havia nomeado cada membro do seu clube de garotos milionários e alguém havia ranqueado eles baseado em suas qualificações em três categorias.

Riqueza.

Poder.

Beleza.

Gabe Easton estava em 1º lugar.

Uma personalidade magnética e intoxicante. Um sorriso letal junto com uma aparência abençoada pelo Deus da beleza e uma mente afiada e inteligente fez dele uma força a ser reconhecida. Sem mencionar que seu futuro está escrito. Sua família havia criado dois presidentes antes dele.

O seu próprio pai teria se tornado o terceiro presidente na família Easton se ele não tivesse sido assassinado durante sua campanha.

Tinha estado em todos os noticiários ao redor do pais. Eles fizeram parecer que um rei havia morrido. Gabe tinha apenas onze anos quando isso aconteceu e eu não posso imaginar que tipo de dano psicológico que causou já que ele tinha presenciado isso durante o discurso do seu pai.

Todo mundo sabia que Gabe Easton realizaria coisas maiores que a maioria dos homens. Ele conquistaria tudo que quisesse e faria o que fosse necessário para conseguir. Ele será eleito o presidente da América algum dia. Eu sabia disso pelo jeito que ele se portava, o jeito que seu olhar afiado e mortal, verificava as pessoas de nossa sala. Havia determinação e raiva e um pouco de escuridão dentro dele.

Eu olhei Gabe correndo para trás, vendo a bola rodando no ar. Esticando o seu longo, musculoso braço, sua mão formou a forma perfeita para pegar. Seu cabelo preto e ondulado, grosso e brilhando da água e do seu próprio suor, caia em frente a sua testa.

Como um homem esculpido pelos Deuses.

James Rhodes estava em 4º lugar.

O James Dean de Yale – o clássico cabelo loiro escuro, um sorriso

matador e tranquilo, e um brilho nos seus olhos azuis. Um lampejo dos seus sorrisos legendários e ele tinha todo mundo em volta do seu dedo. Ele festejava intensamente e fodia mais intensamente ainda. Todo final de semana havia uma festa organizada por ele; extravagantes e caras, destruição o seguia. Ele era imprudente, viciado em qualquer coisa que colocaria sua existência em perigo – corridas de rua, drogas, brigas, bebidas, pular de um penhasco – ele fez tudo isso com o tipo de atitude rara de “aproveite o dia” que leva a uma morte precoce.

Eu ouvi que ele bateu o carro em uma arvore alguns anos atrás no campus. Ele estava sobre o efeito de drogas e o dobro do limite alcoólico. Tudo aquilo – as acusações, o escândalo – desapareceu de um dia para o outro.

O seu pai, um advogado que é dono de uma empresa que se dedica a políticos famosos e celebridades – empunhou dinheiro e poder como se fosse uma terceira mão. A empresa de advocacia estava aberta desde 1890. James pulava de classe em classe, mas suas notas falavam algo sobre ele. Ele era inteligente sem ao menos tentar. Se ele se aplicasse, ele seria letal.

Eu sabia que sua mãe havia falecido quando ele era mais novo, então era somente os dois, pai e filho. As pessoas falavam que James irá tomar conta da empresa de advocacia, mas eu não conseguia imaginar isso acontecendo. Não com o rapaz selvagem na minha frente.

Ele passou uma mão em seus cabelos loiros, óculos que eu tinha certeza que escondiam hematomas de uma briga, já que seu lábio inferior estava machucado.

E o último dos Deus Americanos, **Arsen Vasiliev**.

O Deus Russo estava em 7º lugar.

Embaixo do seu nome – e da foto de suas belas características –

estava a razão. Embora ele fosse poderoso e rico, ele era aterrorizante. Seu olhar frio e sombrio e sua cara permanente de emburrado fazia dele inacessível. Sem mencionar os rumores que circulavam sobre ele. Rumores que sua família organizavam um negócio mortal, um de sangue, drogas e armas – conectando os ricos com os criminosos. Ele nasceu na América, mas passava os verões na Rússia. Por causa disso, ele fala Russo fluentemente. Eu já ouvi ele e Gabe trocando algumas palavras em Russo na escola algumas vezes. Sobre o que eles estevam falando, eu não tenho ideia.

Eu já ouvi falar sobre as propriedades da família do Arsen. Salutation Island ficava na costa norte de Long Island, não tão distante de Nova Iorque. Falavam que a ilha tinha seis casas em uma terra de quarenta e seis acres, junto com dez acres de praia e vinte e oito acres de lagoa. Somente pessoas com um convite podiam comparecer as suas festas elaboradas e exclusivas.

Enquanto eu via Arsen com a cara emburrada, eu percebi Nathaniel atravessando a praia e dando um tapinha no braço do James. Meus olhos não puderam evitar e analisaram seu corpo ágil e muscular.

Embora ele não fosse um dos Deuses Americanos, **Nathaniel Radcliffe** ainda estava em 2º lugar.

Minha mandíbula cerrou, meus dentes rangendo.

Assim que o panfleto passou pelo campus, as garotas de Yale ficaram loucas. Eu vi em primeira mão como muitas delas desejava poder, desejava homens ricos e bem-sucedidos mais do que seu próprio sucesso. A lista se tornou uma para mostrar os solteiros mais elegíveis. Os rapazes que não estavam na lista se tornaram agitados e agressivos com os outros que estavam.

E os membros do clube devoraram isso como doce.

Eles eram desejados, eram perseguidos, e eles amavam isso.

Todo mundo falava do panfleto como se fosse um texto sagrado, e quanto mais eu ouvia sobre isso, mais irritada eu ficava.

Eu não pensei na repercussão enquanto eu digitava e descontava minha raiva no jornal de Yale.

Eu queria chamar a atenção para o quão repugnante estávamos nos comportando. Para como eu queria correr atrás dos meus próprios sonhos ao invés de correr atrás de um garoto rico.

No dia seguinte, quando o jornal foi lançado, eu percebi todo mundo me olhando de um jeito estranho. Eles sussurravam e olhavam fixamente enquanto eu andava para minha aula de manhã.

- Olha, se não é a Senhorita Perfeita – uma garota disse para mim quando me sentei no auditório.

Eu senti a sala toda olhando para mim. A mudança tinha sido repentina e estranha.

Eu estava esperando mais comentários, mais insultos, mas depois da minha próxima aula, ninguém falou nada ou se quer olhou para mim.

- Quando eles estavam no Internato, – Mandy sussurrou, espantando minhas memorias e me trazendo de volta a realidade. – Eles foram em uma caminhada para a escola. Eles tinham apenas quinze anos e Gabe, Arsen e James juntamente de outro menino chamando Alexander Archibald estavam em um grupo para realizar as atividades. Bom, os noticiários dizem que eles foram navegar em um barco e estavam próximo do primeiro posto de controle quando uma tempestade chegou. O barco virou e todos caíram na agua. O Alexander entrou em pânico e, quando tentou subir abordo novamente, começou a empurrar James para debaixo d'agua. De acordo com os rapazes, Alexander tinha bebido na manhã antes da atividade e estava muito bêbado para nadar devidamente ou para boiar tempo o suficiente para os meninos pegarem ele. Gabe e Arsen conseguirem arrumar o barco. Assim que estavam abordo novamente,

eles agarraram James pois ele estava mais próximo e puxaram ele para o barco. A tempestade ainda estava caindo forte e Alexander estava ficando cada vez mais e mais distante. Eles não conseguiram chegar nele a tempo e ele se afogou. A bússola e o mapa que deram para eles tinham sumido na agua quando o barco virou.

Minha boca torceu de tristeza. Eu lembro de ouvir sobre isso no jornal quando eu era mais nova.

- Eles ficaram assim por dez dias, sem suprimento. James tinha quebrado sua perna então o Gabe e o Arsen tiveram que carregar ele montanha a cima e depois descer até o outro lado. Assim que acharam eles, os três estavam com pneumonia e foram levados até o hospital. Quando os Archibalds descobriram que seu filho estava morto, eles falaram que algo estava errado. Eles acreditavam que os meninos tinham matada ele ou deixaram ele para morrer, que ele podia ter sido salvo, mas os meninos escolheram não salvar ele. Foi levado ao tribunal e a mídia acompanhava isso como falcões. Os garotos contaram o lado deles da história, e com pouca prova contra ele e com o pai do James sendo o advogado cruel dos meninos, o tribunal os declarou como inocentes. Mas… o hype sobre eles não foi embora. Eles eram meninos vestidos como homens, que já sabiam como usar as palavras como se fossem espadas letais. Eles eram celebridades agora. Eles fizeram artigos em revistas, ensaios fotográficos, entrevistas. E eles eram apenas adolescentes nessa época. Forbes foi quem apareceu com a ideia do nome Deuses Americanos e ficou nos três desde então.

- Uau. – Danielle sussurrou, encarando o grupo de rapazes.

- A gente devia continuar andando – Eu disse, apontando para o carrinho.

Mandy suspirou, mas ambas se viraram e Danielle empurrou o carrinho em direção ao deck da piscina. Algumas mulheres estavam relaxando sob o sol, óculos e chapeis protegendo elas do calor escaldante.

Eu percebi uma mulher vestida com uma calça branca, seu cabelo preto amarrado em um coque apertado, nos observando.

- Juliette. – Alguém disse atrás de mim.

Eu estremeci, apertando a toalha suja no meu peito e me virei para olhar Nathaniel.

Ele passava uma toalha de algodão ao longo do seu estomago bem devagar, fazendo com que meu olhar fosse até sua barriga molhada, os músculos acentuados. Uma trilha de pelos desaparecia nos seus shorts de banho, que estava baixo nos seus quadris estreitos, mostrando um pouco as linhas em V do seu abdômen. Eu nunca o vi tão nu, sempre em seus ternos sob medida, preta ou azul marinho. Apesar das minhas melhores intenções, eu já havia imaginado como seu corpo seria por baixo de todos aqueles tecidos ricos, mas me matava admitir isso.

Ele era melhor do que a imagem que minha imaginação inventou.

Minha respiração estava instável, e eu demorei um momento para perceber o que estava fazendo. Encarando seu abdômen, tão perto do seu short de banho, com sua mão grande pressionando a toalha em sua pele.

Meus olhos voltaram para os seus, mas era tarde demais. Eu fui pega com a mão na massa e ele estava sorrindo – o sorriso enorme como se tivesse ganhando um de nossos debates impiedosos.

Minhas orelhas queimavam com o constrangimento. – O que? – Eu disse rispidamente enquanto o pânico se fixava em meu peito. Eu percebi em seguida que o tom que usei não era profissional. Eu não podia falar com ele assim, não aqui. Ele era um hospede. Inferno, ele era praticamente meu chefe. Um dia, ele iria ser dono desse palácio. Eu não era sua colega de classe aqui, ou sua oponente no debate, eu era sua empregada, uma camareira. Meu orgulho morreu e uma voz bem mais calma, eu perguntei – Com o que posso lhe ajudar?

Ele ainda estava sorrindo, mas tinha acalmado quando seus olhos traçaram meu corpo na roupa branca.

Minha pele formigou. Como se seus olhos fossem suas mãos e ele estivesse me tocando – devagar, com cuidado, com habilidade.

- O que você está olhando? – Minha voz saiu ofegante e forçada, mas eu fiquei sem reação quando seus olhos voltaram para meu rosto e ele se aproximou.

A sua nudez, a sua pele molhada enquanto ele passou os dedos na manga da minha camiseta ameaçaram minha compostura. Isso era pior que os nossos debates. Ele estava entrando em uma zona perigosa. Uma zona que eu esperava ter fechado um bom tempo atrás.

- Examinando minha presa, querida. – Ele sussurrou, novamente, tão calculista, tão suave e rígido ao mesmo tempo.

Eu segurei um suspiro e olhei para trás dele, vendo seu grupo, os Deuses Americanos, nos observando. James sorriu para mim.

- ***Experto crede***, – Nathaniel disse com a voz grave. – Você não acha?

Meu corpo congelou e estremeceu com suas palavras. Com a frase em Latim que ele usou em mim. Latim que ele sabia que eu entendia por causa das nossas aulas.

Confie no especialista.

Esse canalha.

Antes que eu pudesse responder, ele saiu andando.

Gabe me olhou e James piscou para mim. Arsen nem se deu o trabalho de olhar para mim outra vez e continuou andando. Eu estava sem fôlego.

Algumas palavras dele e eu estava afobada.

- Puta merda, – Mandy sussurrou-gritando, me agarrando pelo braço. – Você conhece Nathaniel Radcliffe?

Eu rangi meus dentes. – Conheço somente da faculdade.

Eu não sonhava com ele ou imaginava ele quando eu me tocava.

Não.

Mas ele era cheio de sim, eu não ficaria surpresa se ele pensasse que eu fazia isso.

Nathaniel Radcliffe era o inimigo.

Ponto final.

Eu senti que alguém estava me observando e olhei para cima para ver a mesma mulher novamente.

E eu encarei de volta, sua expressão sombria fazendo meu estomago se apertar, eu sabia exatamente quem ela era.

Senhora Hawthorne.

CAPÍTULO 3

Conforme a noite foi se aproximando, eu já não conseguia mais esperar para tirar meus saltos. Novamente, saltos eram obrigatórios com o nosso uniforme e hoje, eu tinha sofrido com eles.

Eu estava ajudando no refeitório quando um dos garçons cutucou meu ombro.

- Juliette Monroe? – Sua sobrancelha se enrugou quando ele me olhou.

Eu coloquei uma pilha de pratos na pia de ferro e olhei para ele. – Sim?

- Você foi requisitada na ala direita, - ele disse – para levar mais whisky.

Eu fiz uma careta. – Mas são permitidos que apenas homens fiquem lá.

Embora a Senhora Hawthorne tenha renovado o clube de campo para ser um resort familiar, ainda tinha algumas tradições e crenças de que era necessário um lugar onde mulheres não eram permitidas. Era uma tradição antiquada, mas era uma que eu não me sentia confortável quebrando. Não se isso me fizesse parecer ruim aos olhos da Sra. Hawthorne.

Ele deu de ombros e passou por mim, retornando a sua tarefa.

Eu mordi meu lábio inferior, encarando o limpo, branco piso em baixo dos meus pés. Se eu não fosse, seja lá quem pediu por mim, ficaria furioso.

Eu me endireitei, arrumei minha saia e procurei por outra garrafa de whisky no depósito.

Eu deixei a cozinha, um peso sobre meu peito e conforme eu andava pelos corredores, mais pesado ficava. A grandiosidade do clube de campo fazia com que todas as casas que eu vivi, parecessem minúsculas, e como eu vim do sistema da assistência social, eu vivi em várias casas.

Algumas decentes, algumas cheias de piolhos e mofo.

Eu passei por casas e casas e esse estilo de vida caótico me fez determinada a trabalhar duro por uma vida melhor.

Meus saltos faziam barulhos no piso de mármore antigo e eu mantive minha cabeça erguida. Somente uma coisa me separava do resto do clube de campo e da ala masculina. Duas portas de madeira escuras, com gravuras de videiras e peônias na superfície.

Eu respirei fundo, e passei pelas portas. Para um mundo de homens, poder, política e história. Presidentes tinham passado por esses corredores, discutindo a proibição da Segunda Guerra Mundial ou até mesmo antes, com Teddy Roosevelt. Desde 1890, esse foi um lugar de mudança, revolução e esclarecimento.

E eu estrava aqui dentro.

Não era nada menos que emocionante.

Diversos quartos estavam alinhados no corredor, mas todas as portas estavam abertas e os quartos vários. Retratos de homens estavam nas paredes, homens de importância que faziam parte da história do clube.

E parecia que todos eles estavam me observando.

Eu me senti do mesmo jeito quando eu cheguei pela primeira vez em Yale. Tanto poder e lendas existem aqui e lá.

Quando eu vi que uma das portas estava fechada e uma luz brilhava por debaixo, eu me aproximei.

Eu bati com meus dedos na porta.

- Entre. – Disse alguém lá dentro.

Eu engoli, arrumando minha blusa e virei a maçaneta.

Eu esperava ver pelo menos dois ou três homens no quarto.

Ao invés disso, eu apenas vi *ele*.

Minha pulsação acelerou, minha mão ainda segurando firme na maçaneta, como se estivesse pronta para fechar novamente.

Nathaniel estava sentado em uma cadeira de couro, uma perna poderosa cruzada em cima da outra, seu queixo encostado na palma de sua mão, seus dedos sob sua boca sorridente.

- Você pediu whisky. – Eu disse, tentando ao máximo deixar minha voz calma, mas eu ouvi. Eu ouvi um assobio escapar entre minhas palavras e eu apertei forte minha mandíbula enquanto ele sorria mais.

- Eu pedi Juliette Monroe, - ele disse, seu dedo indicador se movendo conforme seus lábios se moviam. – E whisky.

- Eu posso ser demitida se alguém me encontrar aqui atrás. – Eu disse, gesticulando para a sala. Tão masculino com couro e madeiras de carvalho escuras e mais retratos de homens poderosos me olhando. O escritório tinha longas e retangulares janelas de vidro. Tão elegante, tão refinada e intemporal.

- Porque você está trabalhando aqui, Juliette? – Ele perguntou, e pelo brilho nos seus olhos escuros, estava claro que ele sabia a resposta, mas queria que eu dissesse.

Eu cerro meus dentes e mudo o peso para minha outra perna. Não tinha porque mentir, eu apenas pareceria uma idiota. – Porque eu preciso do dinheiro para continuar em Yale.

Ele levantou uma sobrancelha. – Havia rumores de que você tinha um grande fundo fiduciário.

Eu me recolhi ao ouvir isso. Eu não tinha começado o rumor, mas também não corrigi ninguém. As pessoas achavam que eu era rica e tinha família no sul da França. Eu não conseguia contar ao campus de Yale inteiro que isso tudo era mentira.

Que eu era uma garota da Pensilvânia que tinha sido mandada para diversos lares adotivos depois que minha mãe tinha sido morta em um acidente de carro e não tinha um centavo no seu nome.

- O rumor está… incorreto. – Eu sussurrei, mas não abaixei minha cabeça. Não, eu olhei para ele de volta.

Eu não deixaria ele me intimidar.

Ele murmurou e descruzou as pernas. – Eu irei negociar com você.

Eu ergui uma sobrancelha. – Sobre o que?

Ele ficou sentado completamente parado e quieto, me encarando. Diferente de muitas pessoas, Nathaniel gostava de silencio. Ele gosta de ver as pessoas desconfortáveis. – Sobre meu silencio. Que nenhum homem ou mulher em Yale irá descobrir o que você está escondendo.

O canalha sabia exatamente aonde acertar. Minha pulsação batia rápido, e eu lambi meus lábios. Me controlando para não dizer palavras feias, eu perguntei – Em troca de que?

Isso fez com que o canto da sua boca se levantasse. – Eu sei que você me odeia. Eu posso sentir isso a um quilômetro de distância.

Eu cravei minhas unhas na palma da minha mão. – Talvez se você não fosse tão idiota, Nathaniel–

- Nós somos competitivos, - ele disse, me cortando. – Nós temos as maiores notas de Yale, - disse enquanto pegava sua bebida em uma mesa próxima. Ele deixou os cubos de gelo bater no copo, o som enchendo o quarto pouco iluminado. – Nós dois queremos vencer. Nós dois queremos alcançar as carreiras que desejamos e não iremos parar por nada até alcançarmos todos os nossos objetivos.

Minha garganta parecia estreita enquanto eu observava ele, um homem, falando tão calmo, tão delicado, mas ativando uma paixão impaciente dentro de mim. Isso era o problema com Nathaniel. Eu pensava que conhecia ele, como ele me enfurecia e então trazia à tona outra emoção que estava escondida.

Desejo.

Querer.

Esperança.

Ele falando de sucesso e conquistar e alcançar meus sonhos enviou um arrepio pela minha espinha.

Ele estava falando uma língua que eu conhecia muito bem.

- Eu acho que para nós dois nos beneficiarmos no nosso futuro, - ele continuou, enquanto tomava um gole do whisky, o gelo batendo um no outro e então colocou o copo de volta na mesa. Seus olhos da cor do

oceano me tomavam e eu pensei que talvez, só de olhar para Nathaniel, eu podia ficar bêbada. – Nós precisamos nos livrar de distrações.

Silêncio nos engoliu e eu o encarei.

Eu fui abrir minha boca, mas eu fechei e enruguei as sobrancelhas. – E como, exatamente, você planeja fazer isso? – Perguntei cética.

Novamente, minha voz tremeu, bem pouco, mas ele captou isso e como um leão pegando sua presa, ele cravou os dentes. – Deixando que eu conquiste você, Juliette.

Eu ri secamente. – Me conquistar? – Eu gaguejei, apontando um dedo para o meu peito. – Você não vai me conquistar, Nathaniel. Esse é o século vinte e um, e eu não sou nenhuma donzela necessitando de uma conquista.

- Eu estou ciente de que século é, Juliette. – Ele disse igualmente e se levantou. Com esse movimento simples, eu me senti pequena, delicada.

Ele tinha mais de 1 metro e 90 de altura e do jeito que ele preenchia a jaqueta do terno e sua calça, devia ser um crime.

Ele se movia graciosamente em minha direção, estilhaçando o pouco de concentração que ainda me restava.

- Eu também estou ciente da tensão entre nós, - ele sussurrou, inclinando sua cabeça para o lado enquanto examinava minhas feições corando. – É destrutiva, no mínimo. Isso afeta meu foco porque você me distrai, muito. E eu não aceito distrações, querida.

Eu balancei minha cabeça para ele. – Se você vai culpar todas as mulheres por te distraírem, Nathaniel, você precisa acordar para vida.

- Mulheres não me distraem. – Ele se aproximou mais e nós tínhamos apenas um pequeno espaço entre nós. Eu podia sentir o calor emanando do seu corpo e meus joelhos tremeram. – *Você* me distrai, Juliette, e eu preciso tomar conta disso o mais rápido possível.

- E você acha que se satisfazendo um no outro irá ajudar?

Ele ergueu uma sobrancelha. – Eu pensei que você estava determinada a ter sucesso. Quanto mais nós negarmos essa tensão entre nós, mais sem foco nós iremos ficar. E isso irá afetar nossas performances acadêmicas. Você desejar se formar na Yale e não ter nenhuma oferta? Não ter importância depois?

Eu trinquei meus dentes. – Como se suas notas realmente afetassem seu sucesso. – Eu disse com desprezo. Podia jurar que vi dor em seus olhos por uma fração de um segundo. Eu ignorei. Se distrair não iria afetar nem um pouco seu futuro, mas afetaria o meu. Eu não queria isso. Era o meu medo perder tudo. Que eu não seria boa o suficiente.

E eu precisava ser a melhor.

- E mais, você é cheio de si para assumir que você me distrai de alguma maneira, Nathaniel, - eu adicionei, olhando bem nos seus olhos. – Você não me distrai.

Eu levantei meu queixo, as costas retas igual uma madeira, tentando em vão ficar do tamanho dele.

A sua boca tremeu e seus olhos brilharam, ele deu um passo para frente, destruindo qualquer espaço entre nós.

Minha respiração falhou e eu engoli qualquer choque e olhei de volta para o seu olhar zombador.

Os seus dedos pegaram uma mecha que tinha soltado do meu coque

e a alisou. – Você fica mexendo com o seu cabelo na sala. Desprendendo daquele rabo de cavalo apertado e deixando cair nas suas costas. – Seus dedos se moveram para o elástico que estava amarrado no meu cabelo e eu engoli em seco quando ele o puxou, deixando meu cabelo cair nos meus ombros. Um arrepio correu pelo meu peito, meus mamilos endureceram. Eu lutei para manter o olhar nele. Ele queria me destruir.

- E então você passa seus dedos nele, - ele disse, escovando meu cabelo para trás, seus dedos raspando no meu couro cabeludo, a sensação movimentando o calor que crescia na boca do meus estomago. – Essas mechas pretas. Tão tentadoras, tão excitante. – Sua mão se fecha no meu cabelo e agarra. Ele se inclina para frente e eu viro minha cabeça, mas não antes de perceber que era tarde demais e eu expus meu pescoço para o inimigo.

Sua boca passou pela pele do meu pescoço e quando ele pressionou seus lábios, eu ofeguei, minha pulsação batendo como uma bateria debaixo da sua boca, e eu sei que ele sentiu.

Ele soltou um gemido no fundo da sua garganta e moveu seus lábios para cima até eles tocarem o lóbulo da minha orelha. E então sua mão ainda fechada no meu cabelo, deu um puxão nas mechas, gentilmente. Um aviso. – Você lutaria comigo o tempo todo enquanto a gente fodesse? Mesmo quando eu estivesse bem fundo na sua buceta, possuindo você? Meu pau inchando dentro de você? Você lutaria comigo por eu ter feito você gozar?

Eu mordi meu lábio, mas o gemido dentro da minha garganta escapou mesmo assim quando seus dentes passaram na minha orelha, puxando, mordendo, eu coloquei minhas mãos nos seus ombros e o empurrei.

Eu ofegava, olhando para ele enquanto ele sorria, rolando seus ombros para trás. – Está distraída, querida?

Eu fui abrir minha boca, minha mente para negar mas ele foi mais

rápido.

- Não negue, querida, eu aposto que você está molhada para mim neste momento. – O meu silencio fez com que um sorriso se formasse em seus lábios. – Está, não está?

Eu trinquei meus dentes, minha pele vermelha por causa dele. Por causa das suas palavras, do seu corpo – da sua existência.

- Ok. – Eu sussurrei, encontrando seu olhar, na esperança de que ele sentisse o fogo queimando dentro de mim. Seus dedos tocaram a ponta da minha mandíbula e devagar, ele traçou até a linha do meu couro cabeludo. Eu senti ele em tudo lugar e não conseguia parar o tremor em meu corpo. Ele manteria o meu segredo e nós nos livraríamos do que estava entre nós.

- Até o final do verão, você é minha. – Ele murmurou e sua cabeça abaixou, mas seus lábios pairaram sobre os meus. – Jure para mim, Juliette.

Eu engoli a seco, meus lábios batendo nos seus. – Eu juro.

- Jura o que, Juliette? Eu quero ouvir você falar.

Idiota. – Eu juro que sou sua até o final do verão.

E então, como um selvagem, ele tomou minha boca com um beijo de machucar.

Um de urgência, necessidade e elegância.

Eu não recuei. Eu o beijei de volta, minha língua batalhando a sua, meus dentes puxando aquele lábio que eu fantasiei tanto durante um de nossos debates.

Ele gemeu quando eu cravei minhas unhas em seus ombros largos, me estabilizando, e ele agarrou meus quadris.

Quando ele me pressionou contra ele, eu o senti endurecendo em sua calça.

Ele abandonou minha boca e quando eu ia reclamar, seus lábios encontraram minha mandíbula e se dirigiram até minha garganta. Ele não tinha pressa, beijando lugares que nenhum homem no passado tinha dado muita atenção.

Ele me pressionou contra a estante, a madeira e os livros fincando nas minhas costas.

- E se alguém entrar? – Eu perguntei entre os beijos.

Ele mordeu meu pescoço. – Isso pode acontecer. Os rapazes deverão voltar logo.

- O que? – Eu puxei sua jaqueta. – Eu preciso ir. Não posso ser vista sozinha aqui com você.

Ele se endireitou, me olhando com um ar zangado, mas colocou a mão no seu bolso e em seguida me entregou uma chave. – Venha para a minha suíte hoje à noite. Por volta da meia noite. Não se atrase.

Eu encarei a chave dourada na palma da minha mão e olhei de volta para ele. Seus lábios estavam inchados e rosados, e seu cabelo perfeito estava um pouco bagunçado. Aqueles olhos da cor do oceano, se escurecendo quando mais eu os encarava.

Meu peito se contraiu com a vista.

- Ok. – Eu disse e me virei, sem olhar para trás.

Assim que cheguei na cozinha, eu parei assim que vi Gabe.

Suas mãos estavam dentro dos bolsos e ele me observava. Eu não consegui decifrar o olhar que ele estava me dando, mas fez minha respiração falhar.

Devagar, ele virou e foi para trás das duas portas escuras, provavelmente se juntar a Nathaniel.

Eu balancei minha cabeça.

Eu concordei em ter um caso de verão com o filho da minha chefe e meu maior rival.

Um acordo com o inimigo.

CAPÍTULO 4

Do lado de fora da suíte, minha coragem morreu. Eu andei de um lado para o outro, enfiando os dedos entre meu cabelo. Eu estava dando para ele minha dignidade, mas era ele que estava mantendo minha dignidade salva do resto do mundo. Nosso mundo. Ou melhor: seu mundo.

Enquanto o resto das pessoas da minha sala festejavam e consumiam o equivalente ao seu peso em bebidas, eu estava estudando ou trabalhando ou tentando fazer os dois ao mesmo tempo.

Eu não era como eles. Eu não tive meu sucesso entregue a mim. E se isso significasse que eu tinha que me render a ele, então que seja.

Eu pensei sobre isso enquanto limpava o chão da cozinha. Nathaniel era como um ponto de pressão no meu corpo. Um olhar dele, e meu corpo reagia a ele como óleo e fogo. Nós éramos uma força combustível e destrutiva para ambos.

Sempre que eu estava ansiosa, eu corria. Me ajudava a relaxar. Eu fazia antes de todo debate e eu fiz antes de vir aqui. Mas apesar do exercício, eu ainda estava nervosa.

Eu virei e encarei a porta branca mais uma vez. A placa no meio mostrava que era a suíte Dior.

O mesmo quarto que ele me viu limpando.

Eu rolei meus ombros para trás, levantei meu queixo e acalmei minhas feições. Eu estava indo pronto para a guerra.

Eu puxei a chave da minha bolsa e abri a porta, virando a maçaneta devagar.

Assim que entrei no quarto escuro, eu ouvi as ondas batendo contra a margem da praia, e olhei as cortinas brancas balançando gentilmente com a brisa do verão.

Em pé, parado no meio da varanda estava Nathaniel. Ele estava sem a jaqueta do terno e eu examinei seu torso, a camiseta branca se ajustava bem no seu corpo. As mangas estavam enroladas para cima, expondo a sua pele macia dos seus braços e toda vez que ele se mexia, as veias ficavam protuberantes.

Minha boca salivou com a visão do Adônis.

Eu pensei na minha aula de estudo de arte antiga e tudo que eu podia imaginar eram aquelas estatuas gregas ou romanas. Embora eu odeio ter que admitir isso, Nathaniel era esculpido por um artista que tinha tirado um tempo para criar as maças do rosto delicadas, porém afiadas, e lábios que sempre pareciam inchados, mas macios. Olhos tão vívidos e escuros que parecia ter roubado o brilho do céu no anoitecer.

Eu tinha sido cuidadosa antes, nunca permitindo minha imaginação se afastar da realidade e das minhas metas e nunca me deixando levar pela fantasia que é Nathaniel, mas agora que ele estava na minha frente e eu sabia que iriamos usar um ao outro para acabar com o desejo entre nós, eu consumi cada detalhe.

E eu estava faminta.

Quando eu olhei para seu rosto novamente, eu notei que ele também estava me observando.

Ele cerrou o maxilar e se aproximou, sem pressa, mas com um só objetivo.

Eu.

Ele parou bem na minha frente, inclinou a cabeça e olhou para baixo, para mim. – Você está cheirando a ar fresco.

Sua voz estava grave e baixa e me atingiu bem no estomago. Ele me enfuriava, mas ele fazia meu corpo pulsar com um simples olhar, com um pequeno sorriso, ou quando ele movia seu corpo ágil e perigoso.

Eu passei meus dedos pelo meu cabelo úmido, mexendo nas pontas. – Eu fui correr na praia.

Ele estreitou os olhos. – Para acalmar os nervos?

Eu apertei a palma da minha mão, odiando o quão facilmente ele podia me ler. Igual nos nossos debates. O canalha arrogante.

- Sim. – Eu disse, não tendo porque mentir.

- Que pena. – Seus olhos vividos escureceram, o canto da sua boca levantando um pouco tão sutilmente que ninguém poderia ter percebido. Mas eu percebi. Pois eu passei os últimos três anos analisando cada movimento seu, cada palavra enquanto competíamos. – Eu gosto quando você está agitada.

Raiva ferveu dentro de mim e tive que me segurar para não o retrucar.

Porque era isso que ele queria.

- Com medo de não conseguir me acompanhar? De não conseguir lidar comigo?

Minha pulsação acelerou e eu o encarei, ignorando sua boca sorrindo para mim.

Sexo não era algo que poderia ser aprendido através de livros. Tinha que ser uma experiência e eu tinha certeza que ele teve mais do que

eu. Mas eu não ia hesitar. Eu não ia deixar ele me assustar ou me fazer sentir como se eu não fosse boa o suficiente.

- Pare de falar. – Eu disse, devagar, olhando para ele através dos meus cílios.

O seu sorriso desapareceu e os músculos em seu maxilar se flexionaram.

Os seus dedos passaram pela minha bochecha e pararam em meu maxilar. Devagar, ele inclinou minha cabeça para o lado, expondo meu pescoço para ele. Eu engoli em seco, e quanto mais ele observava, mais eu tinha certeza que ele podia ver minha pulsação através da minha pele. Ele estava olhando com cuidado – de um jeito que nenhum outro homem já fez.

Exposta não era palavra certa para como me sentia.

Nua.

Vulnerável.

Para o meu inimigo.

Ele pressionou os dedos no meu maxilar e eu me movi, apertando minhas pernas juntas quando meu núcleo começou a latejar.

O seu polegar tocou o canto da minha boca e eu observei enquanto seus olhos escureciam mais. – Eu sempre amei imaginar essa boca inteligente e elegante em volta do meu pau.

Eu endireitei minha coluna, mesmo quando os tremores tomaram conta. Eu expirei, odiando como meu peito parecia estar mais pesado.

- De joelhos. – Ele sussurrou, olhando nos meus olhos. Quando eu

fiquei parada na sua frente, um desafio queimava neles.

Eu queria retrucar, eu queria xinga-lo, mas eu não conseguir conter a excitação crescendo dentro de mim. Um nervosismo preencheu meu estomago.

Ao invés de sentir só raiva, eu sentir excitava pelo seu tom, pela sua voz dominante e pelo seu toque.

Meses atrás, inferno, até horas atrás, eu teria me dado um tapa por ter admitido isso.

Mas aqui na sua frente, presa em seu olhar, eu não conseguia negar.

Eu havia fixado em Nathaniel Radcliffe como meu inimigo. Ele se tornou uma força que me empurrava, fazia com que uma energia poderosa viajasse dentro de mim querendo vence-lo em todos os desafios.

Eu nunca pensei nele como um… amante.

- Você é um filho da mãe pretensioso, Nathaniel Radcliffe. – Eu disse enquanto me abaixava, a pele do meu joelho encontrando o chão de mármore gelado.

- Eu sei. – Ele deu um sorriso amável, parado na minha frente, sua virilha no nível do meu rosto, as mãos enfiadas nos bolsos em uma postura relaxada. Uma que eu estava acostumada. – Um idiota. Babaca. Mas você gosta disso em mim.

Eu cerrei meus dentes, encontrando seu olhar tão a cima de mim e tremendo sob ele. Eu sei que ele podia ver para baixo da minha blusa, ver o topo dos meus seios levantas com cada respiração.

- Eu não gosto de nada em você. – Eu disse, esperando soar fria, mas eu apenas soei sem fôlego.

Um canto da sua boca de levantou. O começo de um raro sorriso. – E mesmo assim, você está aqui, de joelhos na minha frente, por uma razão totalmente diferente que da última vez, Juliette. Não foi você que disse que isso nunca aconteceria novamente?

Eu estreitei meus olhos e fechei minha boca. Eu não podia negar isso.

- As pessoas são maleáveis, querida. Previsíveis. – Ele disse, seu olhar escanceando meu rosto. Seus olhos se estreitaram quando ele pausou. Como se estivesse procurando por algo, algo que ele sabia que eu daria para ele com prazer. – Mas você me surpreende.

Eu fiquei completamente parada, mas eu não pude conter o pouco de orgulho me preenchendo. Mas eu também duvidava disso. Com cada palavra que Nathaniel falava, ele tinha algo planejado, um motivo escondido que somente ele sabia e novamente, eu fiquei no escuro enquanto ele ria de mim.

- Levante e se incline no sofá. De costas para mim. – Ele ordenou e eu franzi a testa, mas levantei. Ele só queria me ver de joelhos novamente?

Filho da p–

Eu andei até o sofá de couro branco, perfeito demais até para ser tocado, e segurei a parte de trás dele.

- Se incline para frente, Juliette. – Sua voz rouca ecoou no quarto. – *Experto crede.*

Confie no especialista.

CAPÍTULO 5

Minha garganta ficou seca e eu me inclinei para frente devagar. Eu sabia que assim eu fizesse isso, ele teria uma visão da minha bunda e da calcinha branca que eu estava vestindo. Ele veria o ponto molhado entre minhas pernas.

- Eu não estou vestindo roupas intimas elegantes. – Eu disse, com vergonha que ele me veria em minha simples calcinha branca.

- Eu não ligo para suas roupas, querida; eu ligo para o que está debaixo delas. – Ele disse com a voz cheia de confiança, que me deixou ainda mais molhada.

Ele não se moveu, mas eu ouvi ele murmurando para si mesmo.

- Você está molhada para mim, Juliette, e eu ainda nem te toquei. – Ele sussurrou e eu estremeci quando senti sua calça roçando na minha perna. Perto demais. Eu gemi, virando minha cabeça para tentar ver sua expressão. – Não se mova.

Eu congelei, rangendo meus dentes.

- Você ficou excitada por causa da nossa conversa? Porque você se ajoelhou para mim?

Eu fechei meus olhos com força, minhas coxas querendo se fechar e parar com a pulsação entre elas.

- Juliette, – ele sussurrou. O seu corpo se aproximou mais e eu senti uma mão grande e quente passar da minha nunca, pelas minhas costas, sobre minha saia e até minhas pernas. – Responda à pergunta.

- Sim. – Eu suspirei.

Sua mão passou pela minha perna, as pontas dos dedos me acariciando sobre minha calcinha por um breve segundo, antes dele levantar minha saia. Eu mordi meu lábio, parando um gemido antes que ele escapasse.

- Você sempre vestia saias quando trabalhava na biblioteca. Saias pretas, finas, que dançavam ao redor das suas coxas. Tão provocante, sempre tão provocante. – Ele fez um barulho com a boca, sua voz grave e ressoando no seu peito enquanto seus dedos chegavam mais próximo ao meu núcleo que o desejava. Quando ele traçou a linha da minha calcinha, eu arqueei minhas costas, me encostando mais nele e sentindo sua ereção contra minha bunda.

- Elas não são provocantes, – eu retruquei. – São só simples saias pretas.

- Simples. Elegantes. Nada que era para ter me excitado, mas me excitaram mesmo assim. Ver o tecido dançar ao redor das suas coxas, ameaçando te expor a qualquer momento… – Sua outra mão se arrastou até meu quadril e o segurou, seus dedos o apertando. – E quando você se abaixava para procurar livros nas prateleiras mais baixas… suas pernas longas e bronzeadas, eu queria morder suas coxas.

Eu ouvi o farfalhar de tecido atrás de mim, o calor das suas pernas desaparecendo. Então, eu senti uma mordida na parte interna da minha coxa acompanhada por um rugido profundo, segundos depois a sua língua saiu e suavizou a mordida.

Eu gemi contra o sofá, o som erótico da sua língua me deixando encharcada e necessitada e toda sua.

Mas embora eu odeio admitir isso, não era só o toque de Nathaniel que me excitava, na verdade, ele mal me tocou. Suas palavras, apenas suas palavras tinham o poder de me acender.

Suas palavras de ouro.

Sua mente tinha excitado a minha antes mesmo do seu corpo.

Outra coisa que eu odiava admitir: eu amava sua voz. Eu amava e odiava o jeito que ele falava tão calmo, sua voz suave e sedutora, nunca falhando. Tinha sempre um brilho no seu olhar quando ele detonava com seus oponentes.

Sua respiração quente me atiçou por cima da minha calcinha, e então desapareceu rapidamente.

Nathaniel passou os dedos ao redor da minha calcinha e começou a abaixa-la, minha excitação agora totalmente exposta para ele.

Ele murmurou em apreciação e eu estremeci quando um dedo me provocou. Acariciando cada lábio, mas nunca me tocando onde eu mais precisava. Com apenas segundos da sua provocação impiedosa, eu estava sem folego, agitada e excitada demais para funcionar normalmente, balançando minha cabeça para frente e para trás.

- Pare de me provocar. – Eu sussurrei.

- Me diga porque eu devo. – Ele disse e sua própria voz o traiu por um momento, mostrando o quão excitado ele estava. Sua voz estava sombria, grossa e rouca.

Sua voz me apalmou, mas não aplicou nenhuma pressão, eu resmunguei. – E não vou argumentar com você.

- Me diga porque eu devo te preencher com o meu pau. – Ele continuou e eu rolei minha cabeça para trás, gemendo quando um dos seus dedos finalmente se moveu para minha entrada.

- Porque… – eu pausei, tentando recuperar o fôlego e minha

dignidade. Mas minha dignidade já tinha sumido faz tempo. – Você sabe que me foder vai fazer você gozar mais forte do que qualquer outra vez.

Sua respiração ficou mais pesada e ele torceu o seu dedo mais fundo. – Me diga mais.

- Eu vou deixar você fazer o que quiser. Eu vou deixar você estar no controle. – Eu sussurrei.

Ele colocou outro dedo e eu estremeci. – Bom?

Eu assenti, mordendo meu lábio inferior enquanto ele afundava mais seus dedos.

Ele estava tão fundo dentro de mim agora, e eu balança sem vergonha alguma contra sua mão. O som que minha própria excitação estava causando, tão óbvia e obscena, nem me perturbou. Eu passei do ponto em que eu me importava.

Eu ouvi o barulho do seu zíper e quando sua respiração ficou mais rouca, eu sabia que ele estava se acariciando.

Um dedo forte e longo apareceu na frente dos meus lábios, e ele disse roucamente. – Abra.

Eu fiz, e seu dedo deslizou para dentro, o seu gosto salgado na minha língua.

- Feche. – Ele disse rispidamente. Meus lábios se fecharam e eu chupei com força, minha língua circulando em volta do seu dedo para pegar cada gota dele. Ele pressionou seu polegar no meu clitóris como recompensa, e meu quadril foi mais para trás.

- Você está sendo uma menina tão boa, Juliette. Tão flexível aos meus desejos e comandos.

Ele tirou seu dedo da minha boca, passando devagar no meu maxilar antes de desaparecer atrás de mim novamente.

- Sabe, eu costumava me imaginar te prensando contra uma estante na biblioteca e tomando você… desse jeito, exposta e cruamente, sem restrição. – Ele disse entre os dentes. – Você quer que eu tome você, Juliette? Você quer saber como eu fico dentro de você?

Ele beliscou meu clitóris e um gemido sem fôlego saiu de mim.

Ele já estava dentro de mim.

Me consumando.

Me queimando.

Ele estava por anos e agora eu estava deitada na sua frente para ele saborear.

- Sim. – Eu sussurrei.

Eu ouvi o barulho de alumínio rascando e ele se mexendo, mas então ele parou. – Eu estou limpo. Você está tomando anticoncepcional?

Eu assenti, meu peito levantando e abaixando rapidamente.

- Cru então. Nada além de nossas peles. – Esse sussurrou.

Eu não queria dizer a ele que eu nunca tive ninguém desprotegido dentro de mim. Isso só subiria a sua cabeça e inflaria seu ego.

Então eu senti o senti na minha entrada e minhas unhas cravaram nas almofadas.

Uma mão agarrou meu quadril enquanto a outra segurou seu comprimento, lentamente pressionando cada vez mais fundo dentro de mim.

Quando ele estava completamente dentro de mim, eu ofeguei e ouvi ele rangendo os dentes.

- Faz tempo que eu queria que isso acontecesse, Juliette. Nós, isso, meu pau te preenchendo. Finalmente. Nós estamos lidando com essa energia entre a gente. – Ele disse enquanto deslizava seu pau devagar antes de voltar com força. Meu corpo foi para frente contra o sofá, meu quadril pressionando no tecido.

Então, ele começou devagar, medindo cada estocada e eu queria poder ver sua bunda, se flexionando conforme ele me tomava.

- Você está tão molhada, tão perto. – Ele sussurrou e estava certo. – Tudo que eu tive que fazer é te excitar com as minhas palavras e você estava pronta.

E arqueei minhas costas, lutando contra ele. Eu não ia deixar ele simplesmente me usar; eu ia conquistar o meu clímax.

Eu olhei para ele, os seus olhos cerrados, sombrios e calorosos, suor escorrendo pelas suas sobrancelhas que estavam enrugadas.

Ele deixou um sorriso beijar seus lábios quando eu olhei para ele. Convencido como sempre.

Ele dever ter percebido minha expressão determinada pois ele aumentou a velocidade, sua mão deslizando pelo meu estomago, indo de encontro com meu núcleo, me tocando.

Eu senti se aproximando, o calor, a tontura tomando conta de mim e eu cravei minhas unhas nos seus braços, na esperança de arrancar sangue. Porque isso era uma batalha. Uma guerra entre inimigos.

Eu gozei primeiro, a energia tomando conta de cada membro do meu corpo. Em seguida, ele tirou de mim, espalhando seu gozo na minha bunda e nas minhas pernas.

Ele acariciou meu clitóris tremulo mais uma vez, misturando seu gozo com a minha própria excitação. – Não mais–Eu não aguento.

Ele riu sombriamente atrás de mim quando eu quase desmoronei no sofá, seu braço me levantou, me virando para que nos encarássemos. Eu estava presa contra seu corpo suado.

Os nossos peitos um contra o outro e eu recuperei o meu folego.

Na escuridão, eu vi o sorriso raro de Nathaniel Radcliffe. Seus dentes brancos retos e brilhantes. O sorriso de um vencedor, alguém que conseguiu exatamente o que ele queria.

Eu odiava admitir isso, mas esse tinha sido o melhor sexo da minha vida.

Depois de mais duas rodadas, eu desabei nos lençóis brancos de sua cama e disse a mim mesma que levantaria em um minuto.

CAPÍTULO 6

A brisa soprou contra minha perna nua e eu me mexi, piscando contra o brilho que entrava no quarto.

No quarto do Nathaniel.

Meu coração parou e eu olhei em volta. Vendo a suíte na luz do dia, toda branca, nítida e intocada – fez eu me sentir como se não pertencesse aqui.

Eu olhei sobre meu ombro e vi Nathaniel deitado do outro lado da cama.

Seu cabelo que normalmente ficava para trás agora estava bagunçado e sua boca perfeita estava um pouco aberta. Suas sobrancelhas não estavam franzidas. Ver Nathaniel dormir fez com que ele parecesse mais real; ele parecia mais um homem do que antes.

Ele estava exposto, vulnerável, e eu saboreei a vista. Sem palavras engraçadinhas ou sorrisos convencidos. Somente um homem dormindo. Sem defesa contra mim.

Eu já tinha imaginado como ele ficava sem suas defesas enquanto eu competia contra ele.

Mordendo meu lábio, eu suspirei de prazer.

Somente nesses momentos eu veria algo humano. Ele era muito cheio de sim, muito arrogante para expor quem ele realmente era por trás daquela máscara de um Deus.

Eu deslizei para fora da cama, pegando minhas roupas e meus

sapatos, e sai na ponta dos pés. Era apenas 4:45 da manhã, mas eu preciso voltar para minha cama, ou minha colega de quarto ia começar a questionar minha ausência.

Andar com o nascer do sol através da poderosa mansão fez eu me sentir invencível e meio enjoada. Eu dormi com Nathaniel Radcliffe na noite passada e gostei.

Quando eu entrei no pequeno chalé que eu dividia com outras quatro garotas, Mandy, vestida com sua roupa branca já, me encarou.

- Onde você estava? – Ela inclinou seu quadril.

Eu passei meu cabelo para trás e amarrei em um rabo de cavalo alto. – Eu fui correr.

Os olhos da Mandy se cerraram. – Você não voltou para cá noite passada.

Meu estomago se revirou. – Eu voltei.

Mandy continuou me encarando enquanto eu arrumava minha blusa. Eu não ia conseguir trocar de roupa agora e teria que usar as mesmas roupas que usei ontem, ou ela faria mais perguntas.

Danielle passou pela gente. – Vocês estão prontas?

Eu assenti e ignorei o olhar frio da Mandy que me acompanhou o caminho todo até a mansão. Se ela descobrir que eu dormi com o filho da Sra. Hawthorne, eu não tenho certeza de como ela reagiria. Ela iria pensar que eu estava usando sexo para conseguir a referência.

Eu trabalhei o dia todo, evitando os hospedes o máximo que pude. Eu pensei sobre meu acordo com Nathaniel. Se descobrissem sobre nós, ele não perderia nada, mas eu sim. Eu perderia meu emprego e a chance de conseguir uma referência poderosa para o meu futuro. E

provavelmente ruinaria minha reputação na escola também. Mas eu não podia negar o quão bom era ter sua mão no meu quadril, no meu cabelo, dentro de mim. Tão fundo dentro de mim. Ou como suas palavras acendiam um fogo que não se apagava.

Ele estava certo sobre uma coisa.

Nós precisávamos nos livrar um do outro. Eu não podia passar o resto do meu tempo em Yale distraída pelo Nathaniel. Assim que eu acabasse com essa necessidade dentro de mim no final do verão, eu poderia seguir em frente e me focar.

- Senhorita Monroe. – Uma voz falou atrás de mim quando eu carregava uma pilha de toalhas brancas em meus braços. Eu virei para ver a Sra. Hawthorne parada em frente à entrada com um casal e dois pré-adolescentes, ambos distraídos com seus celulares.

Eu me aproximei deles, com um sorriso nervoso. Eu olhei rápido para a Sra. Hawthorne e seus olhos escuros estavam me observando de cima a baixo. Me medindo.

- Você seria gentil e mostrar ao Senador Scott onde fica o bar? – Ela perguntou, sua voz tão calma e macia quanto a do seu filho. – Ele é um amigo da família muito querido.

Ótimo. Era tudo que eu precisava agora.

Eu sorri para ela, arrumando as toalhas nos meus braços. – É claro.

Ela assentiu e virou para a esposa e para as crianças, os acompanhando para o outro lado.

Eu virei para o Senador Scott. Ele parecia ter uns quarenta anos, com um cinza salpicando seus cabelos pretos. Ele era alto e magro, vestido com uma camiseta polo, uma calça caqui e sapatos marrom.

- Você pode me chamar de Daniel. – Ele disse, esticando a mão para mim.

Eu me atrapalhei com as toalhas, mas consegui apertar sua mão. Seus dedos deslizaram na palma da minha mão quando eu a puxe de volta. Eu olhei para ele, e vi que ele estava sorrindo para mim.

- Por favor, me siga Senador. – Eu disse, mantendo minha voz calma enquanto eu me virava. Ele, primeiramente, andou atrás de mim, mas depois apareceu do meu lado, com o sorriso maior ainda.

- Eu sou um Senador da Califórnia. – Ele colocou as mãos nos bolsos, me observando.

Eu assenti, desconfortável sobre o seu olhar. Ele estava me olhando como se estivesse me despindo.

Ele abaixou a cabeça, como se quisesse ter uma visão melhor do meu rosto. – Quantos anos você tem?

- Vinte. – Eu disse, tentando soar agradável, mas profissional. Se ele me achar grosseira, ele poderia ir reclamar com a Sra. Hawthorne.

- E você está na faculdade?

Eu fiquei com a cabeça erguida. – Yale. Vou ir para o quarto ano de Pré-Lei.

Ele assobiou e me olhou de cima a baixo. – Eu fui para Yale. Anos atrás, mas não lembro de ter mulheres bonitas igual você lá.

Eu me segurei para não me encolher com suas palavras. Ele tinha uma esposa e dois filhos. Porque estava agindo dessa maneira? Babaca.

Enquanto nos andávamos pela mansão, passando por alguns homens retornando do campo de campo, eu senti a minha nunca se esquentar. Quando nós chegamos no bar, eu sorri para ele e me virei, mas a mão dele segurou o meu pulso.

Eu olhei para sua mão, a palma grande me apertando.

- Não tenha pressa, linda. – Ele falou zombando e procurou por algo no bolso da sua jaqueta. Devagar, ele tirou retirou um bolo de dinheiro, puxando notas de cinquenta como se fosse me impressionar. – Aqui. Pelo seu tempo precioso. – Ele estendeu sua mão, com uma nota de cinquenta.

- Não precisa, senhor. Foi um prazer conversar com você. – Eu disse, com um sorriso falso na minha boca e dando um passo para trás.

- Ah, vamos lá. – Ele disse, se aproximando. – Apenas quinze minutinhos do seu tempo.

Eu balancei minha cabeça e me virei, andando rápido. Eu não queria que ele me seguisse.

Eu passei minhas mãos na minha saia, me sentindo sujo. O jeito que ele me olhou era como se ele quisesse me devorar. Eu tremi.

Depois disso, o resto do dia passou rápido e eu consegui com sucesso evitar o Nathaniel.

Enquanto eu voltei para o chalé, Peter, um dos garçons, me parou. – Nós precisamos de ajuda extra hoje no refeitório. Você pode ir?

Eu esfreguei minhas mãos na minha saia e olhei para trás para o chalé de tijolos brancos, sombreado pelas arvores. Minha única escapatória. Meu único oásis aqui.

Eu suspirei. – Claro.

Assim como as garotas, a equipe masculina usava camisetas polo branca e short, mas na hora do jantar, um terno branco e calças. Me disseram que era para manter o jeito clássico do clube de campo e fazer com que todos trabalhassem tão bem com medo de arruinar as roupas.

Eu servi vinho para todos os convidados sentados, sorrindo educadamente, tendo cuidado para não interromper suas conversas.

Então meu estomago se revirou.

Na minha frente, na janela perto da sacada, Nathaniel estava sentado, vestindo um terno preto, tão escuro contra sua pele bronzeada.

Os seus olhos se encontraram com o meu e eu vi sua mão sobre a mesa formar um punho.

Simples assim, seus olhos me incendiaram e fizeram minhas pernas tremerem, meu núcleo latejando e desejando que ele me preenchesse novamente.

Mas ele não estava só.

CAPÍTULO 7

Uma loira sentava do outro lado da mesa, esticando sua mão para colocar sobre a sua fechada. Eu me senti dormente enquanto eu engolia meu orgulho e me movi para frente, a garrafa de vinho tremendo na minha mão.

Nós não conversamos sobre sermos exclusivos, eu me lembrei.

Com as portas para as diversas varandas abertas, a brisa da noite de verão assoprava, mas não ajudou em nada a me acalmar. Na verdade, me deixou mais nervosa ainda.

Eu sorri para ela, mas a garota estava tão focada no Nathaniel sentado do outro lado dela, que nem registrou minha presença.

O olhar calculado de Nathaniel estava sobre mim e eu sabia, pois ele me olhava do mesmo jeito antes de um debate, que ele estava tentando me entender antes mesmo de eu entender a mim mesma.

Eu queria derramar o vinho tinto no seu terno perfeito e assistir enquanto sua compostura se desmoronava.

Eu sacudi essa ideia da minha cabeça. Isso não era nada. Não tinha nada entre nós além de raiva e sexo. Ele podia namorar outras garotas. Ele não me pertencia e eu definitivamente não pertencia a ele.

Eu parei na ponta da mesa e sorri educadamente para ele.

Nathaniel apenas me encarou de volta, dois dedos debaixo da sua boca.

- Boa noite. Você gostaria de vinho tinto ou branco? – Eu perguntei, mantendo minha voz fria e calma.

Suor escorria pela minha espinha.

- Vinho tinto. – A loira disse, mostrando seus dentes para mim enquanto ela colocava o guardanapo no seu colo.

Eu assenti, colocando o liquido vermelho na taça de cristal.

Ela retornou sua atenção para Nathaniel. – Minha família mandou oi para você. – Ela sorriu para ele, suas covinhas aparecendo na dobra

de suas bochechas.

Eu ainda podia sentir olhar dele em mim, queimando um bolado do lado da minha cabeça.

Lentamente, eu me virei e olhei para ele, me endireitando. Pela primeira vez, eu era maior que ele, superior ao homem diante de mim.

- E você, senhor? – Eu engasguei com essas palavras.

Ele abaixou os olhos, os cílios escuros sobre suas bochechas. Ele me observou, da cabeça aos pés, como um homem faria com alguém que ele conhecia intimamente e a minha nunca ficou quente. Porque ele me conhecia assim. Ele tinha beijado lugares no meu corpo que ninguém nunca nem viu.

- Tinto, Senhorita Monroe. – Ele disse, meu nome como céu e inferno nos seus lábios carnudos e arrogantes.

Minhas mãos tremeram.

- Você conhece ela, Nathan? – A mulher perguntou, seus olhos indo entre eu e ele. Os seus dedos brincavam com a borda da sua taça de cristal, as unhas pintadas passando para cima e para baixo.

Os olhos deles passaram pelo meu corpo novamente e retornaram para o meu rosto. Ele se encostou na cadeira, me avaliando e eu não podia dizer nada.

- Sim. – Ele finalmente falou, a presunção não estava mais na sua voz e na sua expressão. Um som que eu não identifiquei ecoou na sua voz. – Ela se ofereceu para ajudar minha mãe esse verão. Nós competimos em Yale. Ela é minha maior rival.

Minha garganta secou e eu lutei para continuar olhando para ele. Eu vi quando sua boca relaxou e ele a abriu.

- Sua maior rial? – A mulher riu, suas unhas arrastando pelo cristal caro. – Que antiquado. Além disso, eu não consigo acreditar que alguém é tão inteligente e habilidoso quanto você, Nathan. – Sua mão foi até a dele e o acariciou. Ele não se moveu do seu toque.

E mesmo assim, seu olhar ainda estava sobre mim.

- Você acredita nisso até ver ela destruir um homem com essa língua afiada dela sozinha. – Ele disse, um sorriso crescendo devagar no canto da sua boca.

Meu peito ficou leve, muito leve enquanto eu olhava para ele.

A loira soltou ar pela boca.

- Parece que você é invencível à minha língua afiada. – Eu disse, inclinando minha cabeça para o lado.

Isso fez com que ele sorrisse e isso me cegou como o sol. – Eu diria o contrário.

Eu senti um calor e não pude me impedir de corar.

E então o calor foi apagado quando eu senti um liquido ser derramado na minha pele.

- Oh, me desculpe. – Ela disse, suas mãos magras pegando a taça de cristal. – Eu sou tão desajeitada. – Ela riu novamente.

Eu olhei para baixo lentamente, vendo as manchas vermelhas nas minhas roupas brancas.

Quando eu olhei para ela novamente, ela escondia um sorriso atrás de seus dedos, como se estivesse tentando parecer chateada.

Parada em frente a ele, em uma sala cheia de pessoas bem mais poderosas do que eu, eu me senti pequena, humilhada.

Eu engoli a seco.

- Juliette… – Nathaniel disse, se levantando.

- Não! – Eu disse bruscamente e me virei para a loira. – Tenha uma bela noite.

Seu sorriso vacilou e eu me virei, saindo às pressas do salão e pelo corredor. Alguns casais pararam com minha presença, mas eu continuei andando e esperando que eu pudesse caminhar mais rápido que minha vergonha.

Eu abri a porta do banheiro das mulheres com tudo e fui até a pia, pegando o papel toalha de luxo ridículo importado da França e o molhando.

As manchas vermelhas pareciam sangue conforme eu esfregava, piscando para impedir que as lagrimas de raiva derramassem. Ela fez isso de propósito, não tinha sido um acidente. Eu tinha passado da linha.

Eu balancei minha cabeça, murmurando xingamentos para mim

mesma.

Quando ouvi a porta se abrindo, eu olhei no espelho, pronta para pedir desculpas pela cela, mas então eu o vi.

Nathaniel entrou, fechando a porta atrás dele.

Eu abaixei minha cabeça novamente e foquei nas manchas. As malditas manchas que não estavam saindo, apenas enfraquecendo.

- Você está aqui para se desculpar no lugar da sua namorada? – Eu disse entre os dentes.

Nathaniel ficou quieto por um momento. – Não.

Eu bufei. – Vocês, garotos ricos, superam rápido.

Novamente, silencio, o único som eram minhas respirações rápidas e minhas mãos esfregando as manchas com força.

- Ela se sentiu ameaçada por você. – Ele disse.

Eu levantei minha cabeça com tudo. – O que?

Ele deu de ombros preguiçosamente, suas mãos dentro dos bolsos. – Ela se sentiu intimidada por você.

Eu balancei minha cabeça, esfregando novamente. – Ela tem tudo. Beleza, dinheiro, um futuro brilhante e fácil a frente dela. Eu sou apenas uma camareira, se lembra?

- Não, ela não tem. – Eu olhei para cima quando ouvi o tom da sua voz. Pela primeira vez não estava calma, não estava tranquila. Eu vi os músculos da sua garganta se moverem quando ele engoliu e então ele se aproximou. – Ela não tem sua inteligência. Ou sua raiva.

Eu zombei e abaixei minha cabeça novamente, esfregando as manchas vermelhas da minha saia sem piedade. – Raiva não é atributo desejável, Nathaniel.

Seus dedos tocarem meu pulso e eu congelei. Seus longos e bronzeados dedos rodearam meu pulso e ele levantou minhas mãos da minha saia. – Você vai machucar suas mãos, Juliette.

Eu corei, fechando minhas mãos em um punho. Eu vi a vermelhidão nas pontas dos meus dedos. Quando eu ficava estressada, obcecada, eu não conseguia parar.

- Sua raiva é desejável para mim. – Ele disse e eu olhei nos seus

olhos, prendendo minha atenção.

Eu tentei me endireitar, tentei coletar meu juízo, mas sob seu olhar, eu me sentia nua. – Você é o único que me deixa furiosa.

Um sorriso apareceu na sua boca. – Que bom. – Ele parecia convencido demais. – Eu sou o único canalha que recebe a sua ira.

Eu odiei como suas palavras me deixaram fraca, me deixaram relaxada, aquecida e tonta. Eu não era esse tipo de garota. Eu não ia tirar o foco da minha meta. Do meu futuro.

- Você devia voltar para o seu encontro. – Eu disse, e puxei minhas mãos de volta.

Ele me observou por um instante. – Ela não é ninguém importante, se isso te preocupa.

Eu arrumei minha saia.

Com o meu silencio, ele se aproximou, as mãos de volta nos bolsos. – Mas talvez devêssemos colocar algumas regras nesse nosso caso.

Meu estomago seu esquentou com a palavra *caso*. Fazia com que soasse tão proibido, secreto e sagrado.

- Até o fim do verão, nós não estaremos com mais ninguém. – Ele disse, observando minha expressão.

Eu assenti.

Sua boca se contorceu um pouco. – Me dê sua palavra, Juliette.

Eu engoli com o seu tom de voz. – Eu concordo.

O seu corpo relaxou com minhas palavras e eu o encarei, com uma dúvida.

- E porque você estava aqui jantando com ela?

- Ela é uma amiga da família.

Eu assenti. – Ela é bonita. – Loira, alta e bronzeada.

Ele sorriu, olhando para mim como se ele soubesse algo que eu não sei e se aproximou, me encostando na pia. – Ela não me deixa duro como você.

Ele estava tão próximo, sua frente encostada na minha e eu senti sua ereção.

- Você está com medo de mim? – Ele inclinou a cabeça para o lado, me examinando, procurando por buracos na minha armadura. – Você está com medo de um desafio?

- Não. – Eu disse, mas minha voz tremeu, a boca do meu estomago se mexeu com calor e excitação. Eu lembrei como era sentir ele atrás de mim, a cima de mim, o seu corpo pesado batendo contra o meu.

Eu lembrei dele e dos seus três amigos. Como seus nomes eram ditos hinos sagrados e quanto poder, terror e legado vem junto com eles. Ele era mais alto que a maioria dos homens. Mais importante, mais poderoso e ficaria cada vez maior. Eu podia sentir nos meus ossos, como se uma tempestade tivesse se aproximando do oceano e da areia quieta da paia. Ele tinha sido imortalizado no momento em que ele respirou pela primeira vez.

A única coisa que eu tinha medo era da minha própria mortalidade na frente da dele. Deuses se apaixonam por mortais e os destroem pedaço por pedaço. Eu estive lutando contra a corrente elétrica que nos puxa, mas eu estava ficando cada vez mais faminta por ele.

Seus dedos passaram pelo meu quadril, se afundando por debaixo do tecido da minha saia. – Então levante sua saia.

Eu congelei. – E se alguém entrar?

Ele franziu a sobrancelha enquanto passava os dedos pela minha pele e eu estremeci. – Você está com medo de um desafio? – Ele repetiu, levantando uma sobrancelha para me desafiar.

Eu olhei para ele. Ele estava me tentando. Ele sabia que eu não desistiria, igual nos nossos debates.

Mantendo meu olhar nele, eu levantei minha saia, expondo minha calcinha branca.

Minha respiração falhou quando ele me levantou até a pia, abrindo minhas coxas para ficar no meio delas. Ele não esperou nenhum segundo, encontrando minha entrada por debaixo da minha calcinha e sentindo quão molhada eu estava. Ele sorriu, abrindo seu cinto e liberando seu comprimento sem remover suas calças por completo.

- Você nunca vai desistir, - ele disse entre os dentes, empurrando minha calcinha para o lado quando a cabeça do seu pau encontrou minha entrada e se esfregou de cima para baixo, espalhando meus lábios molhados, me provocando. – E eu também não vou. E nesse

momento, você é o meu desafio, Juliette. – Ele se empurrou com força para dentro de mim e eu ofeguei, minhas mãos indo até os seus ombros largos para me segurar.

Sua boca foi de encontro a minha em um beijo ardente antes que eu pudesse gritar como eu odiava o quando ele conhecia o meu corpo, o quando ele conhecia minha mente.

Ele estocava, fundo e devagar, sem se preocupar se alguém entraria e nos encontrassem, e eu odiava e amava isso nele.

Ele nunca deixava os outros o controlar. Ele nunca deixava os outros ditar seu tempo ou sua presença. Ele era aço e ferro. Forjado e inquebrável.

Eu me sentia como um vidro delicado nas suas mãos poderosas.

Eu lutei com ele – estocada por estoca, beijo por beijo, mordida por mordida, e ele me acompanhava todas as vezes, construindo um prazer tão intenso, que eu temia que destruiria nos dois.

CAPÍTULO 8

Dias se passaram e cada momento eu passava ou escapando de Nathaniel, ou pensando nele. Ele estava em todos os lugares. Na piscina, no bar, na praia, no restaurante – na minha cabeça, ossos e alma.

De noite, nós ficamos juntos. Escondidos atrás da porta branca da sua suíte, ele possui o meu corpo e eu deixo, mas não sem uma briga antes. Eu desafio cada toque dele com um meu, nossos beijos é uma batalha de domínio, nossas mãos são armas para fazer o outro se desmanchar.

Eu rolo no lençol branco e desabo, encarando o teto perfeito, moldes de coroa se alinha nos cantos. Nathaniel está deitado do meu lado, sem esconder enquanto respira rápido, seu peito brilhando com suor.

- Você me distrai. – Eu digo, tentando transmitir minha frustação, mas minha voz sai sem fôlego.

Nathaniel dá risada uma vez e põem um braço atrás de sua cabeça. – Eu sei seus pontos fracos. Você não desiste de um debate.

- Trazer à tona as eleições presidenciais quando você está me tocando não é um ponto fraco. – Eu digo, fraca, colocando meu cabelo em um rabo de cavalo fraco. Meu corpo todo ainda está formigando por causa do seu toque, do calor e do suor.

Nathaniel dá risada novamente.

Eu me sento para levantar, mas quando me endireito, eu chio de dor.

- O que foi? – Nathaniel agarra o meu cotovelo e me ajuda a sentar novamente.

Eu cerro meus dentes, olhando para os meus pés inchados. – São aquelas drogas de salto alto.

Nathaniel se ajoelha e eu o observo enquanto seus dedos tocam meu tornozelo. Eu recuo um pouco e ele olha para mim.

Ele se levanta, agarrando os meus pés e colocando minhas pernas de volta no meio da cama. Ele sobe, fica do meu lado e com cuidado coloca meus pés no seu colo. Ele se inclina para trás, totalmente

confortável encostado nos travesseiros e na cabeceira da cama, e seus dedos massageando meus pés, com cuidado, ternamente.

- Isso pode ajudar. – Ele diz.

Minha garganta seca e tudo que eu consigo fazer é encarar seus dedos poderosos trabalhando nos músculos e tecidos do meu pé sensível.

Quando seu dedo tocou o osso do meu tornozelo, tão delicado, tão sensível, eu recuei.

- Forte demais?

Eu mordi meu lábio, lutando para não soltar um gemido.

- Não, apenas me surpreendeu. – Eu disse, e ainda estava sem fôlego.

Nathaniel ligou a televisão que fica na parede de frente a sua cama, ainda massageando o meu pé. Na tela, estava passando um filme em preto e branco, a cena era um homem tocando piano. Eu reconheci imediatamente.

- Casablanca. – Eu disse, encostando minha bochecha no travesseiro.

- Você conhece?

Eu murmurei. – Sim.

O seu toque, seus dedos me deixaram sonolenta, me deixaram feliz e segura.

A música famosa preencheu o quarto e eu não pude deixar de pensar no final. Como Ingrid Bergman deixou Humphrey Bogart. Um vazio tomou conta de mim.

Eu me sentia segura com o Nathaniel, me sentia confortável e eu não conseguia lembrar da última pessoa que fez eu me sentir desse jeito tão intensamente.

Esse era somente um caso de verão, e mesmo quando ele pressionava seus dedos na sola do meu pé, eu sabia que ele iria me deixar.

Mas eu não consegui conter os sentimentos.

Parar as emoções que eu nunca imaginei que estariam se enrolando na minha garganta e me sufocando.

Mas talvez, eu pensei quando o sono finalmente começou a tomar conta de mim, eu podia fingir que ele era meu para sempre.

Toda manhã eu acordava antes dele, saia do seu quarto de fininho e sumia antes que o amanhecer me flagrasse. Eu tinha que fingir, quando eu via ele sentado na varanda, vestido e com óculos de sol pretos que escondia seus vividos olhos de mim, que ele não estava enfiado tão fundo dentro de mim na noite passada, grande e inchado e caloroso. Que seus dedos poderosos não tinham rolado e apertado meus mamilos até eles ficarem doloridos e então ele os chupava na sua boca faminta. Ou que ele tinha me forçado a debater com ele sobre a política da crise de mísseis de Cuba enquanto sua língua provocava meu núcleo que latejava, mordendo na pele sensível até eu morder o meu braço para me impedir de chamar ele de Deus.

Não.

Nós éramos estranhos, meros colegas competitivos que odiavam um ao outro.

Mesmo quando ele abaixava os óculos escuros no seu elegante nariz e me deixava ver aqueles olhos vividos de inteligência, poder e esplendor.

Ver ele e os três outros rapazes relaxando na varanda, cortinas brancas balançando em volta deles, fazia com que os quatro parecem coisa de outro mundo. Como estatuas que eu tinha estuda em História Antiga. Feições perfeitamente simétricas. Altos, corpos poderosos de força e beleza. Intocáveis. Espécies perfeitas que possuíam poder demais. Jovens Deus intocáveis, invencíveis e poderosos.

Eles eram os Kennedys do nosso mundo. Tão perto, mas tão distantes que eles se tornaram lendas pela imprensa e pela mídia.

Nathaniel abriu a boca um pouco e sua língua lambeu seu lábio superior, devagar, me provocando enquanto eu passava por ele, carregando uma cesta de lençóis brancos limpos. Ver sua boca, sua língua, fez com que meu corpo estremecesse, meus mamilos endurecessem, relembrando daquela mesma boca chupando, mordendo, lambendo eles até que eu gozei debaixo do seu domínio.

Nunca era somente sexo com Nathaniel.

Mesmo antes dele me tocar, ele falava sobre um assunto – de assistência medica até a revolução russa – e eu não podia me impedir de debater com ele.

Quando a tarde chegou, o sol estava alto no céu e batendo sobre nós,

as cigarras barulhentas e vibrantes. Eu carregava um balde de produtos de limpeza, olhando o oceano distante e a grama alta entre nós, balançando com a brisa do verão.

Eu passei meu braço na minha testa e bufei, parando em frente ao armário do zelador para devolver os produtos.

Eu lutei contra a chave na grande porta, rugindo quando falhei pela segundo vez.

- Vamos lá. – Eu disse sobre os dentes cerrados.

Quando a chave finalmente entrou, eu suspirei de alivio e empurrei a porta com o meu quadril.

Assim que coloquei o balde na prateleira do meu, eu ouvi a porta se fechando atrás de mim.

Eu olhei por cima do meu ombro e demorei um minuto para perceber que era o Nathaniel.

- O que vo-? – Minha voz morreu quando eu notei sua respiração ofegante e suas mãos em punhos do lado do seu corpo tenso.

- Você está vendo mais alguém? – Ele disse, sua voz calma e tranquilo, mas sua expressão sombria, seus olhos escuros e estreitos, estavam tudo menos calmo. – Eu pensei que concordamos em ser exclusivos.

Eu o encarei, chocada por vê-lo tão nervoso.

- O que? Não. – Eu balancei minha cabeça, mas ele se aproximou, seus passos largos e poderosos, fechando o espaço entre nós.

- O Senador Scott acabou de falar para um grupo de homens que você quer o seu pau. Que você estava flertando com ele. – Ele disse, seus olhos da cor do oceano estavam parecendo uma tempestade enfurecida.

Eu fiz uma careta. – Não. Ele me dá nojo. Ele tentou flertar comigo, mas eu recusei. – Eu observei ele, suas mãos relaxando apenas um pouco do seu lado. – Você realmente acha que eu flertaria com outra pessoa?

- Você é muito ambiciosa, – ele disse grosseiramente, seus cílios abaixando, seus olhos me observando por debaixo deles. – Eu não colocaria isso contra você.

Uma dor afiada irrompeu no meu peito. Como se ele tivesse me apunhalado. Eu tentei me recuperar antes que ele percebesse, mas sua expressão mudou rapidamente e ele estendeu uma mão para mim.

Eu dei um passo para trás, meu quadril batendo na estante atrás de mim. – Eu não estou tão desesperada assim para avançar com a minha carreira, Nathaniel. – Eu o encarei. – E você pensando que eu faria – - Se precisar, nós dois sabemos que destruiríamos ou usaríamos qualquer um para conseguir o futuro que queremos, – ele disse, se aproximando mais, sua mão na estante atrás da minha cabeça. Seus olhos abaixaram, examinando minha boca aberta e minha garganta. Como se ele quisesse me beijar lá. – Mas ninguém além de mim pode ter seu corpo ou sua mente.

Eu o olhei com um ar zangado, mas seu corpo estava tão perto do meu, sua cabeça abaixando.

Ele não disse uma palavra.

Ele não se moveu e apenas me encarou.

Mas isso já disse o suficiente.

Ele estava com ciúmes.

Ver esse homem tão calmo, no seu limite, não tão perfeito e adequado.

Por minha causa.

Toda minha raiva se transformou e eu joguei para cima dele, o beijando brutalmente.

Ele não me parou, apenas envolveu sua mão no meu pescoço e me empurrou para frente, sua ereção dura e quente através das suas calças.

A sua outra mão agarrou minha bunda, forçando minha perna a se envolver na sua cintura.

Ele me empurrou na estante e soltou o meu pescoço, tendo dificuldades para abaixar o seu zíper. Quando eu ouvi o barulho, eu suspirei de aliviou e então gemi quando a cabeça do seu pau se moveu para o meu núcleo pulsante.

Com uma estocada, ele estava fundo dentro de mim.

- Porra. – Ele expirou devagar, seus olhos fechados. – Eu estava dentro de vocês apenas algumas horas atrás, mas mesmo assim, parece que passou uma eternidade desde então. – Seus olhos se abriram, desejo e necessidade e raiva brilhavam no fundo deles. – Me diz que você é minha, Juliette. Me diz quem é o dono dessa buceta pelo verão inteiro.

Quando eu me recusei a responder, ele parou com todos os movimentos e eu lutei contra um gemido frustrado. Minha mão se abaixou entre nós dois para apertar o meu clitóris. Seu olhar pareceu escurecer quando ele o abaixou até minha mão. Seus lábios se abriram um pouco, seus dentes se apertando no seu lábio inferior.

Se o canalha não me desse o que eu queria, eu mesma iria pegar.

- Me diz, Juliette. – Ele repetiu com um grunhido. Os olhos grudados na minha mão obscena circulando meu clitóris com determinação. Quando meus dedos passaram na base do seu pau, eu fingi que era um acidente e sorri com o chiado que ele soltou.

- Eu sou sua. – Eu disse, porque minha mão não era o suficiente. Eu precisava que ele se mexesse e precisava que ele fizesse isso agora. Eu levei minha mão até os seus lábios, passando as pontas dos meus dedos no seu lábio inferior, espalhando meu gosto lá. Marcando ele. Marcando sua boca como minha e somente minha. – E você é meu.

Sua única resposta foi se tirar todo de dentro de mim, até que a cabeça do seu pau estava na minha entrada. Então, ele se empurrou com força e com uma estocada tão poderosa que fez com que nós dois cerramos nosso maxilar ao ponto de doer, para silenciar nossos gemidos.

Nós lutamos para nos satisfazer e ele continuo beijando cada parte de mim que ele podia tocar.

Eu estava tão próximo, tão próxima de me perder, e então alguém bateu na porta.

- Juliette?

Era a voz da Mandy.

Meu coração parou, mas Nathaniel não. Seus dedos se apertaram no meu maxilar, me forçando a tirar os olhos da porta e olhar para ele.

A maçaneta se mexeu.

- Juliette?

- Porra. – Eu gemi quando Nathaniel começou a aumentar a velocidade, seu polegar indo para o clitóris e o circulando.

Mandy bateu novamente, mas eu não podia a ouvir. Não quando minha própria respiração começou a ficar mais alta e rápida.

Eu me inclinei e mordi o ombro do Nathaniel quando meu orgasmo começou a tomar conta de mim.

Nathaniel chiou e estremeceu contra mim, estocando mais fundo. Seu calor irrompeu dentro de mim e nós dois nos desmoronamos um no outro.

- Porque diabos isso está trancado? – Mandy resmungou do outro lado da porta.

Eu xinguei baixinho e me afastei do Nathaniel, arrumando minha saia.

Eu ouvi a chave virando na porta e rapidamente a abri, saindo por ela e fechando atrás de mim.

A sobrancelha da Mandy se levantou de surpresa e então abaixou. – O que você está fazendo?

Eu engoli, tentando recuperar o folego. – Apenas limpando lá dentro. Estava uma bagunça.

Mandy pressionou seus lábios juntos, formando uma linda. – Eu ouvi você falando com alguém.

Pânico tomou conta de mim. – Eu estava falando comigo mesma.

Mandy me deu uma olhada e minhas bochechas coraram. Mas eu sobreviveria. Se ela descobrisse quem estava comigo atrás da porta, quem tinha acabado de gozar dentro de mim, ela iria me odiar.

- Ok… Bom. Eu estou indo fazer meu horário de almoço. Eu te vejo mais tarde. – Ela disse e se virou, olhando para mim mais uma vez.

Meus ombros relaxaram e eu me virei, entrando no armário novamente.

Nathaniel estava parada, com as calças abertas ainda.

- Nós não podemos continuar dando essas escapadas. – Eu disse, pressionando uma mão na minha testa. – Alguém vai acabar nos vendo. E você não vai ter problemas, mas eu vou. Esse emprego é

importante para mim.

Ele me encarou, sua cabeça um pouco inclinada, como se ele estivesse examinando um animal que o fascinasse mais do que o assustasse.

- Eu tenho um lugar que ninguém nos interromperia. – Ele disse, se aproximando. – Um lugar apenas para você e eu.

CAPÍTULO 9

Um mês havia se passado desde que eu e Nathaniel tínhamos feito nosso acordo. Nós nos encontrávamos normalmente depois das onze da noite. De manhã, quando eu saia para correr, Nathaniel me encontrava, antes do sol nascer. Eu competia com ele, tentando correr mais do que ele, mas ele apenas dava uma risada sem fôlego e estendia suas pernas bronzeadas mais para frente. O novo lugar que ele encontrou para nós era um chalé que estava sendo renovado, uma casa privada para casais e famílias que quisessem mais privacidades e pudessem pagar o preço. Um chalé de tijolos branco como os outros, hera crescendo pelos lados até o telhado escuro. Era fora do caminho, escondido por salgueiros e arbustos de framboesa, dando para mim e Nathaniel a privacidade que queríamos.

A casa quase não tinha moveis além da cama de ferro e alguns travesseiros que ele trouxe da sua suíte. Era uma tela em branco.

Aqui, eu podia chorar sem medo de ser ouvida e Nathaniel gozava se desmoronando, grunhindo quando ele encontrava o prazer no meio das minhas coxas.

Algumas vezes, nós passávamos horas debatendo, enrolados nos lençóis.

Essa noite, no chalé escuro, eu deito do seu lado, olhando para o canalha.

- Você acha que os Romanovs mereciam morrer? – Eu ergui uma sobrancelha para ele.

Ele se mexeu, sua cabeça descansando em seu braço atrás dele. – No caso do Tsar, sim. Ele era fraco. Ele não sabia liderar e estava destruindo a economia Russa.

- Você lembra que tinha uma guerra acontecendo lá, né?

Ele me encarou. – Isso só prova o quão desatualizada o monarca era.

- Isso não significa que sua família toda merecia morrer. – Eu respondi de volta.

Sua mão cobriu a minha e eu congelei. Eu não tinha percebido que

estava acariciando seu peito, fazendo uma trilha no seu torso musculoso.

- A gente devia parar de debater, – ele sussurrou, inclinando seu nariz na minha bochecha. – Você está me deixando duro novamente.

Eu observei quando ele me pegou nos braços, sentindo seu comprimento endurecer contra minha coxa nua. – Para de se esquivar.

Ele gemeu no meu cabelo e eu engoli seco. – Eu costumava me masturbar depois dos nossos debates.

Ele se sentou, ficando sobre mim, enquanto sua mão traçava meu maxilar.

Eu o encarei de volta, esperando que as sombras escondessem minhas bochechas coradas.

- Alguma vez você pensou em mim? – Seus olhos dançaram sob meu corpo, escondido debaixo do lençol, mas ele já tinha me visto nua, ele sabia o que estava ali embaixo.

Eu cerrei meus dentes. – Eu te odiava.

Ele riu, ainda tocando minha bochecha. – O que eu fiz para você?

Eu franzi as sobrancelhas, me levantando – Esquece.

Eu peguei minha blusa e a coloquei.

- Esquece? – Ele ainda estava sentado no colchão, mas com um joelho levantado, expondo sua ereção entre suas pernas. – Eu não era tão babaca com você assim, Juliette.

- Você me humilhou na frente de todo mundo. – Eu disse de uma vez.

Ele franziu a testa. – Me diga o que eu fiz.

Eu suspirei. – Quando eu estava falando sobre o Império Romano, você me questionou na frente de todo mundo. – Eu pensei naquele momento humilhante, ainda fazia meu estomago virar. Ele tinha me questionado antes mesmo de eu terminar o meu discurso. Dizendo que meus fatos estavam desatualizados. No meu primeiro debate. Aquele tom superior, aquele sorriso, aquela sobrancelha levantada, como se eu estivesse abaixo dele? Ele não parou. Ele interrompeu todas as frases que usei no meu discurso, cada palavra ele dissecava e jogava de volta no meu rosto com um sorriso cheio de arrogância.

Ele estava em um nível totalmente diferente de mim. Mais educado. Poderoso. Um calor tinha queimado cada centímetro da minha pele, e meus dedos cravaram no pódio de madeira, quase se tornando invisíveis de tão brancos. A risada do time de debate seguia, e ecoava no salão. E quando o professor falou para eu o responder, eu travei. De medo, de choque. Novamente, ele me perguntou, sua voz firme, e eu balancei minha cabeça. Quando ele declarou Nathaniel como o vencedor do debate, raiva surgiu em mim. Eu fiz meu caminho de volta para meu assento e vi enquanto os membros do time davam uns tapinhas nas costas do Nathaniel quando ele se sentou do outro lado do corredor.

O garoto de ouro.

Foi cimentado nos meus ossos que eu nunca mais me permitiria perder para ele. Que eu seria melhor que o garoto de ouro de Yale. Alguns estudando deram risada, outros até me confrontaram sobre isso e Nathaniel nem percebeu o que ele tinha feito. Ele simplesmente não ligava e era desatento aos outros.

Ele sempre seria superior. Ele era como uma divindade, destruindo as coisas por diversão, sem pensar nas consequências para os outros ao redor dele.

- Eu não me lembro disso. – Ele disse, balançando sua cabeça devagar.

Eu balancei minha cabeça. – É claro que não lembra.

Eu me virei, mas ele pulou da cama, estranhamente rápido.

- Ah, qual é. Isso foi quando? Três anos atrás?

Eu olhei para ele novamente. – Não importa quanto tempo faz. Aconteceu.

- Juliette. – Ele me chamou, mas eu continuei andando.

- Eu preciso voltar antes que alguém perceba que eu não estou no meu quarto. – Eu disse e tentei fechar a porta, mas ele a segurou.

- Juliette. – Ele disse, mais calmo que antes.

Eu olhei para ele, escondido nas sombras dos salgueiros, enquanto elas dançavam nas suas belas feições.

- Boa noite, Nathaniel. – Eu me virei e continuei andando e ele não me seguiu.

Tinha se passado dois dias. Eu não tinha voltado para o chalé e toda vez que eu via Nathaniel no clube, eu olhava para o outro lado. Eu sabia que ele me observava e eu sentia ele querendo se aproximar, mas eu não dei nenhuma chance.

Eu podia ouvir risada e conversas de uma festa acontecendo perto da piscina enquanto eu estava na minha cama. Todo mundo tinha saído ou estavam trabalhando na festa. Eu tinha a noite de folga. Sentada sozinha, lendo minhas notas de estudos para o ano que vem, meu peito parecia vazio.

Eu não gostava desse sentimento, mas eu era teimosa demais ou tinha muito orgulho para sair meu quarto. Eu tinha certeza que ele estaria na festa, ou estaria fora com seus amigos.

Uma batida na porta não me assustou. Provavelmente era a Mandy perguntando se eu tinha alguma maquiagem que ela podia pegar emprestado.

- Pode entrar. – Eu disse.

A porta se abriu e tudo que eu ouvi foi silencio, eu levantei meus olhos da pilha de papeis para ver o Nathaniel.

Eu me endireitei e puxei um suéter para o meu peito. Eu estava usando somente uma camiseta, sem sutiã, e short de pijama, já que pensei que só veria a Mandy e as meninas. Meu cabelo estava em um coque bagunçado no topo da minha cabeça e eu estava sem maquiagem.

- O que você está fazendo aqui? – Eu perguntei.

Ele se aproximou, olhando o meu pequeno quarto. Uma cama de casal e uma cômoda eram as únicas coisas no quarto além da minha mala.

- Eu pensei que ia ver você na festa. – Ele disse, olhando de volta para mim. – Quando percebi que você não estava lá, eu pensei que seria seguro conferir aqui.

Eu cruzei meus braços sobre meu peito. – Isso é arriscado, Nathaniel.

Ele sorriu. – Eu calculei os riscos.

Eu franzi a testa, mas ele se sentou, fazendo a cama parecer menor.

- Você tem me evitado. – Ele disse, olhando para mim.

- Sim, eu tenho. – Eu admiti, apertando minhas mãos no meu colo.

Ele limpou sua garganta. – O que quer que seja que eu fiz para você no passado, eu peço desculpas.

Eu abaixei minha cabeça, emoções me invadindo muito rápido. Eu nunca imaginei que ele iria se desculpar.

- Eu queria tratar você como igual. – Ele disse, calmo e meu coração aumentou. – Eu sei que você me odiaria se eu fosse gentil com você. Eu não queria fingir que você era um oponente fraco. Mas talvez, eu me deixei levar.

Minha garganta estava seca e pela primeira vez, eu não podia o retrucar. Ele estava certo. Eu o odiaria ainda mais se ele tivesse me tratado como uma donzela.

- Você me rejeitou. – Ele disse, quebrando o silencio.

Eu levantei minha cabeça com tudo. – O que?

- Eu te chamei para um encontro e você me rejeitou de primeira. – Ele disse.

Eu balancei minha cabeça, confusa.

- Era o nosso primeiro dia. Nós estávamos indo de um lado para o outro e você ficava fazendo milhares de pergunta, – ele disse, seus olhos indo de um lado para o outro, como se ele estivesse lembrando do momento. – Eu te chamei para sair e você zombou de mim e continuo andando.

Eu empalideci, colocando a mão na minha garganta. – Eu pensei que você estava zombando de mim!

Ele riu, balançando sua cabeça. – Eu estava falando muito sério.

Pavor correu por mim enquanto eu observava ele olhar para seus sapatos de couro, suas mãos entre suas pernas.

- Você não deveria estar com seus amigos? – Eu perguntei, o encarando por debaixo dos cílios enquanto mexia com o lençol.

O seu olhar voltou para mim. – Não.

- Eu não estou afim de fazer sexo. – Eu disse rapidamente e me arrependi.

Ele deu risada. – Eu não vim aqui por isso.

Devagar, ele se inclinou e eu estava com medo de me mexer. Seus lábios encostaram nos meus e eu cedi. Ele me beijou, gentilmente, sem pressa e em seguida nós estávamos deitados na cama.

Eu dormir nos braços de um Deus.

CAPÍTULO 10

Outras poucas semanas se passaram e a costa leste estava plenamente desenvolvida em uma onda de calor no verão. A maioria dos hóspedes passavam os dias na praia ou se escondiam em segurança sob os guarda-sóis.

Quando abri um lençol limpo e novo com Mandy do outro lado, ela sorriu para mim.

- Você vem com a gente hoje à noite. – Disse ela, enfiando o lençol sob o colchão.

Eu revirei meus olhos. – O que está acontecendo hoje à noite?

- Duh. É quatro de julho hoje à noite. Festa em uma casa local. Não muito longe daqui. Nós poderíamos caminhar ao longo da praia. – Quando eu não respondi a ela e me inclinei, dobrando meu lado do lençol, ela gemeu. – Oh, hummm. Todos nós temos esta noite de folga. É a única noite em que podemos realmente sair deste lugar e nos divertir. Precisamos de uma pausa!

Eu olhei para ela. – E eles nos deixariam entrar?

Danielle afofou um travesseiro ao meu lado e assentiu ansiosamente. – Eu ouvi que o cara dá uma festa todo fim de semana quando ele está aqui.

Mordi o interior da minha bochecha e levantei as mãos nos meus quadris. – Bem. Uma noite.

Mandy balançou os quadris, dançando. – Sim!

Nathaniel estava fora na última semana em Boston, onde seu pai ficou. Um estranho vazio se expandiu no meu peito a cada dia e eu tentei ignorar, mas continuou se construindo.

Eu sacudi o pensamento.

Quando a noite se aproximava, Danielle, Mandy e eu nos preparamos juntas. Foi refrescante usar algo que não era a nossa roupa de trabalho. Eu coloquei um vestido preto com a saia de um tecido delicado; o mesmo que Nathaniel dissera tinha sido muito frágil e sorriu com aquela lembrança.

- Pronta? – Mandy perguntou. Ela foi para um jeans mais casual, rasgado combinando com a camiseta, e Danielle vestida com um vestido rosa quente.

Nós três nos aventuramos na praia escura. Elas tinham bebido alguns copos de vodka-cranberry enquanto se preparavam, mas eu não tinha tocado em nenhum. Eu não gostava do sentimento que o álcool me deu; fora de controle, maluca, desorientada. Eu gostava de estar no controle; eu gostava de poder me concentrar.

-Então você vai para Yale? – Danielle perguntou, envolvendo um braço ao redor do meu, deixando escapar um grito quando seu pé escorregou na areia.

Eu assenti.

- Você consegue ver os Deuses Americanos muito? – Ela riu de suas próprias palavras, descansando a cabeça contra o meu ombro.

- Às vezes. – Eu tive muitas aulas com James e Nathaniel e uma com Gabe. Arsen e eu mal cruzamos os caminhos e eu estava feliz com isso.

Ainda assim, eu via os quatro meninos em todo o campus. Eles eram tratados como celebridades enquanto as garotas ficavam boquiabertas quando estavam por perto.

Até os funcionários os temiam. Eles exerciam muito poder para três garotos tão jovens. Eu sempre via Nathaniel como o único a manter o equilíbrio, mantendo-os calmos antes de uma tempestade irromper.

Quando um professor falhou com James, com base de que ele estava indo para a aula intoxicado, o professor foi supostamente removido da equipe no dia seguinte.

Eu puxei meu suéter mais apertado para o meu peito para me manter aquecida.

Uma casa iluminou a costa escura, música e risos ecoaram nas ondas.

Quanto mais nos aproximamos da casa cinza, mais eu percebia o quão caótica a festa era. As pessoas ficavam do lado de fora na praia e na varanda, bebidas na mão. Pessoas em pé ou empoleiradas no telhado, pulando em uma grande piscina de mármore branco abaixo. No meio da praia, um círculo de pessoas se formou, do qual gritos

altos podiam ser ouvidos.

Meu peito apertou quando percebi que o círculo de pessoas era para ver uma luta.

Vi vislumbres de punhos sendo lançados, uma corrida agitada e o som de carne se encontrando com carne.

Eu agarrei meu colar.

- Quem está brigando? – Mandy perguntou a alguém quando estávamos do lado de fora do círculo, tentando ver quem estava lá dentro.

- Rhodes e Dawson. – Alguém respondeu na escuridão.

Meu estômago caiu. James Rhodes estava aqui e isso significava que provavelmente Gabe e Arsen também estavam.

Mandy pegou minha mão e empurrou a multidão até que estávamos na primeira fila. Havia sangue respingado na areia branca.

James estava sem camisa, com o jeans baixo nos quadris, enquanto levantava os punhos. Com um lábio inferior cortado e sangue em seu cabelo dourado, ele parecia o deus da guerra.

Os dois adversários circulavam um ao outro, como leões esperando para atacar, e em um movimento surpreendentemente rápido, James atacou, seu punho colidindo com a bochecha de Dawson e ele caiu duro.

Gritos e aplausos irromperam e alguém bateu nas minhas costas, me impulsionando para frente. Eu segurei em Mandy, enviando um olhar irritado atrás de mim. O cara olhando para mim parecia uma bagunça absoluta, suado e suas roupas em desordem. Seus olhos pareciam incapazes de se concentrar adequadamente, olhando ao redor dele freneticamente. Com certeza, havia o que suspeitosamente parecia pó branco em torno de suas narinas. Balançando a cabeça, me virei de novo, concentrando-me na luta mais uma vez.

James cambaleou, limpando o lábio inferior e abaixando a garrafa de Jack Daniels que alguém lhe entregava do lado de fora. Mais uma vez, ele jogou a garrafa vazia na areia com indiferença, limpando a boca sorridente com as costas da mão. Seu corpo estava coberto de areia e sangue e suor. James não fingia, sua reputação, seu fascínio e maus hábitos o ajustavam à perfeição. Ele personificava tudo com

orgulho, como se criar caos fosse uma segunda natureza para ele.

- Porra! Sim! – James gritou para o céu e gesticulou para alguém do lado de fora para se juntar a ele no círculo.

Outro adversário, outra luta, mais uma noite de destruição.

- Vamos para dentro – Gritou Danielle para Mandy e eu. Demos uma cotovelada no meio da multidão e subimos pela escada elegante. Quando entramos, um sofá estava virado e vidros quebrados foram espalhados pelo piso de madeira clássico.

Mandy e Danielle já estavam procurando por bebidas enquanto eu examinava a multidão em busca de rostos familiares. Eu vaguei mais para dentro, olhando para outra sala de estar. Dentro estavam Gabe Easton e Arsen Vasiliev, junto com outros caras que eu não reconheci da escola. Eu relaxei. Ninguém me reconheceria ou descobriria que eu não era a garota que passava os verões no sul da França. Alguns deles, no entanto, reconheci do clube de campo.

Estavam sentados em cadeiras de couro, com traços desenhados. Alguns estavam casualmente segurando juntas entre os dedos, falando em voz baixa um para o outro. Gabe foi o único a não fumar. Ele estava sentado em sua cadeira, relaxado enquanto examinava cuidadosamente cada homem enquanto falavam com ele. Arsen se sentou em uma cadeira oposta a Gabe, um charuto enfiado entre os longos dedos tatuados, a cabeça inclinada como se estivesse absorta em pensamentos.

Foi quando um dos homens se levantou que tive um vislumbre de Nathaniel em pé perto da lareira, um cotovelo apoiado no suporte da lareira.

Mas ele não estava sozinho.

Aquela mesma garota, que com ele na outra noite, com os olhos cerrados, um sorriso completo no rosto enquanto olhava para ele como se ele tivesse colocado as estrelas no céu só para ela.

Meu peito ficou muito apertado muito rápido e o ar ficou preso no caroço se expandindo na minha garganta.

Vi como a garota rica – uma garota com quem ele crescera destinado – acariciava seus dedos cuidadosamente ao longo de seu bíceps protuberante.

Eu esperava que ele fizesse alguma coisa – recuar, mas ele continuou a olhar para ela, tomando um copo de uísque.

Ela riu sem rodeios de algo que ele murmurou para ela e eu a odiava ainda mais porque era uma risada linda. Ela parecia meio apaixonada por ele e eu tinha certeza de que eu parecia da mesma maneira para ele mesmo quando eu lutava contra isso.

Ele não deveria estar voltando até segunda-feira, mas aqui estava ele. Dois dias antes. E ele não disse nada para mim.

Eu não pude evitar a pontada de dor no meu peito. Ele estava me evitando? Ele teria me dito que chegou na segunda-feira e não mencionou que esteve aqui por dois dias antes disso?

Eu me encolhi. Nós não estávamos falando sério. Isso – O que eu e Nathaniel tínhamos – foi apenas nós dois nos livrando dessa necessidade e energia sexual entre nós.

Nada mais.

Parte de mim queria ir até ele e beijá-lo para que todos soubessem que ele era meu. Queria poder estar com ele em um lugar público. Não atrás de portas. Mas se eu fizesse, Mandy e qualquer outra pessoa que nos conhecesse, saberia que algo estava acontecendo.

Eu era a empregada; ele era o filho do dono.

Eu era uma menina pobre; ele era um deus.

Ele não era meu. Ele nunca seria só meu.

A cabeça de Nathaniel levantou, olhando para o lado e eu dei um passo para trás, querendo sair, querendo desaparecer e voltar para o clube e esquecer tudo sobre ele, mas era tarde demais. Seus olhos captaram os meus um segundo depois e sua mandíbula se apertou, seu corpo inteiro endireitando quando ele se virou para mim.

Eu girei, apenas para correr me encontrar com outro corpo.

- Uou! – Mãos agarraram meus quadris e eu olhei para cima para ver um homem sorrindo para mim. Cabelo loiro platinado curto e uma covinha num dos lados da boca. – Bem, olá linda.

O choque diminuiu e eu fechei minha expressão, tentando recuar e passar por ele. Mas ele se desviou, bloqueando meu caminho.

- O que? Não vai dizer oi de volta? – Ele inclinou a cabeça, tentando

pegar meu olhar. – Meu nome é Thatcher Adams. Você pode ter ouvido falar de mim.

Que idiota autocentrado.

Eu tinha ouvido falar dele e não era nada glorioso. Eu não queria passar outro segundo com ele. Ele foi para Yale e foi definitivamente parte do mesmo clube secreto de cavalheiros que Nathaniel. Ele era um linebacker no time de futebol de Yale. Ele passou mais tempo no campo do que em uma biblioteca ou sala de aula.

- Eu ouvi. – Eu o mordo e dou uma cotovelada no estômago dele.

Ele geme, me soltando, mas rapidamente agarra meu cotovelo. – Que porra é essa?

- Solte-a, Thatcher, – ouvi Nathaniel dizer atrás de mim. Sua voz tão composta. Uma voz que acalmou a tempestade dentro de mim. – Você está bêbado.

Eu olhei de volta para ver Nathaniel em pé no meio da sala, seu olhar fixo em Thatcher.

- Apenas se divertindo, não estamos, bebê? – Thatcher riu no meu ouvido.

Nathaniel deu um passo à frente, a raiva começou a quebrar através de sua compostura, mas Gabe se levantou.

- Deixe-a ir, Adams, – disse Gabe, sua voz era tão afiada quanto uma faca. Todo mundo estava assistindo agora. Como se um rei tivesse falado. – Você conhece o código. Você não quer ir contra isso.

O código? Eu queria perguntar, mas me contive. O clube deles tinha um código?

Os dedos de Thatcher apertaram meu cotovelo e eu não pude evitar o leve gemido que me escapou. Com isso, os olhos de Nathaniel baixaram e eu juro que pareciam que ele estava tentando queimar a pele de Thatcher da mão segurando meu braço. – Está aqui para salvar outra alma, Gabe? – Thatcher riu sombriamente, bêbado demais para se filtrar. – Tentando compensar por matar Alexander todos esses anos atrás? Vamos lá, cara, todos nós sabemos que vocês deixaram ele se afogar, não adianta tentar provar a si mesmo como um santo agora.

Eu assisti os traços de Gabe escurecerem, suas grandes mãos se

tornaram poderosos punhos de raiva. A tensão cresceu quase sufocando na sala e eu prendi a respiração. Arsen se levantou da cadeira e ficou atrás de Gabe, e se Thatcher não estivesse me abraçando com tanta força, eu teria me escondido de seus olhos brilhantes. Ele parecia com o assassinato parecia muito atraente naquele momento e a coisa aterrorizante era - eu não tinha certeza se era apenas uma impressão.

De alguma forma, eu podia sentir sua raiva, sua ira, como se tivesse sua própria entidade.

Isso, o que Thatcher havia dito, tinha sido uma coisa muito, muito ruim de se dizer.

Você não menciona a controvérsia de Archibald na presença dos deuses americanos. Nunca.

- Tenha muito cuidado com quem você fala assim, Thatcher, – disse Nathaniel, mortalmente calmo, com as mãos enfiadas nos bolsos enquanto caminhava para a frente, aproximando-se cada vez mais. Fiquei impressionada com a calma dele, com a forma como ele poderia ser. Ele sorriu presunçosamente para Thatcher, mas seus olhos eram escuros e duros. – Vou repetir uma última vez por sua causa; deixe ela ir embora. – Ele falou devagar e com firmeza.

Com um suspiro irritado, Thatcher me empurrou para o lado com mais força do que o necessário e eu bati na parede, me preparando.

E então ele jogou o punho, golpeando Nathaniel pela bochecha – ele cambaleou para trás, mas se manteve em pé.

Eu mantive minha cabeça erguida, olhando boquiaberta enquanto Nathaniel ficava quieto, sua cabeça virada para longe. As narinas de Thatcher se alargaram.

Mesmo que a música ainda tocasse ao nosso redor, estava em silêncio.

A mandíbula de Nathaniel flexionou quando ele limpou o sangue da bochecha cortada com as costas da mão. Ele olhou para ela por um momento, depois riu profundamente, mas o som não continha alegria. Era o tipo de risada que prometia retaliação.

O corpo de Gabe tremia com raiva mal contida. – Você, porra.

Nathaniel levantou a mão, impedindo que Gabe se apressasse para

destruir Thatcher.

O olhar que ele atirou em Thatcher fez meu sangue gelar. Calmo demais. O tipo que era mais preocupante do que qualquer raiva.

- Você está fora, Thatcher, – disse Nathaniel. – Proteção, conexões, sucesso, tudo acabou. Você acabou de dar adeus a tudo.

Todo o sangue sumiu do rosto de Thatcher e ele olhou para ele. Eu não entendi o que ele tinha acabado de dizer, mas pelo jeito que a sala inteira congelou, eu entendi que ele tinha ameaçado algo grande.

- Você não pode decidir isso! – Ele rugiu.

Nathaniel fixou o paletó e levantou a cabeça bem alto, a maçã do rosto cortada e sangrando. Mas ele estava de volta ao seu eu perfeitamente composto, perfeitamente indiferente. – Eu já decidi.

Thatcher fez uma careta e deu um passo à frente, mas fez uma pausa, olhando de volta para Arsen e Gabe, que agora estavam mais perto de Nathaniel.

Com um grunhido profundo, Thatcher lutou através da multidão, desaparecendo.

CAPITULO 11

Eu me endireitei, olhando para Arsen e Gabe. A loira se aproximou, a mão dela acariciando as costas de Nathaniel.

Meu peito se apertou.

- Você está bem, Nathan? – Ela murmurou, tocando sua bochecha machucada.

Eu me virei, incapaz de ficar mais tempo para assistir.

Eu empurrei através da multidão que estava animada com a notícia de um confronto entre dois ricos bastardos.

Foi quando saí de casa e alcancei a areia, que Nathaniel agarrou meu braço.

- Onde você está indo? – Ele perguntou enquanto me girava para encará-lo, sua sobrancelha franzida em confusão.

Eu dei de ombros. – Estou voltando para o clube. Aproveite sua noite.

Eu tentei me virar novamente, mas ele deu um passo ao meu redor e entrou no meu caminho, me bloqueando. – O que está errado? Ele te machucou? – Ele tocou meu bíceps, olhando para ele procurando qualquer hematoma.

- Apenas volte para a festa, Nathaniel. Volte para o seu encontro perfeito. – Eu disse, raiva consumindo minhas palavras.

Ele franziu o cenho. – Ela não é meu encontro.”

Eu revirei meus olhos. – Vocês dois estavam fodendo um ao outro com seus olhos.

Ele olhou, ficando tão perto que eu estremeci. – Eu não estava fodendo com os olhos dela. Há apenas uma pessoa que os olhos quero foder – ou foder tudo – e ela está bem na minha frente.

Suas palavras me atingiram e eu olhei para ele, querendo parecer forte e irritada.

Mas ele sacudiu meu núcleo. Eu me senti exposta. Como se eu tivesse acabado de expor todas as minhas emoções para ele. Que eu

me importava provavelmente mais do que ele. Como se eu tivesse lhe mostrado o meu ventre e ele cavasse suas garras e dentes profundamente e me destruísse.

Eu não pertencia a essas pessoas. Nathaniel era para namorar alguém como aquela garota. Uma garota que eu nunca seria. Eu sempre carrego meu passado comigo. Eu nunca seria primeira, adequado e de sangue azul.

Nenhum de nós falou e eu deixei cair o meu olhar, cansada e irritada e triste e confusa. – Estou indo embora.

- Então eu estou andando com você. – Afirmou.

Eu não lutei com ele e, enquanto seguíamos para a praia, senti que deveria ter dito às garotas que eu estava saindo.

- Eu não achei que eu veria você ou os outros caras hoje à noite. – Eu disse, chutando a areia.

Ele levantou uma sobrancelha. – Você percebe que é a casa de James, certo?

Meus olhos se arregalaram. – Essa era a casa dele?

Ele riu.

- O pai dele não vai ficar bravo? Ele está destruindo a casa! E ele está lutando enquanto está intoxicado.

- James é viciado na emoção. O pai dele vai ficar puto, mas ele vai redecorar. Isso acontece toda vez que James está chateado com seu pai. Ele organiza festas e destrói a casa. – Explicou Nathaniel.

- Ahh, – eu sussurrei. Eu não podia imaginar viver assim. Sendo tão destrutivo, tão selvagem e irresponsável. Eu olhei Nathaniel nas sombras. – Eu pensei por um momento que você iria bater nele.

Seus olhos azuis pegaram os meus e ele esfregou o queixo, olhando para frente. – A vida é dez por cento o que acontece com você; noventa por cento é como você reage a isso. Eu escolhi não se envolver.

Eu o observei, seu rosto cimentado naquela expressão que ele usava durante nossos debates. Para se esconder. Ele fechou as mãos uma vez e depois abriu-as, flexionando os dedos para fora. Como se ele quisesse atacar Thatcher.

Ele sendo calmo e pensando antes de saltar em uma briga fez meu coração bater forte. De alguma forma, ele continuou a se tornar mais atraente do que antes.

- Você expulsou Thatcher do seu clube secreto?

Ele me deu uma olhada e depois de um segundo, suspirou. – Sim. Eu não vou tolerar alguém assim.

Eu balancei, apertando meu suéter ao redor do meu meio. – Você é como… o chefe?

Ele riu. – Não, eu não sou, mas sei que os outros membros me apoiarão nessa decisão. Especialmente Gabe, Arsen e James.

Eu mexo no meu colar, abrindo a boca e fechando-a.

- Coloque para fora. – Ele desafiou, um brilho em seus olhos.

Eu olhei e curvei a cabeça, olhando para os meus pés enquanto caminhávamos pela praia. – Você não teve que intervir.

Ele tocou meu braço e eu parei ao lado dele. – É essa a sua maneira de me agradecer?”

Eu hesitei e lentamente, acenei com a cabeça, mas outra coisa correu em mim. – Eu pensei que você não estaria de volta até segunda-feira.

Ele deixou a cabeça cair e se aproximou, seu corpo tocando o meu. Seus olhos encontraram os meus. – Eu voltei algumas horas atrás. Quando fui procurá-la, eles disseram que você estava em uma festa.

- Você foi me procurar?

Ele assentiu e abriu a boca, mas o som de fogos de artifício explodindo no céu desviou nossa atenção. Eu olhei para os azuis e vermelhos pintando o céu noturno.

Quando me virei para sorrir para Nathaniel, ele já estava me observando.

Observando-me de um jeito que me tirou o fôlego.

De certa forma, ninguém jamais olhou para mim assim.

- O que? – Eu apertei minha boca fechada assim que a palavra dura me escapou. Eu sei como soou; defensiva e eu não queria que ele pensasse que eu precisava me defender contra ele.

Ele sorriu suavemente para isso. Abrindo o botão do casaco, ele se

abaixou na praia, as mãos se derretendo na areia branca.

- Sente-se. – disse ele, apontando para o local ao lado dele.

Eu rolei meu lábio entre os dentes e olhei de volta para a festa da casa, tão brilhante, tão alto e distante. E então olhei de volta para ele. Quase brilhando na escuridão, seu sorriso fraco e mortal, seus olhos escuros, esferas de poder e inteligência.

Eu sentei e olhei as ondas rolando na praia a poucos metros de distância, batendo e recuando. Como eu. Eu iria bater e recuar. Eu aprendi que pessoas abandonam desde tenra idade. As pessoas mais importantes para mim sempre desapareceram e eu era boa em sair antes que elas desaparecessem.

- O que você estava fazendo na cidade? – Eu perguntei depois de um momento de silêncio confortável.

Ele se inclinou para trás e mudou seu olhar intenso para mim. – Eu estava visitando meu pai. Meus pais estão discordando sobre o meu futuro.

Eu me endireitei. – Seu futuro?

Ele exalou devagar, seu peito se expandindo para que o tecido de sua camisa se esticasse até sua forma atlética. – Sim. Minha mãe quer que eu assuma o negócio de hotéis da família dela. Meu pai quer que eu siga seus passos e se torne o prefeito de Boston.

Eu murmurei, mudando o meu peso para as palmas das minhas mãos atrás de mim.

Suas sobrancelhas baixaram. – O que esse zumbido significa?

Eu balancei meu cabelo por cima do ombro e sorri. – O Nathaniel Radcliffe que eu conheço não deixaria ninguém decidir seu futuro em seu lugar.

Ele acariciou a ponta do polegar sobre o lábio inferior, estudando-me com um olhar que brilhava com inteligência. – E o seu passado, Juliette?

Eu fiquei tensa, olhando para os meus sapatos cobertos de grãos de areia. Limpei-os, mas ainda podia sentir a fricção do grão nas solas dos meus pés.

- O que tem meu passado? – Eu perguntei, voz baixa.

Ele cantarolou de volta, endireitando-se ao meu lado. – E se eu dissesse que conheço seu passado?

Minha cabeça virou rapidamente em sua direção, a boca se abrindo. – O que?

Em vez de um sorriso presunçoso, sua expressão era de aço e sóbria. – Você está vivendo com bolsas de estudo do governo. Você não tem família…

O embaraço envolveu minha garganta e beliscou meus pulmões. Eu fiquei de pé, limpando a areia das minhas panturrilhas. – Boa noite, Nathaniel.

Ele se levantou, combinando meu ritmo sem esforço. Claro.

Ele entrou no meu caminho. – Seu passado não define você. Você ganhou sua educação em Yale, isso é admirável. A maioria de nós não. A maioria de nós faz com que nossos pais façam o nosso caminho.

- Não você. – Eu respondi de volta. Porque é claro que ele sempre teria isso acima de mim. Que ele era rico e inteligente e muito bonito.

- Olha, – ele retrucou - pela primeira vez, sua voz não soou tão composta e eu congelei. – Como eu disse, seu segredo está seguro comigo. Ninguém vai saber. Todos vão pensar que você foi para o sul da França.

- Mas seus amigos…

Seus olhos se estreitaram. – Não vou dizer uma palavra. Eles são leais a mim como sou leal a eles.

Suas palavras martelaram na minha cabeça. Lealdade entre quatro homens capazes de destruir qualquer um em seu caminho. Sem levantar a mão ou mover um músculo na mandíbula, governaram o campus. E logo Boston também.

- Eu cresci mudando de lar adotivo para lar adotivo. Minha mãe morreu. Meu pai nunca esteve presente. Ninguém me queria. Ninguém. E eu aprendi isso. Aprendi que os pais adotivos gastam dinheiro com drogas ou roupas bonitas ao em vez de me alimentar. Eu era apenas mais um salário para eles. E quando eles se cansaram de mim? Eles me enviaram para o próximo para me ignorar, para me usar, para me bater. Eu passei por dez lares adotivos diferentes. Eu

nunca quero me sentir assim de novo. Eu nunca mais vou ser aquela garota de novo. – Eu estalei, lágrimas queimando na parte de trás dos meus olhos.

Nathaniel sacudiu a cabeça, os olhos cheios de poder, esperança e força. Como se minhas palavras o tivessem movido.

- Seu passado não precisa definir você, Juliette, – ele disse, sua voz suave e dura de uma só vez. Não deixando espaço para eu discutir. Porque eu sabia que o bastardo estava certo. Porque ele viu algo que eu tive dificuldade em ver. – ***Ad astra.*** – Eu tremi com a voz dele, com suas palavras.

Para ver as estrelas.

- Você pode fazer qualquer coisa. – Disse ele, aproximando-se, o céu escuro se misturando com seu cabelo escuro.

Eu o olhei – Você de todas as pessoas sabe que isso não é verdade. Você conhece as pessoas com poder que têm riqueza e nomes e conexões antigas.

Ele deu de ombros, erguendo os braços como se quisesse desafiar qualquer um - o universo. – Então eu farei o Congresso se curvar.

Eu cerrei meus dentes. – Eu não preciso da sua ajuda.

- Não, você não precisa, – ele concordou. – Você pode conseguir o que quiser sem a ajuda de ninguém. Você é capaz, forte e inteligente. E você merece todo o sucesso que eu sei que você terá. Mais do que nunca, mais do que quaisquer bastardos cujos pais pagaram para Yale. – Uma nova raiva rugiu em seus olhos. A calma foi apagada e ele se aproximou mais e mais até que sua respiração abanou meu nariz.

Eu engoli em seco, minha garganta apertada e quente. Incapaz de falar. – Ninguém…

Seus olhos ardiam em mim e eu me senti em chamas.

- Ninguém nunca se importou com o que aconteceu comigo. – Eu sussurrei.

Ele não disse uma palavra, sua mandíbula flexionando sob o aperto de seus dentes, mas eu senti seu olhar como mãos, como uma palavra poderosa proferida de sua boca sagrada.

Um estrondo encheu o ar, fazendo com que nós dois nos

sacudíssemos e os vermelhos e azuis e brancos enchessem o céu escuro sobre a água.

Fogos de artifício irromperam de novo e de novo, brilhando através de suas feições esculpidas.

Com um olhar de mim, ele se aproximou e pegou meu rosto em suas poderosas mãos. Seus olhos oceânicos, escuros e duros – seguravam o universo neles. Um universo que ele estava oferecendo para mim.

Então ele roubou minha boca, meu corpo e minha mente de uma só vez sob os fogos de artifício de Quatro de Julho.

CAPITULO 12

Certa manhã, acordei com uma nota ao lado da minha cabeça no travesseiro de Nathaniel.

Encontre-me nas docas do lado leste às 2 da tarde. Seja pontual.

Eu fiz uma careta para a nota com meus olhos sonolentos e me preparei. Eu bufei para o “seja pontual”. Nós dois éramos sempre dolorosamente pontuais.

Durante todo o meu turno, pensei no que ele estava planejando. As docas do lado leste não eram muito usadas. As tábuas de madeira tinham apodrecido e precisavam de reparos, mas não tinham planos de consertar o deque até o próximo verão.

Por que Nathaniel queria que eu o conhecesse além de mim.

Eu tirei minhas roupas de trabalho e vesti shorts azuis e uma camiseta branca. Quando fiz meu caminho, a grama alta até meus quadris, vi um veleiro atracado no lado leste.

Nathaniel estava ali e sorriu quando me viu, suas sombras bloqueando os olhos de mim.

Eu olhei para o barco branco.

- Você está me levando para sair em seu barco? – Eu levantei uma sobrancelha.

Ele riu, esticando a mão para mim. – Você não parece animada.

- E se alguém nos ver?

Ele imitou minha expressão anterior, levantando uma sobrancelha. – Ninguém vem até aqui. Você está segura.

Suspirei, pegando a mão dele e entrando no barco. Ele balançou quando eu desci, mas ele me segurou para que eu não caísse.

- Sente-se. – Disse ele, dirigindo-me para o lado do barco ao lado da roda grande.

Eu não sabia nada sobre velejar, mas observá-lo enquanto ele conduzia o barco até a boca larga do oceano me fascinava e me

emocionava.

A água salgada espirrou para o lado, molhando minha camiseta e braços, mas me senti refrescante com o calor escaldante do sol e dele.

Na área em que estávamos, eu só podia ver pequenos pontos brancos de barcos à distância do resort. Estávamos longe de todos, longe das pessoas que nos enjaulavam, que nos dividiam. Conversamos sobre política, sobre história, sobre o que quer que tenha surgido debaixo do sol escaldante e quente.

Ele desacelerou depois de um tempo e sentou-se, levantando a camisa sobre a cabeça e revelando aquele torso tonificado e bronzeado de uma estátua esculpida. Ele passou o braço pela testa e deitou ao meu lado, escondendo os olhos com o braço.

Ficamos em silêncio, a água batendo contra o barco o único som.

- Onde você aprendeu a navegar? – Eu perguntei, rolando de lado para encará-lo.

Ele manteve o braço descansando sobre o rosto, mas eu vi seus lábios se curvarem em um sorriso. – Meu pai me ensinou. Foi uma das únicas coisas que fizemos juntos. – Ele ficou quieto, mas eu sabia que a maneira como sua boca se contorcia ele não estava falando. Ele estava achando as palavras certas, o momento certo para falar em voz alta. Um homem de precisão e inteligência. – Eu queria impressioná-lo, então eu navegava todas as manhãs que podia. Eu ganhei todas as competições por aqui.

Eu tracei meu dedo ao longo do lado das tábuas de madeira. – Você gostou?

Minha voz tinha sido suave e gentil.

Eu observei sua garganta engolir, seu pomo de Adão balançando. – Você pode ser a única pessoa que entende como eu sou. Eu gosto de entender as coisas. Eu gosto de ser o melhor.

Eu abaixei totalmente para o meu lado, mais perto dele do que antes. – Mas você não gosta de velejar.

– Não, mas eu não desistiria até que eu dominasse.

Eu olhei para ele. Eu entendi ele. Ele tinha uma unidade tão poderosa quanto a minha e eu respeitava isso.

- Você nunca vai se contentar com nada menos. – Eu disse, não como uma pergunta, mas como um fato.

Ele riu uma vez.

- Meus pais queriam que eu fosse bem equilibrado. Ser social e bem-educado e atlético. Eu encontrei o maior conforto em livros embora. Quando todos ao meu redor estavam ocupados demais para falar comigo, eu li. Era meu único consolo, meu único conforto à noite. Eu não cresci gastando tempo com meus pais. Eu cresci com babás e professores - e os livros eram as únicas coisas constantes na minha vida.

Minha garganta ficou quente e seca e minha visão borrada, lágrimas queimando meus olhos. Essas palavras me atingiram profundamente. Porque eu me sentia da mesma maneira crescendo. Eu procurara a paz da minha vida em palavras. E agora um homem que parecia tão diferente de mim compartilhava algo tão poderoso.

- Eu gosto de dissecar pessoas, participar de conversas, mas prefiro ter minha própria empresa ou um grupo seleto.

Meu coração pulou.

Eu fazia parte dos poucos escolhidos?

Eu me apoiei no meu cotovelo. – Como Gabe, James e Arsen?

Ele murmurou um sim. – Eu confiaria a eles a minha vida.

Eu engoli em seco, pensando naqueles três homens. Eu me encolhi com o pensamento do meu artigo criticando-os.

- Eles estavam chateados com o artigo que eu escrevi quando a lista saiu? – Eu olhei para ele.

Ele endureceu, mas não moveu o braço. – Eles estavam bem com isso.

Eu olhei para sua expressão vazia e então meus ombros caíram. – Ou você disse a eles que eles tinham que estar bem com isso?

Seu braço levantou na minha voz baixa e seus olhos azuis captaram os meus.

Naquele único olhar, ocorreu-me.

Como todos os olhares, todas as provocações desapareceram tão rápido.

Eu levantei e ele seguiu em pé. – Você os fez parar. Você fez com que eles me deixassem em paz.

Ele se aproximou. – Eu não queria que eles te incomodassem. Então eu disse a eles para recuar. Não é grande coisa. Apenas uma lista estúpida.

Eu congelo. Eu queria estar com raiva, queria dizer a ele, fazer uma cena, mas tudo que eu podia fazer era olhar para ele.

– Para me proteger?

Ele tinha feito isso. Para me proteger. Ninguém jamais havia feito algo assim.

Meu peito apertou e um calor se espalhou pelo meu corpo, uma sensação de formigamento tocando as pontas dos meus dedos.

- Sim. – Ele disse simplesmente. Como se proteger-me das carrancas e insultos da multidão de Yale não tivesse sido nada fora do comum, nada que valesse a pena mencionar.

- Mas isso foi há meses. – Eu sussurrei, atordoada. Eu ainda o odiava naquela época e ele Eu queria beijá-lo. Eu queria provar aquele oceano salgado em sua pele e eu queria sentir suas mãos nas minhas costas, no meu pescoço e na minha cabeça.

Eu só queria ele e esse pensamento só me aterrorizou e me emocionou.

Eu nunca quis ninguém antes.

Não pela pura razão do meu coração bater como um tambor dentro de mim.

Não só para avançar na minha carreira.

Apenas para mim e meu maldito coração.

- Você sempre protege a todos. – Acrescentei depois de uma pausa de silêncio. Ele sentou-se na beira do barco com um suspiro pesado.

- Eu só faço isso para um grupo seleto. – Disse ele, olhando para a água calma.

Meu coração batia forte no meu peito, na minha cabeça, na ponta dos meus dedos e eu não conseguia desviar o olhar dele.

- ***Sempre fidelis.*** – Eu disse suavemente.

Mas pela maneira como a cabeça dele se virou para mim, seus olhos captaram os meus em um grande choque azul, ele me ouviu.

Seu olhar era poderoso, obrigando-me a ficar parado. Sua boca se abriu, mas ele não falou.

Pela primeira vez, Nathaniel ficou sem fala na minha frente.

Ele sabia exatamente o que eu acabara de falar em latim.

Falar em outro idioma, falar em latim um para o outro parecia tão íntimo, tão pessoal e revelador. Só nós dois sabíamos.

Sempre fiel. Sempre fiel Porque ele estava. Ele era leal a alguns poucos e que a lealdade era tão poderosa que arruinou homens e imortais.

E o fato de eu estar naquele grupo seleto fez meu coração bater forte.

Eu abaixei meu olhar, eu podia sentir o peso dele em mim como o sol queimando minha pele.

Nós nos sentamos em silêncio e então ele se moveu, guiando o barco e nos virando de volta para a propriedade.

Talvez eu tenha dito a coisa errada. Talvez eu tivesse quebrado qualquer feitiço entre nós e ele se sentisse sufocado por alguém como eu.

Eu mantive meus olhos longe dele, focado na costa se aproximando rapidamente.

Quando nós ancoramos e ele saiu para amarrar o barco, eu não perdi um segundo e pulei para fora, indo embora.

- Juliette. – Ele chamou, mas eu não parei.

Sua mão envolveu meu antebraço e ele me girou. – Não vá embora. Por favor.

- Me desculpe se eu fiz você se sentir desconfortável, eu estava apenas-

- Não. – Sua voz era dura e eu olhei para cima em seu olhar tempestuoso. – Você acabou de me chocar. Eu não estava… Eu não estava esperando que você dissesse isso para mim. Pensasse isso sobre mim.

Eu congelei, olhando para ele. Ele olhou para mim como se eu tivesse

dito algo mais poderoso do que qualquer coisa que ele já tivesse ouvido antes.

Eu lambi meus labios, provando a água salgada neles. – Você deveria ser meu inimigo.

Sua boca se curvou. – Você nunca foi minha inimiga, Juliette. Talvez seja por isso.

Seu polegar pressionou logo abaixo do meu olho e ele enxugou uma lágrima. Eu queria lutar com ele, eu queria fingir que meu coração batia forte dentro de mim por causa do meu ódio dele e dele sozinho, mas eu sabia que quando ele me beijou, meu coração já tinha começado a trair minha mente.

Logo, minha mente seguiria.

CAPITULO 13

Semanas passaram rápido demais e nosso caso começou a ficar incerto. Passamos todas as noites juntos no chalé branco. Ele nunca dormiu em sua suíte. Os pisos da casa não estavam mais gastos e quebrados; agora eram de madeira fresca e escura, e novas pinturas brancas cobriam as paredes dos trabalhadores que estavam reformando.

Nós dois dormimos juntos no pequeno chalé, corpos emaranhados, mãos roçando um no outro em gestos suaves e confortáveis. Todas as manhãs, quando o sol se levantava, eu me via desejando poder ficar em seus braços, ficar na escuridão e viver com ele.

De alguma forma, eu lhe dera meu corpo, minha alma e agora meu coração.

Eu não sabia como ou quando isso aconteceu.

Quando me deitei em seus braços, com muito medo de cair no sono, com muito medo de perder outro segundo do nosso tempo juntos, tracei sua mandíbula com o dedo.

- Como você se tornou amigo deles? – Perguntei.

Ele olhou para o teto, acariciando minhas costas nuas com as pontas dos dedos. – Quem?

- Os deuses americanos. – Eu disse, sorrindo com o quão bobo o nome era.

Seus dedos pararam. – Minha família era amiga dos Eastons, a família de Gabe. Nós crescemos juntos. Eu ganhei sua confiança. Eu mantenho seus segredos seguros.

- Segredos?

Suas feições ficaram difíceis. – Todo mundo quer saber cada detalhe sobre eles. É um assunto sombrio e delicado. Eu respeito isso.

Eu balancei a cabeça, esfregando o braço dele. Eu podia sentir a tensão que a pergunta havia trazido.

- Eu lhes dou minha lealdade e eles me dão a deles. É assim que nós trabalhamos, – ele sussurrou, olhando para o quarto escuro. Eu quase

podia ouvir as ondas rolando na praia. – Nós só deixamos algumas pessoas entrarem no nosso círculo íntimo. Mas quando eles entrarem, nós os protegeremos.

Nós só tínhamos duas semanas até o verão terminar e então teríamos que voltar para Yale. Duas semanas até que este caso de verão terminasse e nós acabássemos com as distrações.

Você é uma distração para ele, Juliette. Nada mais.

Eu sabia que tipo de homem ele era. Ele estava determinado, assim como eu, e ele não parava em nada para conseguir o que queria.

Nem mesmo amor.

- Você disse que nunca me viu como seu inimigo, mas você já me odiou? – Eu perguntei. – Você sempre pareceu tão interessado em destruir todos os meus argumentos.

Ele murmurou e pegou minha mão, levando-a aos lábios. Ele beijou minha palma suavemente. – Eu nunca te odiei, Juliette.

- Você sempre apontou tudo de errado em meus argumentos, na frente de todos. – Eu disse, abaixando os olhos.

- Eu era um idiota porque queria ver você acender. – Disse ele, tocando minha bochecha e passando os dedos pelo meu cabelo.

- Me ver acender? – Eu levantei minha cabeça, descansando na minha mão.

- Todos aqueles argumentos acalorados, vendo seus olhos brilharem, o fogo queimando dentro de você, isso me deixou duro tantas vezes. Eu queria beijar seus lábios quando você estava me ensinando sobre a importância do Império Romano ou a reforma da China ou as falhas em nosso governo, – ele falou, perdido em pensamentos, ainda penteando meu cabelo. Eu me senti sem peso, sem fôlego em sua presença, ouvindo suas palavras. – Nenhuma mulher jamais teve um efeito tão intenso em mim. – Seus olhos se ergueram e procuraram os meus, aquecidos, escuros e intermináveis. – Só você, Juliette. E eu quero mais disso.

Brinquei com meu colar e sua mão estendeu, agarrando a minha na dele. Eu olhei para o homem diante de mim, incerto. Com medo do que ele estava dizendo. Meu coração não aguentaria se fosse mentira.

Eu engoli, me inclinei para frente e beijei seus lábios macios.

Duas semanas.

CAPITULO 14

A festa branca estava em pleno andamento. Todos os convidados vestiam roupas brancas e ternos impecáveis, Frank Sinatra tocava ao fundo.

Luzes pendiam no alto, brilhando na noite escura.

Eu andei por aí, segurando uma bandeja de champanhe em taças, oferecendo-as a cada convidado.

Eu avistei Nathaniel, no meio da multidão, cercado por pessoas poderosas e ricas.

Eu o queria, mas tinha medo de admitir isso. De dizer isso primeiro. Porque eu queria que ele quisesse mais de mim. Eu queria que ele dissesse que não acabou quando saímos e voltamos para Yale.

Respirando fundo, desviei o olhar e continuei usando uma máscara que havia dominado anos atrás.

Alguém bateu no meu ombro. – Senhorita Monroe.

Eu olhei de volta para ver o senador Scott. Arrepios correram pelas minhas costas, mas consegui forçar um sorriso educado.

- Senador, – eu disse, acenando um olá, mas internamente me encolhi. – Como posso ajudá-lo?

Ele me deu um sorriso, mostrando todos os seus perfeitos dentes brancos e estendeu a mão, seu cotovelo roçando em meu peito, me assustando. Ele pegou uma taça, seus olhos voaram para os meus, seu sorriso agora fraco.

- Simplesmente admirar suas belas características é útil. – Ele sussurrou e tomou um gole ganancioso do champanhe. Notei que seus olhos estavam desfocados, selvagens e as pontas das orelhas estavam vermelhas.

A bandeja tremeu em minhas mãos. – Com licença. Eu preciso pegar mais champanhe. – Não era mentira; ele acabara de tirar o último, mas eu precisava me afastar dele.

Passei por ele e voltei pela mansão, colocando a bandeja vazia no

balcão da recepção.

Enquanto caminhava em direção à cozinha, respirei para dentro e para fora devagar, tentando me acalmar. Depois de mais algumas respirações, finalmente me senti relaxada. Eu quase cheguei à cozinha ocupada quando Nathaniel saiu de um quarto e agarrou minha mão, forçando-me a segui-lo em um quarto escuro.

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, minhas costas estavam pressionadas contra a porta de carvalho agora fechada, sua boca na minha enquanto ele roubava as palavras de mim.

Suas mãos acariciaram meu cabelo e se apertaram, trazendo-me contra sua forte estrutura. Havia tanto fervor em seus movimentos, tanta paixão ardente e desesperada.

- Nathaniel. – Eu engasguei entre um beijo.

Sua boca apertou um beijo atrás da minha orelha, então eu senti sua língua quente e deliciosa lamber o comprimento da minha orelha antes que ele tomasse o lóbulo em sua boca. Eu pressionei minhas coxas juntas, tremendo.

- O que você está fazendo? – Eu perguntei, tentando parecer severa, mas falhando quando um gemido profundo rompeu minhas palavras. – Nós não podemos-Ele beijou seu caminho pela minha garganta, deixando trilhas pecaminosas de umidade para trás. Rosnando profundamente, uma das mãos dele foi para minha bunda, levantando-me com um braço até que eu envolvi minhas pernas ao redor dele. Assim, estávamos conectados da melhor maneira possível, mas havia muitas camadas entre nós e isso não fez nada para domar o fogo que queimava no fundo do meu núcleo. Eu não conseguia enxergar direito, não conseguia pensar direito.

- Não podemos fazer isso aqui, podemos ser pegos.

- Você tem me fodido com seus olhos a noite toda, Juliette, – ele sussurrou, arrastando o nariz no meu pescoço mais uma vez. – Você achou que eu não faria algo sobre isso?

Ambas as mãos estavam segurando meus quadris agora e ele nos levou para a mesa do escritório, ignorando os papéis e canetas espalhados.

Seus quadris se estabeleceram entre as minhas pernas nesta nova posição, forçando minha saia a subir mais alto, expondo minha

calcinha para ele.

- Nathaniel, eu estou trabalhando. – Eu rolei minha cabeça para trás quando ele se inclinou, beijando minha parte interna da coxa e se aproximando do meu núcleo dolorido.

Seus dedos empurraram minha calcinha para o lado e ele olhou para mim, um brilho perverso em seus olhos. – Você está dizendo que eu deveria parar, Juliette?

Eu engoli em seco, incapaz de desviar o olhar, incapaz de parar de desejar seus dedos acariciando-me.

Eu balancei a cabeça e ele sorriu, trazendo aquele sorriso maroto para o meu calor mais íntimo.

Meus dedos cavaram na antiga escrivaninha de madeira. Seu dedo e língua trabalharam juntos, acariciando profundamente, batendo levemente no meu clitóris.

Eu senti que estava prestes a me abrir sob a pressão que crescia dentro de mim. Eu estava cativa a essa crescente necessidade insaciável e não tinha certeza se queria ser libertada.

- Você é um deus, Nathaniel Radcliffe, – eu ofeguei, meus dedos emaranhando em sua crina escura, puxando com força. – Um deus sujo.

Ele murmurou contra mim e minha voz falhou.

Ele levantou uma das minhas pernas por cima do ombro, fazendo-me abrir mais para ele e me devorou com ainda mais ardor. Ele era um homem em uma missão, impulsionado por sua própria necessidade de conquistar, tomar, dobrar a sua vontade e eu era desossada, fraca ao seu toque, à sua boca, à sua voz e assim mesmo, eu me desfiz, amaldiçoando e abençoando-o de uma só vez.

Ele se levantou, embalando meu corpo saciado, sorrindo para mim.

- Um deus sujo, hein? – Seu sorriso se esticou quando um rubor se espalhou pelas minhas feições. Ele se inclinou, pressionando um beijo suave na minha bochecha ardente. – Eu preferiria isso a Nathaniel. Talvez eu deva fazer você me chamar assim na cama a partir de agora.

Eu olhei, revirando os olhos e o empurrei de volta para que eu pudesse me consertar antes de voltar para a festa. – Você me teve

em uma posição fraca e desesperada.

Ele se inclinou contra a mesa, me observando achatar minha saia. Meus olhos dispararam para sua virilha. Suas calças não escondiam a grande ereção, lutando contra o tecido luxuoso. Quando olhei de volta para ele, ele estava sorrindo.

- Uma posição fraca e desesperada. – Ele pareceu pensar sobre isso. – Vou lembrar disso para mais tarde hoje à noite.

- Ou talvez eu deva te dar um gosto do seu próprio remédio? Veja as coisas que Nathaniel Radcliffe está pronto para dizer quando ele é o único em uma posição fraca e desesperada.

Eu me aproximei dele lentamente, preguiçosamente, e amei a faísca perigosamente excitante em seus olhos quando ele percebeu que eu estava me abaixando até os joelhos.

Lambi meus lábios provocativamente, sabendo muito bem o que eu estava fazendo com ele. Inconscientemente, ele me desafiou, e eu nunca recuei de um desafio.

Eu ia fazê-lo vir mais forte do que nunca.

Ele rosnou, o punho enrolado em contenção e antecipação. – Juliette-

- Shh…

Seus olhos eram duas poças de lava vermelha e quente enquanto meus dedos brincavam com o zíper de suas calças antes de puxá-lo para baixo, tão devagar. – É a minha vez.

Meu desejo devassa era o mestre de todos os meus movimentos. Desejo agradar a esse homem por quem me apaixonei. Para provocar e lamber e chupar e beijar cada centímetro dele até que ele me desse tudo de si.

Quando eu finalmente tirei o seu comprimento duro de suas calças e cuecas, vermelho e irritado e bonito, minha boca se encheu de cor da coroa inchada. Ele soltou um suspiro dolorido, me observando ferozmente.

Minha boca não era nada além de um sopro longe dele agora, tão perto, mas não tão perto o suficiente.

- Como é a sensação de finalmente me deixar de joelhos por você, Nathaniel. – Ru disse baixinho, com cuidado para não o tocar. Ele rosnou meu nome, como uma oração ou uma maldição. Uma das

mãos dele estava segurando a borda da mesa, os nós dos dedos brancos enquanto balançava. Sua outra mão voou para a minha cabeça, enredando no meu cabelo. Ele puxou, não forte o suficiente para machucar, mas forte o suficiente para fazer um ponto.

- Pare de me provocar e deixe-me foder sua boca. – Ele retrucou, mas as palavras não continham nada, apenas consumindo o desejo não gasto. Eu ri alegremente, enviando pequenas baforadas de ar em sua carne quente e sensível. Quando seus dedos se apertaram ainda mais no meu cabelo, minha língua finalmente encontrou sua ponta inchada. Deslizando através de sua fenda antes que eu chupasse a cabeça na minha boca. Eu ouvi ele tentar respirar, mas saiu irregular.

- Foda-se. – Ele sussurrou e emaranhou os dedos no meu cabelo, segurando-o em um rabo de cavalo improvisado.

Seu gosto saldo encheu minha boca e eu o puxei mais fundo, meus olhos ficando molhados de lágrimas. Mas eu não parei. Deslizei-o para fora, uma corda úmida e pegajosa de saliva e precum balançou de seu pênis brilhante para os meus lábios entreabertos.

Ele puxou meu cabelo, olhando para baixo, para a visão de seu pau vermelho e meus lábios molhados.

- Essa boca poderia fazer impérios se ajoelharem. – Disse ele humildemente, usando a mão livre para se segurar na base de seu pênis. Ele traçou meus lábios com a cabeça lentamente e, em seguida, ele colocou apenas a coroa na minha boca.

Eu o chupei, minha língua sacudindo a fenda quente novamente, e então eu o puxei mais profundo, lambendo a parte de baixo de seu eixo venoso.

Eu continuei a girar minha língua em torno de sua cabeça sensível, apreciando seus grunhidos, seus gemidos, seus quadris arqueando e empurrando para ir mais fundo, para eu levá-lo a uma alta nós só ficamos um com o outro. Quer debatendo ou fazendo sexo.

Minha visão ficou turva quando ele bateu no fundo da minha garganta, mas eu me forcei a olhar para ele. Eu não queria desviar o olhar de seu olhar guerreiro enquanto ele crescia violento e áspero, seu pênis inchando e pulsando com a necessidade.

Uma necessidade que só eu poderia satisfazer.

O chapinhar, o som de sua carne e minha boca molhada encheram a

sala, junto com meus suspiros ofegantes, seus grunhidos baixos.

Meus dedos deslizaram pelas minhas coxas e eu as esfreguei ao longo do meu núcleo quente, doendo para encontrar a minha liberação com ele.

Ele pegou isso e seus olhos ficaram escuros e mortais e seus quadris se moveram mais rápido, seu aperto no meu cabelo apertado quando ele usou para ir mais rápido.

Eu gemi ao redor dele, murmurando enquanto a minha liberação se aproximava.

A batida de sua carne, a sucção da minha boca ao redor dele - enviou ambos ao ápice e ele entrou em erupção na minha boca. Quente e salgado e amargo.

Sua respiração pesada encheu a sala e eu olhei para cima para encontrar seus olhos aquecidos.

Então eu engoli.

- Porra. – Ele sussurrou e agarrou meus antebraços, puxando-me para cima. Ele me beijou, sua língua mergulhando em minha boca, saboreando a si mesmo. Ele pressionou sua testa na minha, suada e quente, nossas calças se misturando. – Pela primeira vez na minha existência, não tenho palavras.

Eu ri, sem fôlego e beijei sua boca aberta. – Eu preciso voltar ao trabalho.

Eu me virei para sair, mas a mão dele envolveu o meu braço e me puxou para o seu abraço.

Ele olhou para mim com olhos suaves e quentes. Lentamente, ele beijou minha bochecha. – Você é tão suja quando quer ser, querida.

Nathaniel me deixou ir, enfiando as mãos nos bolsos e eu olhei para ele. Meu peito estava pesado, tão perto de explodir e tudo por causa daquele maldito homem.

Eu me virei, saí da sala antes que ele pudesse ver que ele roubou meu coração. Meus dedos tocaram minha bochecha. Seu toque foi suave e gentil e significativo e eu agarrei minha camisa.

Eu afundei de volta nas sombras, debaixo da escada e prendi a respiração. Eu assisti Nathaniel sair do quarto e caminhar de volta para a festa, suas feições compostas e de aço.

Ele sentiu o mesmo?

Ele queria mais?

Saí de debaixo da escada e rolei meus ombros para trás.

- Senhorita Monroe? – Eu vacilei com a voz repentina e olhei atrás de mim para ver o senador Scott olhando para mim com um sorriso de satisfação.

CAPITULO 15

- Senador. – Eu disse, recuperando o fôlego e engessando um sorriso falso.

- Parece que eu perdi meu celular. A última vez que eu vi foi no estudo. – Ele gesticulou para o quarto que Nathaniel e eu tínhamos acabado de entrar. Meu pulso acelerou. Ele usava um sorriso suave. – Você se importaria de me ajudar a procurar por ele?

Eu assenti. – Claro que não. – Eu disse, gesticulando para ele liderar o caminho.

Nós voltamos para o escritório e eu olhei ao redor da mesa e dos sofás de couro.

Quando me inclinei para olhar pelo sofá, senti o senador Scott bem atrás de mim. Sua frente pressionou a curva da minha bunda e eu congelei. Meu cérebro parecia esvaziar completamente como se não pudesse processar o que estava acontecendo. Não foi até que senti uma mão grande em um dos meus seios através da minha roupa de trabalho que eu pulei em pânico, finalmente descongelando.

Eu me virei rápido, confusa e desconfortável. Quando recuei, tentando colocar tanta distância entre nós dois quanto possível, a parte de trás das minhas coxas bateu no sofá.

- Senador. – Eu disse, alertando-o, tentando argumentar com ele, comigo mesmo, com toda essa situação.

Ele sorriu e estava cheio de luxúria e arrogância e senti meu corpo começar a tremer. Ele respirou. Ele estava tão perto de mim - perto demais - e senti o cheiro do uísque em sua boca. – Eu estive te observando durante todo o verão, Juliette. E gosto do que estou vendo.

Eu engoli em seco, não gostando de seu tom ou do jeito em que seus olhos me examinaram, como um cão faminto observando um pedaço de carne fresca antes de pular sobre ele.

Quando ele estendeu a mão mais uma vez e sua mão tocou meu quadril, eu a afastei.

- Não se atreva a parecer tão ofendida ao meu toque, querida. Acabei de ver você atender aquele garoto rico aqui – ele rosnou, descontente com o meu desafio.

Confusa, chocada, eu simplesmente olhei para ele. Como ele… como ele sabia? Eu devo ter perguntado isso em voz alta porque ele respondeu com uma voz ainda mais assustadora. – Eu estava passando e ouvi sons estranhos vindo daqui. A porta não estava trancada, então eu abri e vi você chupar o pau daquele garoto como se sua vida dependesse disso. Certamente me fez querer testar a empregada safada por mim mesmo. – Ele disse, encolhendo os ombros.

Meu coração parou no meio da batida, minha próxima respiração desapareceu dos meus pulmões, e senti todo o sangue escorrer do meu rosto. Durou apenas um segundo - um momento de completo horror indisfarçado - antes que tudo voltasse imediatamente. O pânico me agrediu. Coração batendo de forma irregular, pulmões enchendo e esvaziando rápido demais. Eu tentei empurrar contra ele, mas ele viu chegando e me empurrou para o sofá.

Meus olhos correram para a porta. Apenas a alguns metros de distância, apenas alguns. Meus lábios se separaram em um grito, mas antes que pudesse sair, sua grande mão envolveu a minha garganta, cortando meu grito de socorro de volta à minha garganta.

- Mostre-me o que está por baixo. – Ele disse, a voz grossa e rouca. Seus dedos violentamente rasgaram minha camisa, botões voando quando ele expôs meus seios. Eu agarrei seus braços, mas ele não parou, apenas me empurrou com mais força, agarrando minha garganta até chiar de dor e pânico.

Sua boca atacou a minha, brutalmente, seus dentes mordendo meu lábio inferior em um aperto vicioso. Um sabor metálico encheu minha boca, meu próprio sangue.

Eu bati contra ele, batendo minhas mãos em seu peito, mas ele só apertou minha garganta com mais força, me sufocando, um barulho desesperado escapando apenas como um suspiro da minha boca.

- Shh, querida. Não se preocupe, é demais para o que vale a pena. Eu posso te dar mais do que um garoto rico. – Sua outra mão estava empurrando meu ombro, me senti sufocada, presa. Eu não sabia o que fazer. – Pode ser o nosso pequeno segredo. – Ele foi abrir suas

calças e meu corpo reagiu por conta própria. Meu pé subiu e bateu entre as pernas separadas. Um gemido doloroso deixou sua boca e ele se inclinou, ofegando. Eu não esperei mais um segundo e corri para fora da porta, tão longe dele quanto pude.

Eu não parei, não olhei para trás mesmo quando ouvi seus passos atrás de mim.

- PORRA.

Eu virei uma esquina e bati em alguém, suas mãos segurando meus braços antes que eu pudesse cair.

Gabe Easton ficou na minha frente, suas sobrancelhas franzidas em confusão. Ele examinou-me, minhas roupas rasgadas, minha respiração dura e rápida, e o pânico que eu conhecia ainda era muito óbvio aos meus olhos.

A vergonha tomou conta de mim e eu me odiei por sentir isso.

Eu não tinha nada do que se envergonhar, o senador tinha sido o único a atacar-me. Me prendendo, me tocando.

Algo pegou a visão de Gabe atrás de mim e olhei para trás para ver o senador, enxugando o lábio inferior com uma expressão de fúria.

Quando o Senador Scott viu que eu não estava mais sozinho, ele engoliu em seco e foi embora rapidamente. A atenção de Gabe Easton voltou completamente para mim, e o peso disso me fez sentir desconfortável. Ele estava olhando para mim como se pudesse ver tudo, tudo o que aconteceu com o senador, e minha garganta pareceu se fechar sozinha.

Ele não precisava falar; suas mãos se curvaram em punhos e olhos cheios de fúria que não foram direcionados para mim disseram o suficiente. Foi um olhar bem conhecido na mídia. Eles apelidaram o olhar de Easton.

- Juliette. – Uma voz me chamou e Gabe se afastou, revelando Nathaniel andando em nossa direção.

Suas feições distorcidas em preocupação com a minha aparência e ele acelerou seus passos. Seus olhos viajando de mim para Gabe rapidamente. - O que aconteceu?

Eu tentei fechar minha camisa, mas sem os botões, ela deixou buracos abertos mostrando minha pele e sutiã branco.

Meu lábio inferior tremeu, meus olhos se encheram de lágrimas. Eu pisquei de volta rapidamente, tentando afastá-los. Eu não queria chorar. Não agora, não aqui, nem nunca se eu pudesse evitar. Eu não sabia que uma voz sozinha poderia oferecer tanto conforto, mas ouvi-la agora, isso me fez sentir segura. A adrenalina estava começando a sair do meu corpo e eu balancei violentamente. Eu olhei para Gabe, implorando-lhe com os olhos para não dizer nada. O senador Scott tinha mais poder que eu, mais poder do que provavelmente todos nós. Ele iria me arruinar. Foi a palavra dele contra a minha e eu nunca venceria.

- Estou bem. – Eu disse e minha voz falhou, apesar de tudo.

A mandíbula de Gabe ficou cerrada, ele ignorou meu pedido. – Senador Scott.

Os olhos de Nathaniel voltaram para os meus, compreensão se formando neles. Eu podia ver milhares de pensamentos passando pela sua mente.

- Chame os outros, Gabe. – Disse Nathaniel, sua voz fria e calma, seu olhar nunca deixando o meu aquoso.

Meus olhos devem estar se enchendo de lágrimas mais traidoras porque tudo estava começando a ficar embaçado, eu pisquei mais forte enquanto meu nariz coçava de contenção.

Gabe olhou para mim e depois de volta para Nathaniel, assentindo uma vez.

Uma vez que ele saiu para pegar os outros, eu balancei a cabeça, olhando para Nathaniel enquanto ele andava de um lado para o outro. Eu nunca o vi tão nervoso, tão agitado. Seus músculos pareciam estar puxados com força suficiente para estalar.

- Maldito bastardo. – Disse ele, sua voz grossa com uma raiva que eu nunca tinha visto nele antes. Os tendões em sua garganta se esticaram e cada respiração saiu rápida e forte.

- Nathaniel, – eu sussurrei. – Esqueça isso, por favor.

Ele riu sombriamente, levantando a cabeça. – Esquecer? – Seu olhar me encontrou e era escuro e mortal, nenhum traço de calor. – Ele abusou de você, Juliette.

- Eu não tenho o poder ou o dinheiro para lutar contra ele. – Eu disse.

Eu sabia como essas coisas iam. Ele diria que eu estava mentindo ou me pagando.

Seus olhos se moveram para a minha boca e seus olhos brilharam, a raiva se tornando incrivelmente rápida. Foi então que senti a dor no lábio inferior e meus dedos tocaram a borda da mordida crua, um pouquinho de sangue revestindo-a.

Nathaniel pegou meu pulso e se aproximou, me puxando para a segurança de seus braços fortes. Ele tirou a jaqueta azul de grife e colocou sobre meus ombros, tentando esconder minha camisa rasgada.

Ele olhou para mim como se eu fosse preciosa, como se eu fosse as estrelas que ele procurava e eu não conseguia respirar, seus dedos traçando minhas bochechas delicadamente. Eu não percebi que as lágrimas começaram a cair até que eu senti o quão molhadas minhas bochechas estavam. – Nós temos mais poder do que você pensa.

Um arrepio percorreu meu corpo com suas palavras, e ele envolveu seus braços poderosos em volta de mim em um abraço reconfortante. Eu exalei uma respiração instável em seu peito.

Dois de seus dedos roçaram meu lábio inferior dolorido e enxugaram o sangue e então ele pressionou sua boca suavemente na minha, sua língua tocando delicadamente a ferida.

Ele acariciou minha bochecha. – Você está bem?

Eu queria dizer que estava bem, mas sabia que ele saberia dos meus olhos. – Apenas instável.

Sua mandíbula tiquetaqueava, seus olhos me examinando, seus dedos ainda traçando minha pele para quaisquer feridas que ele quisesse curar. Uma emoção tão crua encheu suas feições e então quando ele falou, eu ouvi como uma chuva torrencial. – Ninguém fode com o que é meu, Juliette.

Seus olhos brilhavam tão ferozmente, tão violentamente.

Eu nunca esperei que alguém dizendo isso para mim faria meus joelhos fracos, mas eu queria ser Nathaniel e eu queria que ele fosse meu. Completamente meu. Eu estava sem palavras, minha boca tremendo enquanto eu olhava para ele.

- Você está bem agora, querida. Nós vamos cuidar disso. Ele vai

pagar por isso, eu prometo. – Seus braços se apertaram ao meu redor, e eu senti ele beijar minha testa. Cada toque dele era infinitamente gentil, mas eu sabia que dentro dele uma tempestade escura e furiosa estava se formando. E isso só estava ficando mais forte. – Peça uma folga do trabalho, Juliette. Diga-lhes que você se sente mal e volte para a nossa casa. Espere lá por mim.

Eu balancei a cabeça, atordoada, mas ele se afastou e caminhou de volta para fora, seguindo os passos que Gabe tinha tomado minutos antes.

Já passava da meia-noite quando ouvi passos entrando na cabana. Eu fiquei parada, deitada de lado. Quando os passos se aproximaram e pararam aos meus pés, olhei para cima.

Nathaniel tirou o paletó, esfregando a testa franzida.

- O que você fez?

Ele balançou sua cabeça.

- Nathaniel. – Eu me sentei, olhando para ele. – Não se atreva a ficar em silêncio comigo. Eu mereço saber.

- Nós lidamos com ele. – Ele sussurrou e eu peguei suas características duras no luar da lua brilhando.

- Como?

Ele tirou sua camisa e calças, revelando seu corpo musculoso e flexível e se sentou ao meu lado, envolvendo um braço em volta do meu corpo tremendo. Eu não parei de tremer desde que saí.

Eu olhei para as mãos dele, notando as juntas machucadas e ensanguentadas. Minha respiração ficou presa. Nunca o vi tão violento e tão zangado.

- E se ele te processar? – Eu perguntei, o medo borbulhando dentro de mim.

Nathaniel riu sombriamente. – Ele não vai. – Ele flexionou as mãos, olhando para o dano, seus dentes cerrados. – O bastardo tem sorte de ainda ter suas duas mãos fodidas.

Eu tremi em seu tom frio e cruel, sentindo seu corpo tremer contra o meu. Eu não consegui falar. A emoção me encheu até a borda e me

sufocou.

- Nathaniel, – eu sussurrei, sem lágrimas enchendo minha voz. – Eu não quero que nada aconteça com você.

Quando ele tocou minhas bochechas molhadas e beijou meu pescoço, eu relaxei, enterrando meu rosto em seu peito.

- Você está esquecendo, querida, quem somos, – ele sussurrou em meu cabelo úmido. Seus dedos brincaram com meus fios e ele me respirou. – Somos bastardos com muito poder.

Eu não ri. Eu achava que os quatro garotos eram poderosos em Yale, mas eu não pensava em quanto desse poder existia no mundo real.

- Arsen fez uma ligação. Não demorou muito para encontrar algumas informações sobre ele que arruinariam sua vida se vazasse. Ele está fazendo um anúncio público amanhã que ele vai resignar, – afirmou. – Ele está proibido de se associar com qualquer um de nós. Ele foi cortado.

Eu funguei, olhando para ele através de cílios molhados. – Você faria isso?

Ele simplesmente murmurou.

E nos braços de Nathaniel, comecei a me sentir segura novamente.

CAPITULO 16

- Senhorita Monroe. – A voz calma e sossegada da Sra. Hawthorne fez meu coração cair. Eu estava limpando o chão de azulejos e olhei para Mandy, que me lançou um olhar arregalado. Eu entreguei meu esfregão para ela e endireitei minha saia, observando a expressão ilegível da Sra. Hawthorne. Assim como o maldito filho dela. – Por favor, siga-me até meu escritório.

Eu engoli meu medo.

Ela sabe.

Enquanto eu a seguia de volta ao seu escritório, pratiquei o que eu diria sobre o meu relacionamento com o filho dela. Isso era importante. Que foi mais do que apenas sexo.

Mesmo que eu não tivesse certeza se era para ele.

Ele não disse nada sobre isso, e eu não perguntei. Até onde eu sabia, nosso caso ainda terminava no final do verão.

Quando entrei em seu escritório, observei as linhas clássicas e limpas. Paredes brancas, cortinas brancas e até lírios brancos. Tudo perfeito, tudo organizado e intocado.

Sentei-me em uma cadeira de couro estofada na frente de sua mesa e endireitei minhas costas, tentando manter uma aparência de compostura.

Ela olhou para os papéis em sua mesa, limpou a garganta e colocou os olhos em mim. – Recebi algumas reclamações sobre o seu comportamento, Srta. Monroe.

Eu fiquei quieta, meus dedos cavando em minhas palmas.

- Eu ouvi de duas fontes diferentes que você tem agido de maneira não profissional e eu não tolero esse comportamento na frente dos meus convidados, – ela disse, suas unhas bem cuidadas batendo em sua mesa branca perfeita. – Uma empregada e um dos meus convidados relataram que você tem abusado da minha generosidade ao dormir com um dos convidados e foram vistos indo e vindo de uma

de nossas casas particulares em horas estranhas do dia.

Eu cerrei meus dentes.

Nathaniel disse que eles cuidaram do senador, mas claramente, nenhum deles tinha pensado que ele iria e correria a boca para a mãe de Nathaniel.

- O senador Scott disse que testemunhou você com meu filho em posições preocupantes. Na minha propriedade, não menos. Outra empregada, Mandy Wilson também relatou que a viu com ele se esgueirando durante as horas de trabalho. – Disse a Sra. Hawthorne.

Meu coração afundou. Mandy? Eu senti que Mandy era uma garota legal, mas eu sabia por que ela tinha feito isso. Isso sempre foi uma competição depois de tudo.

- Seu comportamento, de usar o meu filho a seu favor é prejudicial para a sua reputação, educação e credibilidade. – Ela retrucou.

- Eu não estava usando ele. – Eu apertei minha boca fechada.

A Sra. Hawthorne balançou a cabeça, rindo uma vez enquanto ela cruzava as mãos sobre a mesa. – Meu Nathaniel… ele tende a ficar entediado. Ele gosta de desvendar pessoas, gosta de jogar. Ele faz a maioria dos verões e depois volta à escola, focado em seu futuro. Você não é a primeira, Srta. Monroe. E você não será a última.

Um pânico quente se espalhou pelo meu peito, mas eu tentei manter minhas feições ilegíveis.

Ela sorriu para mim. – O futuro do meu filho é o mais importante para mim. Ele se formará com honras completas e continuará com nossos impérios. E ele vai se casar com alguém do mesmo… background. Com poder e equilíbrio e classe. Alguém que irá capacitá-lo. Alguém que será tão útil ao nosso nome quanto ao deles.

Eu apertei meu queixo. – Eu acho que ele tem idade suficiente para decidir com quem ele vai se casar sem sua opinião.

Ela riu, sua mão pairando sobre sua boca. – Ele vai ouvir tudo o que eu digo. Ele valoriza minha opinião e nunca iria querer me aborrecer ou me desagradar.

Eu queria discutir com ela, mas era inútil.

- O que ele precisa é que você o deixe em paz. Eu olhei seus registros. Vejo que você está se esforçando para acompanhar seus

pagamentos de aluguel e mensalidades. Com o seu tipo de fundo, você não se encaixaria bem com Nathaniel. Mas sei que seu futuro é importante para você. Eu lhe darei vinte mil dólares para manter este assunto quieto e acabar com isso. Ele ficará feliz em terminar seu último ano e você poderá ficar em Yale. Ela levantou os ombros, sorrindo para mim.

Ela tirou o talão de cheques da escrivaninha e pegou uma caneta, rabiscando a quantidade na folha fina de papel.

Dinheiro. Isso foi o que eu queria. Meu futuro. Yale. Uma referência.

Tudo isso.

- Não. – Eu disse, minha voz ecoando forte e poderosa na sala branco e perfeito. Dói-me dizer isso, mas não conseguiria.

Seu dedo parou e ela lentamente olhou para cima, seu sorriso vacilando. – Como?

Eu fiquei de pé, balançando a cabeça. – Eu não estou levando seu dinheiro.

- Trinta mil. – Ela disse, sorrindo para mim como se isso resolvesse tudo.

Eu bati minha mão em sua mesa, a raiva surgindo através de todos os músculos do meu corpo. – Nathaniel vale mais do que qualquer preço que você poderia me oferecer.

Seu sorriso se transformou em uma careta feia e ela se levantou, andando em volta da mesa. – Você acha que ele vai te querer depois deste verão? Ele vai deixá-la e depois você vai se arrepender de escolhê-lo. Você é apenas um flerte para ele. Você não tem utilidade para ele além de um caso. Um alívio temporário.

- Adeus, Sra. Hawthorne. – Eu me virei, caminhando para a porta.

- Se você continuar a vê-lo, vou tirar toda a herança dele, tirar cada dólar que dei para Yale. Cada chance de ele terminar seu último ano terá ido embora. E tudo vai ser sua culpa. – Ela retrucou.

Meu sangue gelou e eu parei. Eu olhei por cima do meu ombro para ela, vendo seu peito subir e descer rápido. Ela estaria disposta a arruinar o futuro do filho por minha causa?

- Ele é o aluno mais inteligente da nossa série. Há bolsas de estudo…

Seus olhos ficaram selvagens. – É muito tarde para se candidatar a qualquer bolsa de estudos. Ele ficaria sem meios para participar. – Ela deixou suas palavras afundarem. – Você estaria disposta a ser a razão pela qual ele perderia seu futuro?

Isso foi um golpe no meu estômago e meus joelhos tremeram. Eu sabia que o futuro dele era tudo para ele. Eu sabia que ele tinha o mesmo impulso que eu e não o deixei perder. Eu não seria a causa de ele perder tudo o que ele tinha trabalhado.

E naquele momento, senti uma mudança dentro de mim.

Eu me importava com nossos futuros.

Mesmo se não estivéssemos juntos.

Atirei a Sra. Hawthorne um olhar e levantei a cabeça. – Eu vou acabar com isso.

Seu sorriso se alargou e ela assentiu, retornando ao seu talão de cheques. – Vou escrever o cheque…

- Eu não quero o seu maldito dinheiro. – Eu assobiei e deixei seu escritório.

Lágrimas perfuraram a parte de trás dos meus olhos e eu lutei com elas, piscando.

Com o coração pesado, voltei a trabalhar, sabendo que teria que terminar com Nathaniel o mais rápido possível.

CAPITULO 17

Eu evitava a piscina, o bar e a quadra de tênis o dia todo, lugares que eu conhecia Nathaniel, concentrando-se no trabalho. Eu tinha feito as malas, sabendo que depois de falar com Nathaniel, eu sairia do clube de campo e voltaria para New Haven e voltaria para Yale. Eu encontraria uma maneira de superar o que eu tinha feito no verão.

Subi o caminho de terra familiar e olhei para a casa branca e tranquila, escondida por galhos cheios de salgueiro verde. Tinha sido o dia mais quente do verão e eu sabia que logo ficaria frio e as folhas verdes frescas murchariam quando a respiração dura do inverno explodisse. A água quente esfriaria e a grama morreria, enterrada sob a neve.

Mas enquanto eu andava até a cabana, afastando longos galhos do meu rosto, senti em meus ossos que levaria uma quantidade infinita de estações para esquecer como Nathaniel Radcliffe me fazia sentir.

Tão vivo.

Tão poderoso.

Tão apaixonada por um homem que tinha sido meu inimigo e agora era tudo para mim.

Parei na frente da porta, minha mão no ar, tão perto da maçaneta. Eu sabia que assim que eu passasse por aquela porta eu estaria quebrando meu próprio coração. Um coração que eu guardara de todos por tanto tempo. Um coração que pertencia a ele.

Eu abri a porta e entrei. A casa de campo, totalmente renovada, mas ainda vazia. As janelas dos fundos da cabana estavam completamente acabadas e revelavam a vista perfeita e deslumbrante do oceano e da praia. Foi interminável e Nathaniel me fez sentir desse jeito.

Sem fôlego, completa, poderosa.

Ele me fez sentir como se eu pudesse conquistar tudo que eu sempre sonhei com ele ao meu lado.

Eu me aproximei, pisei na frente das janelas de vidro, estendendo a

mão, mas não tocando.

- Você tem me evitado o dia todo. – A voz de Nathaniel ecoou atrás de mim e eu senti suas palavras tremerem em meus ossos.

Eu respirei trêmula e lentamente me virei para encará-lo.

Ele ficou no meio da sala, a cabeça erguida, as feições guardadas, uma mão enfiada no bolso.

Lindo demais para vislumbrar. Aquela mandíbula pontuda enquanto os segundos se prolongavam. Aquela boca pressionada em uma linha fina. Aqueles olhos brilhantes preenchidos com um brilho duro.

Eu tentei combinar sua postura; aço e ferro. Ilegível. Como sempre. – Estava ocupada.

Uma grande tensão encheu a sala e cada movimento que fiz foi observado sob os olhos calculistas.

- Nathaniel. – Eu disse, as palavras deixando minha boca seca e enchendo nosso silêncio.

- O que nós somos? – Suas palavras cortaram através de mim; controlado, mesmo.

Eu olhei para ele, todo o sangue saindo do meu rosto. – Nós… estávamos nos divertindo.

Eu o observei, mas nenhuma emoção atingiu seu rosto e ele mudou seu peso para o outro pé.

Eu pensei no escritório de sua mãe, no negócio que eu fiz com ela. Eu tive que terminar com ele, e seria agora.

- Foi uma aventura. Nós estávamos apenas nos divertindo para nos livrar das distrações… mas… – Minha voz morreu na minha língua quando dei uma olhada nele. Seus olhos endureceram. – Eu preciso me concentrar no meu futuro. Duvido que nos distrairemos mais desde que os tiramos de nossos sistemas agora.

Ele assentiu bruscamente, seus olhos deixando meu rosto desde que eu me virei para ele pela primeira vez. Seus dedos esfregaram o queixo, murmurando para si mesmo.

Eu limpei minha garganta. Emoções estavam se formando dentro de mim. Emoções que eu nunca quis sentir, nunca quis reconhecer. Dizer essas coisas para ele quando eu queria dizer o contrário estava me

esmagando.

Mas ele se sentia do mesmo jeito?

- Eu tenho que ir, Nathaniel. Boa sorte em seu futuro. – Eu disse, mantendo minha voz o mais uniforme possível, mas meu coração estava se abrindo e transbordando em todos os lugares. Ele não podia ver, porém, ele não podia me ver quebrando porque eu tinha dominado máscaras por tantos anos e ele estava acreditando nisso.

E pela primeira vez em minha vida, desejei que alguém visse através das minhas mentiras. Que ele me pouparia dessa dor.

- Vejo você na faculdade, eu acho.

Quando ele ainda não olhou para mim, os olhos fazendo furos no chão de madeira, eu passei por ele, deixando-me respirar fundo.

- Espero que o dinheiro da minha mãe ajude você. – Sua voz era como um trovão para os meus ouvidos e coração.

Eu congelei, um caroço pegou na minha garganta e olhei para ele.

Seu brilho gelado me pegou.

E tudo veio junto.

Eu não peguei o dinheiro, mas a Sra. Hawthorne falou com Nathaniel e disse que eu tinha. Provavelmente disse a ele que a prostituta que eu era, tinha concordado avidamente. Que eu não me importei nem um pouco sobre ele. Que eu estava com fome de poder e faria qualquer coisa para progredir, inclusive usando-o.

Fodendo o meu caminho para um cheque de pagamento brilhante, é o que ele pensou que eu tinha feito.

Eu podia ver em seus olhos quando ele olhou para mim.

Raiva inchou dentro de mim e eu cerrei minhas mãos ao meu lado. Eu queria dizer a ele exatamente o que eu tinha feito, que tinha concordado em salvar seu futuro, em vez de nos salvar.

Que eu não estava sendo uma vilã.

Que eu entendi o quanto ele trabalhava para atingir seus objetivos e que não havia nada que eu fizesse para colocar qualquer coisa em risco.

Que eu o amava o suficiente para deixar um futuro com ele.

Eu queria gritar, eu queria beijá-lo e dizer a ele que ele era dono do meu coração.

Que eu o amava.

Eu te amo.

Essas palavras eram como facas esfaqueando meu peito uma e outra vez enquanto eu olhava para ele.

- Adeus, Nathaniel. – Eu deixei minha voz tremer, eu deixei as lágrimas se acumularem e eu me afastei, deixando-o para trás.

Eu corri pelo caminho de terra e voltei para o meu chalé. Eu mantive minha cabeça baixa e entrei no meu quarto.

Eu estava saindo.

Eu estava deixando tudo o que aconteceu neste verão no passado e escondido no fundo do meu coração.

Quando peguei minha bagagem, senti alguém esperar na minha porta.

Eu olhei para cima para ver Mandy, seus dedos brincando com a borda de sua blusa.

Eu desviei o olhar, bufando e fechando minha bolsa.

- Você acha que ninguém notaria que você estava constantemente dormindo em outro lugar? A maneira como vocês dois trocaram olhares em cada chance que vocês tinham? – Mandy balançou a cabeça, seu rabo de cavalo loiro saltando. – Eu faria qualquer coisa para obter essa referência, mas dormir com o filho do meu chefe não é um deles.

Suas palavras pareciam um tapa na minha pele e eu me endireitei, rangendo os dentes quando rolei minha mala para fora.

- Você foi a minha maior competição e eu não ia deixar uma garota com um esnobe rico me impedir de ganhar. – Continuou Mandy. Porque para ela – e para todos os outros - eu estava usando Nathaniel por dinheiro e ele estava me usando por prazer. Um tempo divertido. Nada mais.

- Eu não faria isso por dinheiro também, Mandy, – eu assobiei para ela. – Mas denunciar pessoas que acreditavam que eu era amiga delas só para progredir não é algo que eu faria.

A carranca de Mandy vacilou e seus olhos se arregalaram, mas eu não parei. Era tarde demais. Eu não me importava mais.

- O que? Você vai me dizer que se apaixonou? – Ela revirou os olhos. – Por favor, me poupe dos dramas. Ele não se apaixonaria por você, você é apenas uma empregada.

Isso dói. Muito. Tomando uma respiração instável, abri a porta da frente e arrastei minha mala para fora. – Não importa.

Mandy estava na porta, olhando para mim, suas feições franzidas. – Uau, você realmente achou que ele poderia.

Eu balancei a cabeça, piscando para conter as lágrimas. Eu fiz meu caminho até a entrada da frente. Uma vez lá fora, uma lágrima escorreu pela minha bochecha e eu a limpei.

Cheguei ao táxi que esperava e carreguei meu único saco no porta-malas.

Eu olhei de volta para a mansão branca e perfeita. O lugar que agora estava cheio de memórias que eu não acho que seria capaz de esquecer.

- Pronto? – Perguntou o velho motorista de táxi, arqueando uma sobrancelha para mim.

Suspirei, afastando o olhar da casa cintilante de sonhos e homens e mulheres poderosos.

Sentei-me no banco de trás do táxi e apertei minha camisa. Uma tristeza inchando no meu peito e meus olhos queimaram quanto mais eu olhava para a casa. Algumas folhas verdes caíram dos velhos carvalhos, espiralando no ar frio.

Eu me apaixonei por um deus e tive que desistir dele para manter sua imortalidade.

O verão acabou e nós também.

CAPITULO 18

Os carvalhos de Yale ainda mantinham as folhas enquanto eu atravessava o Green, uma passagem entre as residências. Eu havia retornado ao campus há alguns dias e consegui algumas horas extras na Biblioteca Memorial de Sterling. Novos estudantes estavam entrando, maravilhados com os belos edifícios e a natureza ao redor do campus. Lembrei-me de como estava apaixonada por este campus, como era esperançosa e poderosa quando entrei em suas antigas calçadas de pedra pela primeira vez.

Eu não me sentia poderosa agora, mas eu seguiria em frente.

Foi uma pílula difícil de engolir e eu ainda temia como eu reagiria quando visse Nathaniel no campus novamente. Eu estava construindo minhas muralhas tão altas que ninguém mais me tocaria.

Este ano seria sobre mim e meu futuro e mais ninguém. Eu pularia para trás disso, mas meu coração ainda estava se arrastando atrás de mim. Às vezes, parecia que ainda estava naquelas praias arenosas ou debaixo daqueles lindos salgueiros que escondiam nosso mundo secreto.

De volta às noites quentes de verão, destacadas pelo luar.

Ao entrar na biblioteca renascentista, por meio de sua nave abobadada, adornada por vitrais, me senti livre e enjaulada ao mesmo tempo. Essas paredes foram onde eu encontrei paz e tranquilidade para me concentrar durante os meus estudos. Mas eu sabia que ele andava por essas lajes de pedra também e não demoraria muito mais até que eu o visse aqui.

Eu sorri para Quinn, empilhando livros atrás do balcão de circulação. Ele era um homem mais velho e me contara histórias ao longo dos anos de estudantes vandalizando as salas de leitura com tinta e bombas de fumaça por diversão e correndo nus pelos corredores para a equipe de futebol de Yale.

- Minha aluna favorita. – Disse ele, sorrindo para mim, seu bigode branco fazendo cócegas no lábio superior.

- Oi, Quinn. – Eu dei-lhe um meio abraço e me virei para a mesa,

olhando como os quartos estavam vazios. Logo eles estariam cheios de estudantes, todos buscando conhecimento sagrado entre essas paredes. Esperançoso e dedicado aos seus objetivos.

- Você teve um bom verão?

Eu balancei a cabeça, forçando um sorriso e ele franziu a testa para mim.

- Ah, não deixe que essas crianças ricas o incomodem. – Ele disse, batendo no meu ombro enquanto passava por mim para ajudar alguém próximo. Ele sempre disse isso para mim. Especialmente quando os alunos derrubaram propositalmente os livros ou me disseram para ignorar as cobranças atrasadas e olhar para o outro lado. Ele tinha sido meu protetor aqui mesmo se eu não quisesse um. A figura do pai que eu nunca tive.

- Você precisa que eu cubra mais turnos? Eu posso equilibrar um pouco mais. – Eu disse a ele, evitando seu olhar e me concentrando em rever os livros no sistema.

Ele cruzou os braços sobre o peito. – Juliette, você está fazendo seis turnos no cronograma. Você precisa de tempo para ir para a aula e dormir.

Dei de ombros. – Eu preciso do dinheiro para ficar nessas aulas.

Um silêncio se espalhou entre nós e eu apertei meus olhos, sabendo o que estava por vir.

- Eu posso te ajudar se você precisar— Eu balancei a cabeça. – Não, não, Quinn. Eu me odiaria se algum dia pedisse isso a você.

- Você me pagaria de volta um dia. Eu sei que você faria.

Eu balancei a cabeça novamente, pressionando meus lábios em uma linha fina. Eu poderia dizer que ele queria continuar a conversa, mas eu mantive minha cabeça baixa, focando na minha tarefa. Eu não faria isso com ele.

Sempre.

Eu não seria capaz de viver comigo mesmo.

Um viúvo, Quinn ainda estava tentando ajudar a pagar os empréstimos de seu filho da escola. Ele tinha quase 64 anos e precisava economizar para um bom plano de aposentadoria. Eu não iria sobrecarregá-lo com mais dívidas.

À medida que a tarde chegava à noite, eu rolei o carrinho para cada estante, devolvendo livros de volta aos seus lugares certos. Achei a calma na biblioteca, cercada de livros e vozes suaves sussurrando ideias e pensamentos de um lado para o outro.

Inclinando-me, esforcei-me para enfiar um dos livros para trás, grunhindo quando não se movia.

Sapatos pretos de Oxford pararam ao meu lado e minha garganta ficou seca quando eu parei, olhando para cima as calças de terno sob medida e subindo novamente até que vi um rosto.

Gabe Easton.

Eu não o via desde o que aconteceu com o senador. Eu não vi nenhum deles agora que pensei nisso.

Ele inclinou a cabeça para o lado, suas feições frias.

Eu não gostei do quanto ele se elevou sobre mim e eu me levantei, pressionando minha saia preta para baixo, tentando ignorar como minhas mãos tremiam.

Eu não tinha medo dele, mas sua mera presença agitou o fogo do inferno.

Eu avistei James e Arsen parados a alguns metros atrás, casualmente esperando entre as estantes de livros. James, vestindo uma jaqueta de couro surrada e um lábio inferior arrebentado, e Arsen de preto - camisa preta, calça preta, sapatos pretos brilhantes e olhos escuros. Alguns alunos pararam, olhando para a cena.

- Posso ajudá-lo? – Eu arqueei uma sobrancelha para Gabe.

A boca de Gabe se curvou em um sorriso, mas não foi uma gentil. Foi cruel e implacável e fez meu estômago cair. – Precisamos que você venha com a gente.

Isso enviou um arrepio terrível pela minha espinha e me endireitei, mesmo que eu não estivesse nem perto de sua altura impressionante. Sua presença era sufocante, como o inferno e o céu colidindo.

- Eu estou trabalhando. – Eu disse e passei por ele.

Ele riu uma vez, mas eu não parei. Eu dei um breve olhar para James e Arsen enquanto eu caminhava entre eles e em direção ao balcão de circulação.

Quinn estava me observando atentamente, braços cruzados enquanto os garotos me seguiam.

Eu fui até atrás da mesa e tentei ignorá-los, mas eles pararam bem na minha frente com apenas o balcão me separando deles.

Esse foi o retorno? Nathaniel estava procurando vingança? Eu não pensei que ele seria tão insignificante sobre tudo isso. Eu obviamente não importava tanto para ele quanto ele importava para mim.

- O que? – Eu bati, minha paciência quebrando, a única coisa que me restava.

Gabe não falou, apenas olhou para mim.

- Estou tentando trabalhar aqui, – eu disse, respirando profundamente. – Eu já disse isso.

James encostou-se no balcão, passando os dedos pelo cabelo dourado e bagunçado. – Nós podemos esperar. Nós podemos esperar a noite toda.

Eu empalideci. – O que você quer de mim?

– Seu tempo e presença, – Gabe declarou simplesmente. – Nathaniel precisa de você.

Meu estômago revirou com suas palavras e eu sabia que ele me observava de perto, mas eu não consegui esconder a preocupação piscando em minhas feições. – Ele… Ele está bem?

James murmurou e olhou para seus dois amigos. – Eu não sei.

- O idiota está uma bagunça. – Arsen murmurou baixinho.

Minhas mãos enrolaram na minha palma.

- Diga logo de uma vez. – Meu pulso estava acelerado e eu me encolhi ao ver como minha voz tremia.

- Precisamos que você venha conosco. – Gabe disse novamente.

Eu olhei para Quinn.

- Se você precisa ir, Juliette, você pode. Contanto que você queira. – Ele disse, olhando para os garotos na última parte.

Eu cerrei meus dentes, peguei minha bolsa debaixo do balcão e joguei por cima do meu ombro. – OK. Leve-me para ele.

Eu andei ao lado de Gabe e os outros dois garotos andaram atrás de nós. Três homens perigosos me escoltando pelo campus agora escuro.

Arsen pegou as chaves do carro e eu empalideci, observando enquanto elas se aproximavam de um Escalade preto.

James abriu a porta dos fundos e gesticulou para eu entrar primeiro.

Eu hesitei.

- Você vai me machucar? – Minha voz ficou forte, mas minhas mãos tremiam.

Gabe franziu a testa. – Não. Nathaniel nos mataria se nós a tocássemos.

Isso me fez parar.

Com uma respiração profunda, eu marchei para o carro e entrei na parte de trás, deslizando sobre os bancos de couro preto e fresco.

Estava escuro por dentro e Arsen fugiu antes que eu tivesse a chance de colocar meu cinto de segurança.

Nós nos sentamos em silêncio, James me observando com um sorriso no rosto.

- O que você está olhando?

Seu sorriso se alargou. – Só a garota que Nathaniel tem estado obcecado pelo que parecem séculos.

Eu olhei para ele, mas meu coração se contorceu com essas palavras. Obcecando por mim?

O que ele estava falando?

- Vamos lhe fazer algumas perguntas que você precisa responder, – disse Gabe, friamente, cruzando a perna musculosa sobre a outra.

Meu corpo congelou e eu olhei para James, que apenas sorriu.

- OK…

- Quais foram as suas intenções com Nathaniel Radcliffe no verão passado? – Gabe perguntou - frio, rápido, direto.

Eu afinei minha boca, lutando para evitar que minha pele corasse. – Queríamos remover qualquer distração entre nós.

- Foder? – James perguntou, levantando uma sobrancelha.

Eu olhei. – Sim.

- E você conseguiu? Você conseguiu o que desejou? - Gabe perguntou.

Meus olhos caíram para minhas mãos cruzadas no meu colo, meu coração batendo em cada pedacinho do meu corpo. Alto e rápido. – Não.

Gabe franziu a testa. – Não, você não conseguiu o que queria?

Eu tentei manter minha guarda, mas quando eu olhei para os dois me observando eu vacilei. Eu sabia que eles podiam ver a emoção clara em minhas feições.

- Mas você pegou o dinheiro, – disse James. – Ninguém pode recusar os Benjamin Franklins.

Raiva se agitou dentro de mim e eu cavei minhas unhas em minhas coxas. Os olhos de Gabe se lançaram para esse movimento e eu congelei.

- Seu passado—

- Não é o meu futuro, – eu retruquei, cortando Gabe.

O carro ficou em silêncio e eu relaxei contra o assento de couro. Eu não pude olhar para eles.

- Você não pegou o dinheiro, não é, Juliette?

Eu lentamente olhei de volta para Gabe, meu lábio inferior tremendo.

- Não importa se eu fiz, – eu disse, encolhendo os ombros. – Eu não ia arruinar a vida dele. Ele trabalhou muito para que tudo desaparecesse por minha causa.

O silêncio encheu novamente o carro e depois de um momento, Gabe suspirou e se mexeu na cadeira, pegando um telefone. Ele apertou um botão e colocou no ouvido.

Alguém atendeu no terceiro toque. – Sim, imbecil. Nós aprovamos. – Seu olhar mudou para o meu por um segundo. – Sim. Te vejo em breve.

Com isso, ele desligou e se inclinou para trás, olhando para mim.

- Imbecil fodido. – James murmurou baixinho, olhando para Gabe.

Arsen dirigiu rápido, mas suavemente pelo movimentado centro da cidade. Quando ele parou em frente a uma casa de arenito, olhei para cada um deles.

- Vá para dentro. – Gabe me disse, apontando para a casa.

Eu fiz uma careta. Então eles não estavam vindo comigo?

Confusa e com o coração na garganta, desci do carro e subi os degraus perfeitos. Quando cheguei à elegante porta de ferro, abri-a.

Quando olhei para dentro, encontrei um apartamento escuro e vazio. Pisos de madeira antigos, sancas emoldurando cada quarto e uma grande lareira de pedra branca.

Parecia elegante e espaçoso, mas estava completamente vazio de mobília.

Meu peito apertou com a visão de Nathaniel Radcliffe parado no meio do que eu imaginei ser a sala de estar.

Em seu terno sob medida, com o cabelo castanho emoldurando as maçãs do rosto esculpidas e aqueles olhos brilhantes, eu quase caio de joelhos.

- Nathaniel. – Eu sussurrei, odiando quanta emoção existia na minha voz dizendo seu nome.

- Admita. – Seus olhos me examinaram cuidadosamente, procurando por todas as rachaduras na minha armadura.

Eu enruguei minha testa. – Admitir o quê?

- Que você mentiu para mim. – Disse ele, aproximando-se, como se estivesse perseguindo sua presa, sabendo que ele iria me assustar.

Eu engoli em seco e abaixei a cabeça, incapaz de mentir para ele novamente.

- Você nunca pegou o dinheiro. – Sua voz era ainda controlada, e eu o odiava por isso. O calor de seu corpo me aqueceu quando ele parou na minha frente e eu olhei para seus sapatos estúpidos perfeitos.

Lentamente, levantei a cabeça, a queimação se intensificando nos meus olhos. – Ela ameaçou seu futuro. Ela disse que iria tirar tudo de você… Eu não poderia ser a razão pela qual você perdeu o que você trabalhou tão duro para conseguir. – Eu lambi meus lábios, o olhar aquecido que ele estava me dando enviando meu pulso acelerado. –

Eu sei o quão importante é o seu futuro e eu não seria a razão de você perder isso.

Lágrimas caíram, correndo pelas minhas bochechas. Eu limpei alguns fora. Eu não conseguia lembrar a última vez que chorei abertamente na frente de alguém.

- Eu meio que esperava ficar cansado de você, – ele afirmou friamente, mas seus olhos brilhantes e quentes me perfuraram. – Depois de anos te desejando, eu pensei que se tivesse você, eu poderia seguir em frente. – Ele lambeu o lábio inferior e eu o vi engolir visivelmente. – Mas foi o oposto. O completo oposto.

Meu coração apertou com força em suas palavras.

Quando seus dedos limparam mais algumas lágrimas no meu rosto, ele se aproximou, suas mãos embalando minhas costas. – Eu amo você, Juliette. E eu escolho você. Eu sempre escolherei você. – Ele disse, por uma vez - sua voz não era calma, mas cheia de emoção, eu quase me afoguei.

Eu balancei a cabeça, piscando através das lágrimas. – Mas sua herança… tudo.

Seus lábios se curvaram e seus dedos alisaram meu lábio inferior. – Você tem pouca fé em mim? Nós debatemos um contra o outro há anos, Juliette. Eu só precisava negociar com minha mãe. Ela estava manipulando você quando ela disse que ia levar tudo embora, ela nunca faria isso. Seu maior desejo é que eu assuma o negócio imobiliário. Ela só queria assustar você. Então eu fiz um acordo com ela; eu tenho você e vou administrar o clube de campo depois da formatura.

Eu olhei para ele em completo choque e admiração. – Nathaniel— eu só pude dizer seu nome, uma e outra vez, uma canção para o meu coração, mente e corpo. Eu estava em choque. Eu não conseguia pensar ou falar corretamente, mas olhei para o homem que poderia abalar o meu mundo.

- Se eu quero ser seu marido um dia, sei que vou ter que negociar todos os dias para mantê-lo feliz. – Disse ele, sorrindo um daqueles raros sorrisos que eu adorava.

Eu ri sem rodeios, tonta e balancei a cabeça. – Você nem é meu namorado.

Ele pressionou a testa na minha. – Eu sou um bastardo ganancioso e mimado, Juliette. Eu examinei os riscos e você vale a pena.

- Você sabe, isso, nós, nosso caso de verão, nunca foi sobre me livrar de distrações para mim.

Eu fiz uma careta, confusa. – Você disse-

- Eu menti, – disse ele com uma inclinação de sua boca pedindo desculpas. – Sempre foi apenas uma razão para se aproximar de você. Eu tenho meus olhos fixos em você desde o começo, Juliette. Mas nunca foi o momento certo para se aproximar de você. Até lá, você estava limpando meu quarto na propriedade, longe da faculdade, longe das expectativas e dos olhos curiosos. Houve uma oportunidade e eu aceitei, esperando que você acabasse me querendo mais do que apenas sexo.

- Você está mentindo, canalha, – eu disse, com um sorriso. Ele deu de ombros e eu bati em seu peito de brincadeira. Lágrimas caíram dos meus olhos e eu tomei sua boca em um beijo brutal e contundente. Todas as minhas emoções presas, todas as minhas esperanças e sonhos, eu as senti quando estava com ele. – Eu também te amo, Nathaniel.

Seu sorriso foi o maior que eu já vi ele usar, a mão segurando a parte de trás da minha cabeça. – Diga isso de novo.

Eu ri, revirando os olhos. – Eu te amo.

- Novamente. – Ele disse imediatamente, os olhos brilhando de admiração e admiração.

Eu levantei uma sobrancelha. – Não deixe isso subir para sua cabeça agora, Nathaniel Radcliffe.

Seus lábios se inclinaram para um lado. Então, ele beijou minha testa com ternura. – Você é meu futuro, Juliette.

Eu o beijei novamente, mas parei, olhando para o quarto. – Por que estamos aqui afinal? Está vazio.

- Porque, – disse ele, segurando minha mão e arrastando-me pela sala de estar. – Vamos preenchê-lo.

Meus olhos dispararam para os dele. – O que?

- Eu comprei isso para nós. Isso é só se você estiver pronta para dar esse passo, – ele disse, apertando minha mão. – Como eu disse, sou

um bastardo ganancioso.

Olhei para as tábuas do assoalho e as paredes brancas e então me virei para olhar de volta para ele. Eu não precisava de uma casa, mas eu precisava dele.

Ele era minha casa.

Eu passei meus braços em torno de seu meio e acariciei seu nariz. – Mais como um deus sujo.

Epílogo

Cinco Anos Depois - Nathaniel

Meu coração tinha dois cenários: nada ou muito. Nada no meio e no dia em que vi Juliette Monroe, seu olhar como o de um exército romano e sua mente mais afiada que suas espadas, eu sabia que queria tudo dela ou nada.

Desde tenra idade, minha mãe sempre elogiou minha decisão. Eu nunca me interessei por coisas. Peguei tudo em minhas mãos - e o destruí em peças sem valor ou conquistei até ganhar.

Sendo filho único, passei a maior parte do tempo com adultos e aprendi como as pessoas brigavam em suas conversas. Palavras delicadas e afiadas. Tanto não dito abaixo da superfície. E uma vez que decidi que a queria, não havia como voltar atrás.

Seu cabelo preto estava amarrado em um rabo de cavalo solto, os fios grossos e brilhantes. Cabelo eu queria envolver meus dedos e ver o quanto eu poderia puxar.

Ela enrolou seus lábios deliciosos entre os dentes e mordeu, o sangue correndo para a superfície, fazendo com que eles se tornassem uma cor mais escura e sensual.

Ela se abaixou na frente das estantes, sua saia preta ondulando ao redor de suas coxas, mostrando a delicada curva de suas coxas - suave e forte de uma só vez.

Uma coxa que eu queria beijar e chupar e morder.

Meu pau tinha endurecido com a visão dela, seus dedos roçando a borda do livro gasta, sua outra mão tocando seu lábio inferior enquanto ela examinava os títulos.

Quando a boca dela balbuciou cada título, eu cerrei minhas mãos ao meu lado.

No meu segundo dia em Yale, encontrei uma beleza escondida entre os corredores de seus livros sagrados.

E então ela se levantou, puxando um livro da prateleira e se virou, a saia dançando em torno daquelas coxas cremosas.

Quando assisti ao primeiro modelo de debate da ONU no campus na noite seguinte, fiquei chocada ao ver a morena de pé na minha frente.

O jeito que ela falou - me ensinando, desafiando-me - fez meu pau endurecer a um grau insuportável. Eu agarrei o suporte, meus dedos ficando brancos, me impedindo de agarrá-la.

Cada vez que ela falava, eu lutei para trás e a faísca em seus olhos era um ponto alto que me viciei.

Escondido na biblioteca do nosso dormitório, a sociedade secreta a que me juntei, juntamente com James, Gabe e Arsen, dominava o campus. O poder mudou quando fomos deixados dentro da sociedade. Como os três garotos que já possuíam tanta riqueza e poder político de seus dias de internato e sendo vistos publicamente os empurraram para além dos anos superiores.

Logo, os quatro de nós fomos os que lideraram os leões.

Como passatempo, os meninos gostavam de reivindicar as meninas que estavam interessadas.

Eu não perdi um momento. Eu reivindiquei Juliette como meu território e eu sabia que se ela descobrisse que eu tinha, ela cortou minhas bolas e as enviou para mim com uma citação de um de seus livros de história. Os meninos recuaram após a minha reivindicação e eu continuei a lutar com ela em todas as aulas, em todos os debates.

Eu queria sua raiva, queria sua frustração e respeito.

E eu tive isso.

Tudo isso.

Afrouxei minha gravata enquanto o motorista estacionava na nossa casa. Eu estive no exterior nos últimos cinco dias em uma viagem de negócios. Eu tinha oferecido a Juliette para vir, mas ela queria se concentrar em terminar seu programa de pós-graduação em Direito.

Minhas unhas cravaram em minhas coxas ao pensar nela, apenas falando pelo telefone desde que eu tinha ido embora. Eu precisava dela agora. Eu precisava beijá-la, adorá-la e abraçá-la. Cinco anos se passaram, nós dois nos formamos em Yale e eu administrava o negócio de hotéis de minha mãe, além de conversar com Gabe sobre concorrer a prefeito de Boston. Gabe, o homem estava sempre planejando, sempre chegando mais longe para proteger todos os seus

jogadores onde ele queria. O homem que me pediu para ser seu futuro companheiro de chapa quando um dia ele concorreria à presidência.

- Tenha uma boa noite, senhor. – Disse o motorista enquanto estacionava o carro.

Eu balancei a cabeça, pegando minha mala do porta-malas e subindo os degraus de pedra até a nossa casa.

Quando entrei na entrada da frente, o silêncio me cumprimentou e a casa estava escura.

- Juliette? – Eu chamei, colocando minha mala na porta da frente.

Eu tirei meu casaco e coloquei na parte de trás do sofá branco.

Um suspiro encheu a sala e eu olhei para ver Juliette em pé na frente da nossa bancada de granito na cozinha, um copo de vinho tinto na frente dela.

Eu não falei quando me aproximei dela.

Ela não olhou para mim, seus dedos alisando ao longo do vidro brilhante. O anel de diamante em sua mão esquerda brilhava na iluminação baixa.

Eu pressionei minhas mãos no balcão e olhei para ela, dando-lhe tempo para falar, o tempo que ela precisava para se abrir para mim.

Ela fungou novamente. – Vamos ter que mudar tudo.

Eu levantei uma sobrancelha. – Mudar tudo para o que?

Seus olhos se ergueram para mim - vermelhos e cílios atados com gotículas. – O casamento.

Meu peito apertou e me endireitei, tentando entender o que estava acontecendo. – Podemos adiar, se você não estiver pronta.

Eu engoli meu orgulho, engoli minha dor. Se ela precisasse de mais tempo, eu esperaria.

Eu sempre esperaria por ela.

Eu sabia que tinha sido tensa entre minha mãe e ela enquanto falavam sobre o casamento, mas elas eram civis. Juliette ainda tinha raiva da minha mãe por mentir e me dizer que Juliette pegou o dinheiro e eu não a culpei. Eu duvidava que elas estivessem próximas

e eu estava completamente bem com isso.

Em vez de aliviar o rosto de Juliette, ela começou a chorar, um grito escapando de seus lábios trêmulos.

Eu andei ao redor do balcão e puxei-a em meus braços, escovando o cabelo pelas costas. – Juliette, o que há de errado?

Ela soluçou, esfregando o rosto na minha camisa, fazendo com que o tecido umedecesse.

- Estou grávida. – Ela sussurrou e ela agarrou minhas mangas.

Meu coração parou no meu peito e eu olhei para ela. Grávida?

- Mas você estava tomando pílula. – Eu disse de volta para ela.

Seus olhos se afiaram. – Bem, eu acho que falhou. – Ela empurrou seu caminho para fora do meu abraço e agarrou o copo de vinho.

Eu olhei para ela e depois para o copo de vinho no balcão.

Ela olhou – Eu não estou bebendo. Eu estou apenas de luto.

Eu sorri.

Ela apertou a mão na testa e balançou a cabeça. – Eu não posso estar grávida. Agora não. Nós dois temos nossas carreiras e há tantas metas que ainda precisamos alcançar. Nós não deveríamos sequer começar a tentar por uma criança por mais sete anos.

- Sete anos? – Perguntei, incrédulo. – Quando nós discutimos a espera por tanto tempo?

Ela levantou as mãos e caminhou ao longo da cozinha enquanto eu me encostava no balcão, observando-a em silêncio. – E o casamento é daqui a seis meses! Eu não vou conseguir entrar no meu vestido de noiva. Eu estarei enorme, inchada e hormonal.

- Eu vou alegremente te levar até o altar, se for preciso. – Eu disse a ela, sem esconder meu sorriso.

Ela fez uma pausa, me lançando um olhar de fúria. – Você não tem permissão para me tocar por mais sete meses. Você me engravidou! De propósito!

Eu ri. – Bem, eu sempre disse que queria ver você grávida e descalça em nossa cozinha.

Ela deu um tapa no meu braço. – Isso não é engraçado!

Eu peguei seu pulso antes que ela voltasse a andar e a puxei para o meu corpo, envolvendo minhas mãos ao redor de sua parte inferior das costas.

Suas mãos automaticamente foram para o meu peito, segurando minha camisa em punhos.

Meus dedos arrastaram ao longo da parte inferior de sua espinha e para cima e ela se inclinou em meu toque, gemendo.

- É por isso que eu não queria que você me tocasse, – ela engasgou quando meus dedos alcançaram a parte de trás do seu pescoço, dobrando-o para que minha boca encontrasse a dela. – Estou com tesão por sua causa.

- Eu sou um canalha, eu sei, querida. – Eu sussurrei e a beijei suavemente, meus dedos massageando seu couro cabeludo delicadamente.

Eu acariciei sua bochecha manchada de lágrimas, perseguindo o toque com outro beijo. – Não se preocupe com o casamento. Não se preocupe com o que havíamos planejado, Juliette. – Minha mão caiu sobre o peito, palpitando logo acima do seio. – Você é meu futuro. O único que interessa. Você sabe disso. E agora esse aqui, – eu disse com a mão no estômago dela. – É parte desse lindo futuro também, e eu não poderia estar mais feliz.

A vermelhidão encheu seus olhos e ela irrompeu em um soluço, beijando meu rosto loucamente de novo e de novo e eu sorri para sua afeição.

- Eu te amo, eu te amo, eu te amo, seu filho da mãe. – Ela sussurrou entre beijos.

- Então se case comigo esta noite. – Eu murmurei em seus lábios.

Seus olhos se arregalaram e sua boca se abriu, mas eu apertei a mão.

- Ouça, por favor. – Sua boca relaxou sob o meu toque e eu respirei profundamente. – Nós não precisamos de um grande casamento, não o que minha mãe e suas amigas socialites têm planejado para nós. Nós só precisamos de nós. Você e eu. – Minha mão deslizou entre nós e acariciou sua barriga lisa. – Eu te amo agora. Eu te amo sempre. Case-se comigo esta noite. Eu vou te tornar uma mulher “honesta” antes de escandalizar minha mãe mais do que já temos.

Chamar você de Senhora Radcliffe me fará um canalha feliz.

Ela riu na minha mão, as lágrimas rolando livremente pelo seu rosto até que elas batessem na minha mão.

Quando eu deixei cair, ela pulou na ponta dos pés e me beijou, deixando suas ações falarem as palavras entre nós.

Hoje à noite, ela se tornaria Juliette Radcliffe.

E nenhum nome de família, agenda política ou quantia de dinheiro valeria a pena poder amar Juliette todos os dias - até o dia em que eu morresse.